



# FESTA DO BONFIM

A MAIOR MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA POPULAR DA BAHIA





# FESTA DO BONFIM

---

A MAIOR MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA POPULAR DA BAHIA



Ministério  
da Cultura





PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luís Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA

Juca Ferreira

PRESIDENTE DO IPHAN

Luiz Fernando de Almeida

CHEFE DE GABINETE

Weber Sutti

PROCURADOR CHEFE GERAL

Antonio Fernando Alves Leal Neri

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

Marcia Sant'Anna

DIRETOR DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO

Dalmo Vieira Filho

DIRETOR DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

José do Nascimento Junior

DIRETORA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Maria Emília Nascimento Santos

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO

Márcia Helena Gonçalves Rollemberg

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO IPHAN NA BAHIA

Carlos Amorim

COORDENADOR TÉCNICO DO IPHAN NA BAHIA

Bruno Cezar Tavares Sampaio

SUPERVISÃO TÉCNICA DO PROJETO

Ivanirce Gomes-Wolf

PESQUISA E TEXTO

Edilece Couto

Fernanda Reis

Milton Moura

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Regina Helena Soares

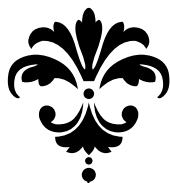
PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Walter Mariano



Ministério  
da Cultura





# Sumário

5	<b>APRESENTAÇÃO</b>
	<b>A HISTÓRIA</b>
7	1. Referências históricas do culto
9	2. A irmandade: Devoção de Nosso Senhor do Bonfim
10	a. A construção da Igreja do Senhor do Bonfim
12	b. O interior da Igreja do Senhor do Bonfim
15	c. Saídas da imagem do Senhor do Bonfim
16	d. A fita do Senhor do Bonfim
18	e. Os Estatutos da Devoção do Senhor do Bonfim
	<b>A LAVAGEM DO BONFIM NO SÉCULO XIX</b>
23	1. Origem
25	2. Olhar estrangeiro
27	3. A proibição
	<b>A FESTA DO BONFIM NA CONTEMPORANEIDADE</b>
30	1. Alguns testemunhos notáveis
43	2. O fluxo do cortejo
53	3. A festa chega ao Bonfim
56	4. A composição
57	5. A indumentária
58	6. A culinária
59	7. A música
61	8. A fé
63	9. Os Ternos de Reis
64	10. O sentido da Festa do Bonfim
66	11. A modernização da cidade e os desafios de gestão da Festa do Bonfim
69	12. A Festa do Bonfim em outros lugares do Bonfim e do mundo
71	13. Recomendações de salvaguarda
75	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>
77	<b>FONTES</b>
78	<b>REFERÊNCIAS</b>



# Apresentação

A Festa do Bonfim, objeto desta pesquisa, que visa ao inventário e registro da principal manifestação religiosa popular dos baianos como patrimônio cultural brasileiro, homenageia o Jesus Crucificado, o Senhor do Bonfim, e acontece no mês de janeiro, após a Epifania, o dia 6 dedicado aos Santos Reis.

O culto teve início na Igreja de Nossa Senhora da Penha, em 1745. O conjunto arquitetônico da Penha havia sido recentemente construído (1741) e incluía a residência de verão do arcebispo e a capela, sendo assim conhecido como Palácio do Arcebispo. Serviu ainda de moradia para o arcebispo Dom José Botelho de Mattos.

A Igreja da Penha abrigou a imagem do Senhor do Bonfim, trazida de Setúbal, Portugal, pelo capitão de mar e guerra Theodósio Rodrigues de Faria, e a irmandade de portugueses chamada Devoção de Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim. Como frequentemente acontecia, uma irmandade recém-criada venerava o seu patrono no altar lateral de um templo já existente até angariar fundos para a construção do seu próprio local de culto. Os irmãos escolheram a Colina de Monte Serrat para a edificação de sua igreja. Em 1754, foi concluída a obra da capela do Senhor do Bonfim na Colina, que, por sua vez, passou a ser chamada Colina do Bonfim.

Entretanto, o culto começou a atrair fiéis de toda Salvador e também das ilhas da Baía de Todos os Santos e cidades do Recôncavo, extrapolou o espaço da Península de Itapagipe, onde está localizada a igreja, para ganhar as ruas da Cidade Baixa. A irmandade perdeu grande parte do domínio sobre o culto, afinal, um dia específico – a segunda quinta-feira após o dia de Reis – se afirmou, a partir do início do século XIX,

como a data da lavagem do templo, ato associado ao culto de Oxalá<sup>1</sup>.

A maioria das festas do catolicismo tem início com a novena e o ponto alto na procissão do santo homenageado. A Festa do Bonfim também tem a sua finalização com a procissão do domingo, quando a imagem peregrina do Senhor do Bonfim e imagens de santos, como Nossa Senhora da Guia, em andores enfeitados de flores, são carregados pelos devotos e guiados por padres e irmãos da Devoção de Nosso Senhor do Bonfim. O préstito sai do Largo de Roma e se dirige a Colina do Bonfim. Em 2010, os andores, guardados na capela da Fundação Irmã Dulce até o final da tarde, foram retirados, sob aplausos dos fiéis, dando início a caminhada.

No entanto, para grande parte dos devotos e estudiosos da Festa do Bonfim, o ápice da demonstração de fé acontece no momento em que se lavam as escadas da igreja. A Lavagem do Bonfim, que acontece na quinta-feira, no meio da programação católica, é um cortejo formado por baianas e diversas manifestações culturais, sem imagens de santos ou do Jesus Crucificado. O ato ganhou grande proporção tanto em relação ao número de parti-

---

<sup>1</sup> Oxalá é o orixá associado criação do mundo e da espécie humana. Simboliza a paz, é o pai maior nas nações das religiões de tradição africana. É calmo, sereno, pacificador; é o criador e, portanto, é respeitado por todos os outros Orixás. Apresenta-se de duas maneiras: moço (*Oxaguian*) e velho (*Oxalufan*). Os símbolos do primeiro são uma idá (espada), “mão de pilão” e um escudo; o símbolo do segundo é uma espécie de cajado em metal, chamado *opaxorô*. A cor de Oxaguian é o branco levemente mesclado com azul; a de Oxalufan é somente branco. O dia consagrado para ambos é a sexta-feira. Saudação: ÈPA BÀBÁ!



Igreja do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

cipantes, quanto no significado religioso, especialmente entre os afro-descendentes e adeptos do Candomblé, e se tornou uma manifestação de fé tão importante que, muitas vezes, suplantou os atos católicos realizados dentro da igreja. Esse é também o momento de maior visibilidade das homenagens ao Senhor do Bonfim.

Para lavar o adro do templo, as baianas, mulheres vestidas à maneira africana, levam cântaros com água de cheiro (água perfumada com flores e plantas aromáticas). São acompanhadas de carroças enfeitadas e puxadas por equinos, grupos musicais e manifestações culturais (Mascarados, Bumba-meu-boi, Burriinha, etc.). Esse cortejo se realiza numa extensão de, aproximadamente, 8 km, percorrendo a Cidade Baixa de Salvador. Tem início no Largo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia e término na porta da Igreja do Bonfim.

O cortejo é recebido com fogos, chuva de papel prateado, execução do hino ao Senhor do Bonfim e muitos vivas a Jesus e Oxalá. Com a água de cheiro, as baianas lavam a escada e o adro da igreja e molham as cabeças dos devotos a fim de benzê-los e purificá-los, para que alcancem as graças divinas e estejam abençoados durante o ano que se inicia.

Neste dossiê, o leitor encontrará um relato da história da festa e uma análise dos seus significados na atualidade. O texto é composto de três partes. A primeira traz o histórico da Festa do Bonfim,

da origem, no século XVIII, ao início do século XX. Evidenciamos a formação da irmandade Devoção de Nosso Senhor do Bonfim como propagadora do culto ao Jesus Crucificado na Bahia e seu papel na formação da infra-estrutura (abertura de estrada e pavimentação de ruas) e na construção da igreja, casa dos romeiros e demais obras arquitetônicas necessárias ao desenvolvimento das atividades religiosas na Península do Itapagipe.

A segunda é dedicada à Lavagem do Bonfim, desde seu início no século XIX. Destacamos os significados desse ritual para os participantes, especialmente os adeptos das religiões afro-brasileiras, e também as críticas e interdições por parte da Igreja Católica.

A terceira trata dos festejos na contemporaneidade, do século XX aos dias atuais. Essa parte traz trechos de relatos de participantes da festa, especialmente de literatos, historiadores e antropólogos, descrição e análise dos elementos essenciais: cortejo, composição dos envolvidos (devotos, espectadores, profissionais), indumentária, culinária, música e Ternos de Reis, assim como a identificação e análise dos sentidos da festa para os diversos segmentos sociais que a compõem. O leitor terá ainda acesso a um mapeamento das homenagens ao Jesus Crucificado em outras cidades da Bahia, no Brasil e em outros países. Por fim, apresentamos os desafios de gestão dos festejos e algumas indicações de ações para a sua salvaguarda.

# A História

## 1. REFERÊNCIAS HISTÓRICAS DO CULTO

A cidade do Salvador, primeira capital do Brasil, teve, desde a sua fundação, um forte apelo religioso. Os portugueses implantaram um catolicismo tradicional – de raízes ibéricas, medieval e nitidamente marcado pela força do laicato, o que se pode notar no culto aos santos. Isto incluía pomposas festas no interior das igrejas, que se espalhavam por adros, escadarias e tomavam as ruas em alegres procissões, plenas de andores com imagens ornadas de jóias e flores, fiéis vestidos com capas e insígnias das diversas irmandades e confrarias.

Dentre os santos de devoção, Nossa Senhora, nas suas diversas invocações, tinha lugar de destaque Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Império Português e do Brasil. São Francisco Xavier é o padroeiro de Salvador desde o século XVII, mas sempre foi um santo de pouca popularidade, uma vez que a sua escolha como patrono da cidade não atraiu a atenção nem o culto de grande parte da população.

À semelhança do que ocorre com a Virgem Maria, invocada sob inúmeros e sugestivos nomes, Jesus Cristo figura no hagiológico católico sob títulos igualmente variados e expressivos. Um deles, muito difundido em Portugal e no Brasil, é o de Senhor Jesus do Bonfim, pelo qual também se invoca a imagem do Jesus crucificado. Não há como negar que quem ocupou o posto de padroeiro de Salvador, de forma não oficial, foi o Senhor do Bonfim, assim chamado carinhosamente pelos baianos. Moisés Espírito Santo, estudioso do catolicismo em Portugal, afirma que é a aldeia quem faz o santo, que “[...] só existe pela vontade dos seus fiéis e ele é o que a aldeia ou o grupo de fiéis quer que ele seja”<sup>2</sup>. Tanto isso

é verdade que as festas e romarias não dependem da oficialização da santidade de um determinado indivíduo pela Igreja Católica. Elas começam antes mesmo do fim do processo canônico e muitos “santos” são venerados à revelia da instituição.

O Senhor do Bonfim é, muitas vezes, venerado como santo. Na Idade Média, dois momentos eram especiais para as homenagens ao filho de Deus: o Natal e a Páscoa. Ou seja, levava-se em conta seu nascimento e a paixão e, assim, cultuava-se com mais frequência o Menino Jesus ou o Crucificado. No Brasil colonial e imperial, permaneceu essa forma de compreensão. Foi, a partir da Proclamação da República, que setores da Igreja Católica, preocupados com a separação entre a instituição e o Estado, insistiram na implantação de um culto ao Jesus adulto, novo “Imperador do Brasil”. A imagem do Cristo Redentor no Rio de Janeiro pode ser compreendida como uma expressão desse esforço.

Essa atitude não estava desvinculada da Santa Sé, que há muito insistia na ênfase do Cristo redentor e libertador dos evangelhos, questão retomada, inclusive, pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), pelas conferências episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979) e pela Teologia da Libertação. Entretanto, essas discussões e atitudes tomadas pela hierarquia eclesial não atingiram de modo expressivo o conjunto dos fiéis. Podemos tomar como exemplos disso o fato de

---

<sup>2</sup> ESPIRITO SANTO, Moisés. *A religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990, p. 115.

que a imagem do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, se tornou apenas um local de visitação turística e não de peregrinação religiosa, enquanto, na Bahia, se manteve o culto nos moldes coloniais, especialmente ao Crucificado, a quem os devotos se referem como “São Bom Jesus” como um santo entre outros, e não o próprio Filho de Deus.

O culto ao Senhor Bom Jesus do Bonfim, na Bahia, nasceu em 1740, com a vinda a Salvador do Capitão de Mar e Guerra, o português Theodósio Rodrigues de Faria, em 1740, proprietário de três barcos que faziam a rota comercial pela costa da África e membro do comitê de administração<sup>3</sup>. Oportunamente, deter-nos-emos sobre a biografia desse personagem. Nesse período, pontificava Bento XIV, sob o reinado em Portugal de D. João V, enquanto governava a colônia na Bahia o Vice-rei, André Melo e Castro, Conde dos Galveias.

O capitão, pela grande devoção que tinha ao Senhor do Bonfim, através da imagem que se venera em Setúbal (sua cidade natal), em Portugal, trouxe de Lisboa uma semelhante àquela, medindo 1,06 de altura, e, compondo o conjunto escultórico, um aparelho de prata (com barra decorativa, ponteiras, cartela com inscrição INRJ, resplendor, cravas com pedras preciosas, coroa de espinhos, mandorla e uma pequena placa onde se lê “feita no anno de 1853, sendo thesoureiro Manoel Martins Torres”), e, com permissão do Arcebispo Dom José Botelho de Matos, fê-la colocar e expor à adoração dos fiéis. O motivo principal de Theodósio foi “eternizar a graça de não ter morrido no naufrágio da embarcação que o trazia de Portugal à Bahia”.<sup>4</sup> Juntamente com outros portugueses, fundou uma irmandade, chamada Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, na Igreja da Penha, também na Cidade Baixa de Salvador.

Não há elementos para que se possa duvidar da fé de Theodósio de Faria e de que ele foi o principal responsável pela implantação do culto do Senhor do Bonfim e da criação da Devoção em Salvador. Entretanto, há controvérsia sobre a sua parcela de ajuda na construção da igreja. José Eduardo Freire de Carvalho Filho, tesoureiro da irmandade entre 1884 e 1934 e autor do livro *A Devoção do Senhor J. do Bom-Fim e sua história*, de 1923, afirma que o templo foi fundado pelo capitão. Por sua vez, Carlos Ott<sup>5</sup> acredita que seu papel foi secundário, uma vez que financiou apenas a ornamentação. Contudo, o corpo de Faria está sepultado na nave do templo e, ainda hoje, os membros da Devoção creditam a ele a fundação do culto.

Um ano após o início da devoção, em 1746, deu-se início a construção da capela no Alto do Monte Serrat,

pertencente à paróquia de Santo Antônio, e que ficaria conhecido como Colina do Bonfim. A igreja só ficou pronta em 1754. No dia de São João, 24 de junho desse ano, os devotos tiveram bons motivos para fazer os festejos juninos, com mais brilho e foguetes ainda mais intensos, pois a imagem do Senhor do Bonfim foi transladada da Igreja da Penha para a capela própria no Alto do Bonfim. No altar-mor, também foi colocada uma imagem de Nossa Senhora da Guia.



Imagem de Nosso Senhor do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Pouco se sabe da biografia de Theodósio Rodrigues de Faria, primeiro benemérito da Devoção. Os trabalhos que tratam da Igreja do Bonfim e/ou da sua festa, normalmente, enaltecem a patente de Capitão de Mar e Guerra. No entanto, fomos instigados a saber mais sobre esse personagem. Sabemos que foi um importan-

<sup>3</sup> FRANÇA, Rosa Alice. *As Cores do Bonfim*. Salvador, 2003, p. 104.

<sup>4</sup> Idem, p. 106.

<sup>5</sup> OTT, Carlos. A transformação do culto da morte da Igreja do Bonfim em santuário de fertilidade. *Revista Afro-Ásia*. Salvador: CEAO, nº 8-9, 1969, p. 35.



te traficante de escravos, mas essa função não aparece nos escritos sobre a Devoção, provavelmente por não se configurar como honrosa aos olhos dos cronistas. Porém, o fato de o fundador do culto ao Senhor do Bonfim traficar escravos não deve ter sido visto com estranhamento pelos seus contemporâneos e irmãos de culto. Afinal, os membros da irmandade faziam parte da elite e a Igreja Católica não era contrária à escravidão enquanto instituição e outros traficantes do mesmo período tinham devoção ao Jesus Crucificado.

No século XVIII, havia uma regra que determinava a presença de capelães nos navios mercantes. Acreditava-se que a coroa portuguesa foi pioneira no cumprimento dessa ordem, embarcando sacerdotes nos navios negreiros desde 1684. Porém, em 1813, apesar da existência da lei, poucos relatos apontam a presença de padres a bordo dessas embarcações, devido, em grande parte, à pequena quantidade de clérigos na costa da África que se dispusessem a viver embarcados. Apesar da dificuldade para se manter um culto oficial em alto mar, não diminuíam a fé e os apelos a Deus, Jesus Cristo e aos santos para que a viagem chegasse a um bom fim. Os ex-votos, plenos de cenas contendo mar, barcos e tormenta, são testemunhas das promessas feitas a bordo. Em terra firme, são inúmeros os exemplos de igrejas e oratórios erguidos em agradecimento.

Na Bahia setecentista, os traficantes e marinheiros tinham especial devoção a São José. Na Igreja de Santo Antônio da Barra, foi fundada uma irmandade pelos comerciantes da Costa da Mina. Porém, não deixavam de cultuar também o Jesus Crucificado, prova disso são os inúmeros ex-votos esculpido em madeira, com cenas de viagens marítimas e tormentas, presentes no Museu dos Ex-Votos, cuidado pela Devoção do Senhor do Bonfim, e os relatos de peregrinações à colina sagrada e entrega de esmolas por parte dos marinheiros.

José Eduardo Carvalho Filho nos revela que, no tempo da navegação a vela, os marujos, descalços, entoando cânticos religiosos e carregando um pano da embarcação, costumavam sair em procissão do cais em direção ao Bonfim. Pelas ruas que percorriam, recolhiam esmolas. Ao chegarem ao adro, colocavam preço no pano e contavam o dinheiro recebido. Se o valor não fosse correspondente ao estabelecido pelo pano, completavam. Se, ao contrário, a quantia excedesse, tudo era entregue para o cumprimento da promessa. Entravam no templo, faziam as orações e depositavam a oferta no cofre.<sup>6</sup>

Sabemos de, pelo menos, dois traficantes de escravos na Cidade do Salvador, Theodozio de Faria e Salvador de Brito Ribeiro, que demonstraram a fé no Senhor

do Bonfim, a quem recorriam para pedir providências para o bom andamento dos seus negócios.<sup>7</sup> Segundo Carvalho Filho<sup>8</sup>, Theodozio de Faria foi também Administrador dos Fumos, cargo criado pelo Marquês de Pombal para inspecionar o produto e separar o de primeira qualidade, que seria exportado para a Europa, e o de segunda que teria a África como destino.



Museu de Ex-votos, Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

## 2. A IRMANDADE: DEVOÇÃO DE NOSSO SENHOR DO BONFIM

Para promover o culto ao Jesus Crucificado, reuniram-se junto ao capitão cidadãos do mesmo grupo social, formando uma associação de devotos. Para tal fim, pediram licença ao ministro dos negócios religiosos.

<sup>6</sup> CARVALHO FILHO, op.cit., p. 28.

<sup>7</sup> RODRIGUES, Jaime. Cultura marítima: marinheiros e escravos no tráfico negreiro para o Brasil (sécs. XVIII E XIX). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, nº 38, 1999, p. 41.

<sup>8</sup> CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. *A devoção do Senhor J. do Bom-Fim e sua História*. Salvador: Typ. de São Francisco, 1923, p. 10-12.

A intenção era fundar a Irmandade do Senhor do Bonfim, que tinha como objetivo propagar sua devoção.

A história da devoção ao Senhor do Bonfim nos revela que, apesar de diversos pedidos de licença e da constituição oficial da Mesa (juiz, escrivão, tesoureiro, procuradores, zeladores e benfeitores, como também mordomos e juiz da festa), não se conseguiu jamais a aprovação oficial nos anos de 1793, 1836, 1854, 1872, 1885 e 1894. Parece que as dificuldades fazem parte de toda a constelação que configura a relação Estado-Igreja. Tudo leva a crer que o poder eclesiástico era contra uma nova irmandade, associação leiga para o culto, uma vez que não teria controle sobre a mesma. Encontramos certos acordos até o ano de 1918, depois de 172 anos de luta interna, quando chegou a aprovação oficial da “Associação Católica” da Devoção do Senhor do Bonfim. D. Jerônimo Tomé da Silva aprovou os estatutos no dia 2 de dezembro de 1918.<sup>9</sup>

Uma análise empreendida a partir dos diversos livros, bem como da situação oficial, aponta como objetivo principal do grupo da Devoção ao Senhor do Bonfim a mesma finalidade original, ou seja, propagar o culto ao Senhor do Bonfim no seu aspecto cultural: zelo pela igreja ou basílica e pelo brilho da festa religiosa.

#### a. A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DO SENHOR DO BONFIM

Com o crescimento do culto e dos milagres atribuídos ao Senhor do Bonfim, afluíam de todas as partes romarias de fiéis ao santuário e cresciam os donativos, o que animou a associação de devotos a empreender a construção de uma capela em local elevado, aprazível e não muito longe da cidade, para que fosse mais acessível aos devotos que vinham de longe.<sup>10</sup>

A razão da escolha foi a beleza do sítio e sua disposição topográfica: assim mesmo, teve como ponto de partida as propriedades mais estáveis em relação com a paisagem. Trata-se de uma colina, um sítio elevado, o Alto de Monte Serrat. Após a construção do templo, passou a ser conhecido como alto ou colina do Bonfim, permitindo que o santuário seja visto de muitos pontos da cidade, inclusive, desde a Baía de Todos os Santos.

Em 1745, foram iniciadas as obras. A sua arquitetura seguiu o modelo das igrejas portuguesas do século XVIII e XIX. No dia 24 de junho de 1754, por ocasião da festa de São João Batista, após a conclusão das obras internas, a imagem foi trasladada da capela da Penha para a colina do Bonfim, em imponente procissão. Na ocasião, governava a Bahia o 10º Conde de Atouguia

e VI Vice-Rei, que prestigiou a solenidade com toda a população da cidade. Após a missa festiva, foi colocada a imagem no trono, em um nicho, assim como a de Nossa Senhora da Guia, que o Capitão também trouxe de Portugal, juntamente com o Senhor do Bonfim.<sup>11</sup>

Em 1798, a Devoção construiu a estrada (atual avenida) dos Dendezeiros, drenando o brejo que esta atravessava, com a utilização de uma espécie de palmeira (dendezeiros), capaz de secar terrenos alagadiços.



Av. Dendezeiros. FERREZ, Gilberto. Bahia: velhas fotografias.

Em 1810, foi construída a então denominada Ponte de Pedra, a atual ladeira do Bonfim, notável obra de alvenaria, destinada a facilitar o acesso dos romeiros. Em 1849, as “Casas dos Romeiros” já estavam construídas.



Ladeira de acesso à Colina do Bonfim Acervo APEB.

<sup>9</sup> GROTELEARS, Martien M. **Quem é o Senhor do Bonfim: o significado do Senhor do Bonfim na vida do povo da Bahia.** Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 28.

<sup>10</sup> CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. **A devoção do Senhor J. do Bom-Fim e sua História.** Salvador: Typ. de São Francisco, 1923, p. 10-12.

<sup>11</sup> Idem, p.111

FESTA DO BONFIM: A MAIOR MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA POPULAR DA BAHIA



Igreja do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1959.



Interior da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Em 1863, foram inaugurados o chafariz do largo e o adro da igreja, cujas pedras foram colocadas em 1865<sup>12</sup>. No meio do largo, ergue-se o chafariz, mandado vir da Itália, todo em mármore branco, encimado pela estátua do Salvador, esculpida em mármore de Carrara. O monumento foi colocado em 1863, por iniciativa do tesoureiro da Devoção, com o produto das esmolas dos devotos. A estátua, que tem um metro e cinqüenta centímetros, representa Jesus Cristo abraçado com a cruz, trazendo à esquerda uma corrente despedaçada e, à direita, o index apontando para o céu. Está apoiada sobre um hemisfério e tem o pé esquerdo pisando uma serpente. A cruz representa a fé e a salvação; a corrente partida é a redenção da humanidade, a sua libertação do pecado; o index apontando para o céu diz que há um só Deus dadivoso, remunerador das eternas moradas; o pé pisando a serpente define o triunfo sobre o pecado.

O pedestal se compõe de uma coluna cilíndrica com quatro cabeças de anjos alados, de cujas bocas jorra água. Seguem-se duas ordens de bacias em forma de conchas, sendo que a superior tem quatro conchas menores, nas quais se derrama a água que recebem da boca dos anjos. As conchas maiores despejam a água em uma grande bacia ou tanque, também de mármore, que constitui a parte inferior do chafariz. Quatro colu-

nas moldadas em ferro fundido e terminadas por uma lanterna ou lampião ocupam os quatro ângulos do monumento, que é cercado por um gradil de ferro sentado sobre um ladrilho de pedra mármore<sup>13</sup>.

Todas essas construções valorizaram, notadamente, a Igreja do Senhor do Bonfim, produzindo, à distância, a impressão de tratar-se de uma edificação com volumetria superior à que ela realmente possui.<sup>14</sup>

#### b. O INTERIOR DA IGREJA DO SENHOR DO BONFIM

Na entrada da igreja, há dois quadros, representando a morte do justo, num ambiente de consolação espiritual, e a morte do pecador rodeado de demônios, realizados pelos artistas baianos Tito e Bento Capinam, respectivamente.

<sup>12</sup> “A igreja do Bonfim e sua importância na vida dos baianos”. In: **Restauração da igreja do Bonfim: um presente ao povo da Bahia**, p. 7.

<sup>13</sup> **A Voz da Colina**. Informativo da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Ano I, nº 2. Abril de 1997, p. 4.

<sup>14</sup> *Idem*, p.9

Porém, o olhar do visitante é logo atraído para o altar-mor, ricamente aparelhado de prata, onde se observa a imagem do Senhor do Bonfim. Convém esclarecer que a cruz atual não é a primitiva, substituída em 1853, quando se mandou fazer a guarnição de prata, que a reveste, e toda a aparelhagem correspondente. Em 1892, a imagem do Senhor do Bonfim foi colocada no nicho de metal prateado, onde ainda se encontra, oferta do negociante Olímpio Afonso Moura. O orago da igreja possui alfaías ricas de ouro e de prata. Acima do sacrário, vê-se uma imagem de Nossa Senhora da Guia, igualmente adornada e tendo na mão uma estrela.

Em um dos nichos dos altares laterais, vê-se, à direita, uma imagem de Nossa Senhora da Boa Morte (deitada num esquife de prata). Atribuiu-se o oferecimento dessa imagem a Ana de Oliveira. O esquife primitivo era de madeira, sendo substituído no correr dos anos pelo atual, presente de um grupo de senhoras da sociedade baiana no século XIX. Há ainda as imagens de São José, São Joaquim e Senhora Santana. Domina o altar grande painel, cuja execução se deve, assim como toda a pintura do teto e painel dos altares restantes, ao artista baiano Antônio Joaquim Franco Velasco. Esse conjunto de pinturas data de 1818.<sup>15</sup> Ao lado esquerdo, vê-se a imagem do Sagrado Coração de Jesus, de São Gonçalo e Santo Antônio.

Em cima dos altares laterais, vemos painéis sobre a paixão de Jesus; Jesus no Horto das Oliveiras; Jesus conduzido à presença de Pilatos; a flagelação de Jesus; a coroação de espinhos; e a subida ao Monte Calvário.

No teto da igreja, temos outro quadro pintado. No centro, está um anjo, empunhando uma esfera com as 20 estrelas representando as 20 províncias brasileiras do período imperial. A figura estende o braço apontando o Redentor Crucificado, rodeado de um halo de glória luminoso. Os raios clareiam um grupo de pescadores ou marinheiros, entre os quais um homem mostra uma tela representando o naufrágio de que escapou. Outro grupo de pessoas, um homem doente e uma senhora com uma criança, demonstra igualmente sua fé no Senhor do Bonfim. Nos corredores da igreja, contam-se 34 quadros, representando a vida de Jesus de Nazaré em azulejos<sup>16</sup>.

No segundo altar, à direita, no interior do nicho, vê-se antiga imagem de São José, oferecida à igreja pelos descendentes de Theodósio Rodrigues de Faria, no alto-painel representando Jesus conduzido à presença de Pilatos.

No decorrer dos anos, a igreja foi remodelada várias vezes. A primeira mudança se deu 60 anos depois da



Pintura do teto da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

inauguração. Começou a construção das torres, sendo as portas da igreja cercadas com extenso gradil. Em 1772, as torres da igreja do Senhor do Bonfim ficaram prontas. Nessa época, a fachada principal possuía apenas uma porta, tendo sido as outras duas rasgadas em 1804. No período de 1814 a 1821, Antônio Joaquim dos Santos executou o retábulo em estilo neoclássico do altar-mor<sup>17</sup>.

Em 1816, por ocasião das obras que se realizavam em toda a igreja, abriu-se o óculo do frontão, no qual se colocou uma cruz de pedra. Abriam-se duas portas internas abaixo dos altares laterais. Assentou-se o piso de pedra da capela mor. Ao mesmo tempo, o entalhador Alferes Antônio de Sousa Santa Rosa recebeu a incumbência de executar o forro da mesma capela, suas quatro tribunas, arco cruzeiro e dois altares co-

<sup>15</sup> “A igreja do Bonfim e sua importância na vida dos baianos”. In: *Restauração da igreja do Bonfim: um presente ao povo da Bahia*, p. 8.

<sup>16</sup> GROTELEARS, op. cit., p. 30.

<sup>17</sup> Idem, p. 38



Altar lateral da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

laterais, enquanto, nos corredores e nas dependências, outros artistas realizaram outras obras, dentre as quais a elevação dos consistórios e das seis tribunas, muito baixas até então; o fechamento dos corredores laterais e a colocação de grades de ferro, a cargo do serralheiro Domingos Correa Neves<sup>18</sup>.

Entre 1818 e 1819, finalizaram-se as grandes obras com o assentamento dos quatro altares da nave. Parece que houve pressa na conclusão dos trabalhos, dado o número de artistas mencionados como autores das peças componentes do grande conjunto de talha. Assim é que o livro da Receita e Despesa aponta os nomes de José Nunes de Santana e João Francisco de Matos como executantes de dois retábulos; Feliciano Antônio da Rocha e José Martins dos Santos como autores de diversas obras de talha, não especificadas; Vitoriano dos Anjos como encarregado de fatura de quatro nichos para os novos altares; e Antônio de Souza Santos Rosa. Estes foram pagos pelos trabalhos feitos no corpo da igreja, conforme livros de despesas de 1817 e 1818. Foi nesse período que Antônio Joaquim Franco Velasco realizou suas obras mais estáveis: a pintura do teto e dos painéis dos seis altares<sup>19</sup>.

Concluídos os trabalhos do interior da igreja, Antônio de Souza Santos Rosa, entre os anos de 1820 e 1821, executou a obra da sacristia, onde foram colocados dois espelhos com moldura dourada. Depois disso, somente de 1836 e 1837 a igreja do Bonfim teve seu patrimônio de arte enriquecido com a colocação na sacristia, de seis painéis pintados pelo artista baiano José Teófilo de Jesus, para os quais o entalhador Joaquim Francisco de Matos fez as molduras<sup>20</sup>. Das contas de 1839 para 1840, consta o pagamento de painéis encomendados ao mesmo artista.

Em 1848, colocou-se importante relógio, de fabricação baiana, na torre dos sinos, à esquerda de quem entra no templo. Seu autor chama-se José Francisco Tavares. Em 1849, foi reconstruída a torre ao lado do Evangelho. Os azulejos portugueses da fachada foram colocados em 1873. Mais tarde, em 1896, foi refeita a nova torre do lado da epístola<sup>21</sup>.

Em 1863, fechou-se o adro da igreja com a colocação de extenso gradil, oferecido pelo comendador José Pinto Rodrigues da Costa, conforme se verifica da leitura da placa de bronze colocada no portão principal: “... do ex-juiz J. P. Rodrigues da Costa no ano de 1863”. Executou o gradil o serralheiro Feliciano José Torres. Como medida de asseio, em 1873, as paredes do corpo da igreja foram revestidas com azulejos até certa altura.

Para comemorar a passagem do primeiro centenário da Independência da Bahia, em 1923, incluiu-se no programa das solenidades a sagração da Igreja do Senhor do Bonfim. O ato litúrgico exigia a implantação de cruzeiros nas paredes do templo, que foram oferecidas pelo Cel. Francisco Amado da Silva Bahia e abençoadas por Dom Miguel de Lima Valverde em 24 de junho de 1923. A mesa do altar mor, até então de madeira, foi substituída pela atual de pedra, oferecida pelo comendador Bernardo Martins Catarino<sup>22</sup>.

A igreja de Nosso Senhor do Bonfim foi tombada<sup>23</sup> pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural - IPHAN em 17 de junho de 1938.

<sup>18</sup> *Pequeno guia das igrejas da Bahia X Igreja do Bonfim*. Salvador. Artes Gráficas, 1951.p. 5

<sup>19</sup> “A igreja do Bonfim e sua importância na vida dos baianos”. In: *Restauração da igreja do Bonfim: um presente ao povo da Bahia*, p. 11

<sup>20</sup> *Idem*, p. 12

<sup>21</sup> *Idem*, p. 13

<sup>22</sup> *Idem*, p. 11

<sup>23</sup> O tombamento da Igreja do Bonfim foi registrado no livro no Livro de Belas Artes, com número de inscrição: 131 e número do processo: 0122-T-38, em 17/06/1938.

No século XX, foram realizadas várias obras de reforma e recuperação: em 1942, foi realizada uma “caiação” e instalada a rede elétrica; em 1944, procedeu-se à pintura geral, melhoria da instalação elétrica e restauração do altar-mor; em 1956, as obras de estabilização, restauração e conservação dos telhados, forros e pisos; posteriormente, a substituição de todo o madeiramento da cobertura e retelhamento, desta vez, com telha cerâmica industrial. No ano de 1998, o Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura e Turismo, realizou, por intermédio do IPHAN, uma ampla reforma destinada a resolver problemas no telhado, que incluiu, além de sua reestruturação, a inserção de “sobre-forro” de fibra de vidro e a restauração de obras de arte, inclusive a do forro artístico da nave, e a recuperação das instalações elétricas.

### c. SAÍDAS DA IMAGEM DO SENHOR DO BONFIM

A descida da imagem do Senhor do Bonfim do nicho e saída da igreja apenas se dá em casos extremos, como em situações de calamidade pública e datas historicamente importantes. No domingo, último dia da festa católica, a imagem levada em procissão é a peregrina, cópia da que permanece no altar.

As procissões solenes, realizadas em outras datas e com a imagem original, sempre foram acompanhadas de grande multidão de fiéis, confrarias e irmandades, destacando-se sempre a presença de autoridades eclesiásticas, civis e militares. A imagem sempre e tão somente é conduzida pelos irmãos da Devoção. Dentre essas procissões citam-se<sup>24</sup>:

- 1823: em janeiro, primeira saída para a Igreja de São Domingos, no Terreiro de Jesus. Nos anais da devoção, não consta o motivo; sabe-se que foi uma procissão de penitência. Note-se que essa procissão se deu durante a guerra de independência, justamente quando se acirrava o enfrentamento entre partidários da Coroa e da emancipação, tanto em Salvador como no Recôncavo.

- 1842: devido à grande seca que flagelava a capital e outras localidades da Província da Bahia, saiu para a Igreja de São Francisco de Assis.

- 1855: quando o *cólera morbus* se disseminava em toda a Bahia e ceifava grande parte da população, a imagem foi levada para a Catedral da Sé.

- 1923: no dia 3 de julho, por ocasião do centenário da

independência do Brasil, na Bahia, a imagem foi levada na Galeota do Senhor dos Navegantes, guardada pela Irmandade do mesmo nome na Igreja da Boa Viagem, até o cais do porto, dali seguindo para a Igreja da Vitória. Segundo os jornais da época, mais de 30 mil pessoas acompanharam a procissão, cujo trajeto durou mais de onze horas.

- 1942: pelo fim da 2ª guerra e pela paz. A imagem do Senhor do Bonfim foi encontrar-se, no caminho, com a de N. S. da Conceição da Praia. Localizamos este documento:

[...] Tendo o Diário da Bahia tomado a iniciativa de promover a trasladação solene da imagem do Senhor do Bonfim, de sua Basílica, para a Matriz da Conceição da Praia, a fim de que o povo baiano possa implorar, numa manifestação de fé coletiva, a paz do mundo e a tranqüilidade da família brasileira, nesta hora de grande inquietação para a nossa Pátria, venho pedir licença para que se possa realizar tal solenidade.

O dia escolhido foi 5 de abril, domingo de Páscoa, por ser a maior data do cristianismo, para a vinda solene da imagem para a Matriz da Conceição da Praia, onde permanecerá exposta à veneração até o dia 10 do mesmo mês, quando se fará a volta com a mesma solenidade.<sup>25</sup>

- 1945: pelo bicentenário da criação da Devoção. A procissão dirigiu-se para a Igreja da Penha.

[...] no dia 22 de abril de 1945 uma “grandiosa romaria que constituiu esplêndido espetáculo de fé, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Praia, à Matriz da Penha, para participar das festas do bicentenário da chegada da milagrosa imagem do Senhor do Bonfim à Bahia”. Ainda em 1973, organizou-se uma procissão das duas imagens mais importantes de Salvador para a catedral por ocasião de 150º aniversário da independência.<sup>26</sup>

- 1954: no dia 24 de junho, em comemoração aos 200 anos da chegada das imagens do Senhor do Bonfim e de N. S. da Guia, a imagem de Nossa Senhora saiu em procissão pela primeira e única vez do seu nicho.

- 1959: pela comemoração do bicentenário da freguesia de N. S. da Penha.

<sup>24</sup> **A Voz da Colina**. Informativo da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Ano I, nº 1. Janeiro de 1997, p. 3

<sup>25</sup> Laboratório Eugênio Veiga - LEV - **Cópia de petição feita pelo Diário da Bahia ao Arcebispo Primaz**, 1942.

<sup>26</sup> **A Voz da Colina**. Informativo da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Ano I, nº 1. Janeiro de 1997, p. 9

- 1961: pelo jubileu de ouro da sagração episcopal de D. Augusto Álvaro da Silva.

- 1965: pelo quarto centenário da sagração da Igreja de N. S. da Conceição da Praia.

- 1976: em comemoração do tricentenário da criação da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. A imagem, em procissão penitencial, foi conduzida até a catedral e dali para o Estádio da Fonte Nova, junto à imagem de Nossa Senhora da Conceição da Praia. A recepção às imagens no Estádio foi apoteótica.

- 1980: durante a primeira visita do Papa João Paulo II ao Brasil. O encontro histórico do Papa com a imagem do Senhor do Bonfim aconteceu durante a missa campal no Centro Administrativo da Bahia, em 7 de julho.

- 1994: a comemoração dos 250 anos da chegada da imagem e o encerramento das missões fizeram com que a imagem saísse em procissão, em carro cedido pelo Corpo de Bombeiros, com grande acompanhamento, do Campo Grande à Catedral da Sé.

- 1996: no dia 1º de dezembro, na presença de autoridades, do clero e de milhares de fiéis no Estádio da Fonte Nova, a imagem do Senhor do Bonfim, levada nos ombros dos irmãos da Devoção, encontrou-se com a de sua mãe, Nossa Senhora Aparecida, vinda de São Paulo<sup>27</sup>.

[...] Apesar das fortes chuvas que desabaram sobre a cidade no último dia 1º de dezembro, o que vinha ocorrendo há quase uma semana, a fé cristã manteve reunidos no Estádio da Fonte Nova, cerca de 60 mil fiéis, entre eles, representantes do clero de diversas entidades religiosas da capital e do interior. Naquela memorável tarde foi lançado o projeto de evangelização da Igreja no Brasil, rumo ao novo milênio, oportunidade em que o Arcebispo Primaz do Brasil e presidente do CNBB, Dom Lucas Moreira Neves, conclamou toda a Arquidiocese para um trabalho de uma nova evangelização, fundamentada no testemunho, no serviço, no diálogo e no anúncio. O momento forte da concentração e que emocionou os presentes, deu-se quando da aproximação e encontro das imagens do Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora Aparecida, esta vinda de São Paulo para a festividade. Durante os atos litúrgicos foi acentuada a necessidade de uma preparação do povo cristão para a comemoração dos 2000 anos da encarnação do Nosso Senhor Jesus Cristo...<sup>28</sup>

Sempre no que se refere à saída da imagem peregrina do Senhor do Bonfim da Basílica, é preciso adotar

medidas de segurança, com ampla divulgação ao Arcebispo Primaz:

[...] Não tendo a sagrada imagem do Senhor do Bom Fim saído do seu templo, senão em ocasião de calamidade pública, assim continuará, salvo caso de força maior, a juízo da Mesa e aprovação do Prelado Diocesano, devendo neste caso, a Mesa acompanhá-la.<sup>29</sup>

Encontramos uma divisão das procissões em quatro tipos: procissão de homenagem, de petição, de penitência e agradecimento.

- Procissões de homenagem:

1745 e 1754: Colocação e transladação da imagem.

- Procissões de penitência:

1823: Calamidade pública

1829: Desagravo por causa de profanação de uma igreja.

1842: Seca

1855: Cólera Morbus

1932: Revolta paulista

1942: Paz mundial.

- Procissões de petição:

1961: Pelo êxito das Missões

- Procissões de agradecimento:

1923: Centenário da Independência do Brasil

1945: Bicentenário da Devoção

1949: 4º centenário da Fundação de Salvador

1954: Bicentenário da transladação da imagem

1964: Vitória da democracia

1965: Bicentenário da Paróquia da Conceição da Praia.

#### d. A FITA DO SENHOR DO BONFIM

A fita do Senhor do Bonfim foi criada em 1809 pelo tesoureiro da Devoção, Manoel Antônio da Silva Servo. Originalmente chamada de “medida” pelo fato de corresponder ao comprimento do braço direito da imagem do Senhor do Bonfim, era bordada a mão, em tecido de algodão, com fios dourados e, usava-se como

<sup>27</sup> **A Voz da Colina.** Informativo da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Ano I, nº 1. Janeiro de 1997. p.6

<sup>28</sup> Idem, p. 8

<sup>29</sup> Idem, p.8.





Vendedor de fitas do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1959.

marcador de livros, como também em bolsas e carteiras de cédulas, como proteção e relíquia.<sup>30</sup>

A tradicional medida perdeu-se a partir da industrialização das fitas, principalmente quando elas começaram a ser produzidas por empresas de outros estados, sem nenhuma referência ao culto. Passaram a ser confeccionadas em poliéster, com medidas que variam entre nove e dez milímetros de largura e 44 a 50 centímetros de comprimento.<sup>31</sup>

Atualmente, as pessoas usam a fita do Senhor do Bonfim no pulso, com nós que correspondem ao número de pedidos, normalmente três, na expectativa de



Fitas do Senhor do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

<sup>30</sup> **DEVOÇÃO de um povo:** dois séculos e meio. Salvador: Devoção do Senhor do Bonfim, 1995, p. 3.

<sup>31</sup> FUNKE, Katherine. Fitas do Bonfim ainda são importadas de São Paulo – Fracasso da Cooperfitas fortalece monopólio de fabricantes do Sudeste. **Jornal Correio da Bahia**, Salvador, 18 jan 2004, Caderno Aqui Salvador, p. 2.

alcançar uma graça, que deverá acontecer quando a fita se partir.

#### e. OS ESTATUTOS DA DEVOÇÃO DO SENHOR DO BONFIM

O primeiro Estatuto que localizamos da Devoção do Senhor do Bonfim foi aprovado pelo arcebispo da Bahia Dom Jeronymo Thomé da Silva, em 2 de dezembro de 1918. Inicialmente, o estatuto traz uma explicação sobre sua criação e objetivos:

[...] Jesus, como o nosso bom fim exprime o complemento de tudo quanto pode aspirar a devoção de uma alma piedosa; porque o bom fim é o epílogo das felicidades na terra e a porta segura para a entrada nas felicidades do Céu.

Por tão religiosos sentimentos foi sem dúvida que o capitão de Mar e Guerra Theodosio Rodrigues de Faria, de sempre grata memória, por devoção que tinha ao Senhor do Bom Fim que se venera nos arredores de Setúbal, em Portugal, trouxe de Lisboa outra imagem semelhante a Essa, e com extraordinária solenidade fez pela Pascoa da Ressurreição de 1745, colocar e expor à veneração dos fiéis, na capela de N. Senhora da Penha de Itapagipe, Arcebispado da Bahia.

Assim plantada na terra da Santa Cruz e Cidade do Salvador a Cruz do Bom Fim começou ela a derramar prodigiosamente seus milagrosos frutos sobre quantos se lhe devotaram.

Então crescendo de dia a dia tão santa devoção, criou-se a associação católica que mais tarde erigiu com o auxílio dos fiéis, no alto da colina, um belo templo, para onde foi trasladada essa veneranda imagem no dia 24 de junho de 1754.

Aos pés da Cruz do Redentor foi colocada a imagem veneranda de sua Santíssima Mãe, como guia poderosa para aproximação do centro maravilhoso do nosso bom fim.

Por constante devoção tem sido desempenhado, todos os anos, o culto público, exigido pela dedicação do povo desta capital e circunvizinhanças.

Convindo portanto perpetuar de modo regular tão útil e tão geralmente reconhecida prodigiosa devoção, a Mesa atual, depois de obter a aprovação do Exmo. Prelado Diocesano, fará civilmente registrado o presente estatuto como garantia de maior brilhantismo do culto, da conservação e dos direitos dessa nossa instituição, ou associação católica – Devoção do Senhor Bom Jesus do Bom Fim.

O cedro secular e miraculoso exaltado na devoção do instituidor desde 1745, jamais foi tocado pela profana mão do tempo. Ao contrário, cada vez mais fecundo e portentoso se ostenta diante de gerações presentes que o cercam.

Pela nova organização, maiores resultados se colham para a per-

petuidade e engrandecimento da popular Devoção do milagroso Senhor Bom Jesus do Bom Fim e Sua Gloriosa e Santíssima Mãe Nossa Senhora da Guia...<sup>32</sup>

De acordo com o Estatuto, a Devoção é composta de fiéis católicos de ambos os sexos, que sejam competentemente admitidos e que, além de concorrerem com a jóia que lhes competir, cumpram os encargos que lhes forem devidamente impostos. Só serão admitidas pessoas que não façam parte de “sociedade secreta de qualquer denominação e que, por seus bons costumes e outras qualidades, pessoas que se façam merecedoras disso”<sup>33</sup>.

As admissões só terão lugar sob proposta em Mesa Administrativa. Esta delibera sobre os interesses da Devoção e do culto e será composta por juiz, escrivão, tesoureiro, procurador, mordomos ou consultores. O juiz presidirá todos os atos da Mesa. Além do seu voto de qualidade, terá o privilégio de convocar as reuniões da Mesa; o escrivão é o encarregado dos convites para as reuniões e, durante a realização destas, da leitura do expediente, escrita das atas e termos. Na falta do juiz, o escrivão o substitui no tocante aos atos e solenidades da Devoção; o tesoureiro arrecada as jóias; despense o que for necessário para sustentação do culto e das festas; e o procurador auxilia o tesoureiro na arrecadação dos bens.

A eleição do juiz e demais membros da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bom Fim deverá acontecer até 15 dias antes do da festa e ser submetida à aprovação do Prelado Diocesano, sob pena de nulidade. Bem como, o Arcebispo Metropolitano é membro nato da Mesa e presidirá suas sessões toda vez que estiver presente.

Haverá, no corpo da capela, dois cofres para esmolas de fiéis para as obras da capela e despesas outras da devoção, além de uma caixinha para o mesmo fim na sacristia. Os primeiros serão abertos à vista do público, após missa de posse da nova Mesa quando possível, ou em dia no qual o tesoureiro estiver de acordo e os mesários acharem conveniente ou necessário. A segunda poderá ser aberta antes das festas para utilizar nas despesas. As chaves desses cofres ficarão em poder do tesoureiro.

A gestão dos membros da Mesa administrativa tem duração de um ano, podendo ser renovada anualmente na reunião que deverá ser celebrada no intervalo entre 20 a 30 dias antes do da festa Bonfim.

<sup>32</sup> Estatuto da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bom Fim, 1919.

<sup>33</sup> Idem.



Igreja do Bonfim – Foto: Titus Casal, 2010.

Segundo esse estatuto de 1919, são funcionários da Devoção um Capelão, zelador, sineiro, sacristão e organista. O Capelão deve ser um sacerdote de exemplar conduta, será nomeado pelo Prelado Diocesano e receberá um ordenado marcado pela Mesa e reconhecido pelo Prelado. Cumpre celebrar todos os dias, na capela, as missas; reside em uma das casa do largo, pertencente à Devoção, que lhe é facultada gratuitamente, por assim convir aos interesses do culto e da administração, como auxiliar dela; tomar parte, como um direito que lhe assiste, nas novenas e festas que se celebrarem na capela.

Quanto às festividades e ao culto, o estatuto considera o segundo domingo depois da Epifania como o dia indicado para celebrar a grande festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim pela Santa Igreja escolhido, como há muito se pratica e se acha estabelecido pelo breve apostólico do Papa Pio VII, de 1804, e de novo confirmado pela portaria do Arcebispo Primaz Dom Jeronymo Thomé da Silva, de 5 de dezembro de 1914. Essa festa será a primeira e deverá ser sempre celebrada com a maior pompa, grandeza e santa veneração como requer seu elevado assunto.

De fato, acostumamo-nos a esperar pela festa do Bonfim no segundo domingo depois da Epifania, ou seja, após o dia de Reis, como estabelece o primeiro Estatuto da Devoção; entretanto, nem sempre foi assim. Só em janeiro de 1773, os festejos aconteceram pela pri-

meira vez nessa data. Dom Sebastião Monteiro da Vide (5º arcebispo de Salvador) decidiu pela transferência da festa para o mês de janeiro. O principal motivo da transferência foi a chuva no tempo da Páscoa, que impedia aos peregrinos de visitar e adorar o Senhor na “colina sagrada”. Assim, o Arcebispo transferiu os festejos do tempo da Páscoa para o ciclo do Natal, colocando a festa do Senhor do Bonfim sob a invocação do Santíssimo, uma das epifanias do Senhor, apresentada numa carta de Dom Romualdo de Seixas nos seguintes termos:

[...] quando li o anúncio da festividade do Senhor do Bonfim, manifestando a intenção de celebrar com a mais decência possível, como um dos meios mais eficazes de aplacar a divina justiça que tanto há pesado sobre nós e convertido esta pela capital de um teatro de pranto e luto (...) para conciliar a clemência desse adorável Senhor que tantas vezes nos tem acudido em nossas enfermidades e tribulações, não pude deixar de sentir a mais doce consolação à face do testemunho de viva fé e confiança que anima essa piedosa e respeitável associação.<sup>34</sup>

Antes da atitude de Dom Sebastião da Vide, portanto, a data da festa era móvel, algumas vezes coincidindo com a Páscoa. Afinal, cultuava-se o Crucificado.

<sup>34</sup> Apud, GROTELEARS, op. cit., p. 34.



Missa solene na Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Carvalho Filho<sup>35</sup> nos dá essa informação com base no livro de eleições da Devoção. Segundo ele, encontra-se registrado nesse livro o dia 23 de março como a data de realização da festa, em 1761; em 1763, foi celebrada em fevereiro; em 1765, no mês de abril; em 1769, no dia 16 de maio; e em 1771, 20 de setembro.

No Laboratório Eugênio Veiga, da Universidade Católica do Salvador - UCSAL, encontramos o Estatuto da Devoção do Senhor do Bonfim de 10 de setembro de 1944, aprovado pelo Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, Dom Augusto Álvaro da Silva. Algumas mudanças já são notadas, como no que se refere às eleições, que eram anuais e, a partir de então, passam a ser trienais. Isso pode significar a concentração de um determinado grupo à frente da Mesa administrativa por mais tempo.

O caráter elitista da Devoção também é percebido quando verificamos os nomes dos membros: Carlos de Aguiar Costa Pinto, Adolfo Espinheira Freire de Carvalho, José Joaquim Seabra, Carlos Marback de Andrade, Juracy Montenegro Magalhães, Otávio Mangabeira e Clemente Mariani<sup>36</sup>. A Devoção, fundada no século XVIII por um capitão de mar e guerra e traficante de escravos, juntamente com outros portugueses, mantinha entre seus membros, no século XX, abastados comerciantes e governadores do Estado da Bahia.

Ainda temos o Estatuto da Devoção do Senhor do Bonfim, que data de 17 de junho de 1955, aprovado dez anos depois pelo mesmo arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, Dom Augusto Álvaro da Silva. Notamos uma ampliação nas finalidades da Devoção, e, também, uma tendência em seguir os princípios da Reforma Católica, como, por exemplo, manter um serviço de assistência social aos devotos, assim como à pobreza em geral, ministrando-lhes também instrução gratuita, dentro dos princípios da caridade cristã, estabelecidos pela Igreja Católica Apostólica Romana. À Mesa, cabe resolver tudo com base nas normas do Direito Canônico e as eleições não de ser feitas segundo o Canon 101 do Código do Direito Canônico.

A Devoção manterá um Reitor, cujas nomeação e classificação eclesiástica caberão ao Prelado Diocesano, e receberá um ordenado estipulado pela Mesa. Cumpre a ele: celebrar as missas na Basílica; comparecer às sessões da Mesa como representante do Prelado, sendo-lhe concedida a palavra nos assuntos ligados ao culto e aos interesses da Igreja; exercer na Basílica, com plena liberdade de ação, todas as funções religiosas que

<sup>35</sup> CARVALHO FILHO, op. cit., p. 19-20.

<sup>36</sup> Eleição da Mesa administrativa da Devoção do Senhor do Bonfim, 1944.

lhe competirem; organizar as festas religiosas em colaboração com a Mesa; os livros (das celebrações das missas) serão apresentados, no fim de cada ano, à Cúria, para exame de aprovação.

No Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, tivemos acesso ao Estatuto da Devoção de 20 de janeiro de 1990, aprovado pelo arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves.

Promulgado o Código de Direito Canônico a 25 de janeiro de 1983, que entrou em vigor no dia 27 de novembro do mesmo ano, cabia às várias instituições da Igreja Católica Apostólica Romana adequar-se à nova normativa, procedendo, para tanto, às necessárias mudanças em seu ordenamento jurídico.

Nesse sentido, compreendeu a Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim a necessidade de atualizar seus estatutos e, com “louvável sensibilidade eclesial”, constituiu uma comissão que, com a colaboração do Reitor da Basílica e capelão da devoção, elaborasse um projeto de novos estatutos a ser aprovado pela Autoridade Arquidiocesana. A Mesa Administrativa, em reunião do dia 8 de agosto de 1990, elaborou um texto e o encaminhou para a mencionada aprovação. Todas as atividades e finalidades da Devoção atenderão também aos Códigos Civil e do Processo Civil brasileiro.

A Devoção, fundada em 1745, se constitui como uma associação pública de fiéis, regida pelo Código do Direito Canônico e pelos presentes estatutos aprovados pelo Arcebispo da Bahia, a cuja autoridade se submete e, na qual, os seus membros de número ilimitado, de ambos os sexos e maiores, alimentam, mediante esforço comum, a vida cristã, desenvolvem o culto, evangelização e catequese, exercem obras de caridade e promoção social. A Devoção está, então, sujeita à jurisdição do Arcebispo Primaz.

A Devoção tem por finalidade: manter o culto ao Senhor Bom Jesus do Bonfim e a Nossa Senhora da Guia; manter assistência social aos devotos; desenvolver a evangelização e a catequese na Basílica; manter o centro comunitário dentro dos princípios da Pastoral Social da Igreja. São requisitos para pertencer à Devoção: estar em plena comunhão com a Igreja Católica Apostólica Romana; ter idoneidade moral; possuir meios de honesta subsistência; maioridade civil; após ter recebido o parecer favorável da Comissão de Sindicância.

A Mesa se reunirá na última semana de dezembro, com a presença do Reitor, cuja nomeação fica a critério do Arcebispo Primaz para poder eleger o juiz, escrivão,



Novena na Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

tesoureiro, procurador, a comissão de sindicância e o conselho econômico.

As eleições dos dignatários da Devoção, comissão de sindicância e conselho econômico serão realizadas de acordo com o Código do Direito Canônico. Essas comissões não existiam anteriormente; ou seja, a Devoção sentiu a necessidade de se fragmentar cada vez mais como uma maior tentativa de controle, tanto das admissões, quanto das posturas que deveriam ser seguidas. A partir de então, tem os seguintes cargos: juiz, o qual, segundo os critérios do Estatuto, deve ser piedoso, zeloso, caridoso, prudente, digno de crédito da Mesa e não pode fazer parte na direção de partidos políticos; escrivão, a quem cabe possuir qualidades morais, aptidão para a função; e tesoureiro, que deve ser versado em escritura contábil e de reconhecida probidade; procurador, para o que necessita ser Bacharel em Direito. A Comissão de Sindicância será composta de três membros, com mandato de um triênio. Compete examinar a proposta de novos devotos, a fim de que sejam satisfeitas as exigências do Código Canônico. Cabe ao Conselho Econômico fiscalizar as

contas, despesas, os assuntos financeiros, as obras, o patrimônio, os rendimentos, as aplicações e a escrituração contábil geral.

O Estatuto da Devoção, que data de 2003, sugere “perspectivas enriquecedoras de processo de renovação impregnado de novo ardor, com novo impulso para uma nova caminhada da Devoção”:

[...] Renovar e atualizar o estatuto da Devoção visa permanecer na fidelidade aos ideais de seus fundadores, sem perder de vista o horizonte do futuro, moldar-se às novas necessidades do tempo presente de perenizar com zelo o culto ao Senhor do Bonfim e a N. S. da Guia, patrimônios de fé do povo da Bahia.

As regras normativas devem facilitar o desenvolvimento orgânico da Devoção, o aperfeiçoamento dos seus membros e a nova disposição sistemática; apresentam não só as dimensões externas e sociais da irmandade, como também sua vida íntima. A Devoção deve favorecer adaptação dinâmica e racional de suas normas às diversas realidades do tempo, isto é, um processo orientador.

[...] A Devoção é uma associação de direito privado, constituída de leigos católicos, fundada em 18 de abril de 1745. Daqui por diante denominada Devoção, regida pelo Código do Direito Canônico e do Civil Brasileiro, sujeitando-se à autoridade do Arcebispo Primaz. Tem caráter religioso, social e cultural de fins não lucrativos e personalidade jurídica própria. Objetiva zelar, proteger e administrar a Basílica do Bonfim, edificada sobre a colina sagrada; ter sob sua permanente guarda e cuidado as imagens do Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora da Guia (original e peregrina); conservar, dinamizar e manter em atividade o Museu dos ex-votos e a Sala dos Milagres; administrar, manter e fazer com que o Centro Comunitário Senhor do Bonfim cumpra fielmente os objetivos para os quais foi criado, integrando-se na luta em defesa da cidadania, dentro dos princípios da Doutrina Social da Igreja.

A Mesa Administrativa é composta pelo Conselho Econômico e Fiscal; Corpo de Dignatários, Comissão de Sindicância; Diretoria e Centro Comunitário Senhor do Bonfim; Conselho e Ordem do Mérito do Senhor do Bonfim; Conselho de Ética e Disciplina; corpo de devotos colaboradores-contribuintes.

Os Estatutos da Devoção do Senhor do Bonfim demonstram claramente uma necessidade de renovação para atender as novas necessidades do tempo. À medida que vão sendo reformados, percebe-se que a associação se torna mais burocrática e elitista, fragmentando-

se cada vez mais, com uma preocupação em fiscalizar tudo, a exemplo da criação de conselhos de sindicância, de ética e disciplina, bem como de ordem do mérito do Senhor do Bonfim, dentre outros.

Se, por um lado, a Devoção tenta demonstrar certa autonomia em relação à Arquidiocese, por outro, mostra-se completamente submissa, já que depende da presença do Capelão e depois Reitor, nas reuniões da Mesa Administrativa, e aprovação da Arquidiocese para fazer cumprir suas determinações.

A Devoção demonstra, por meio dos Estatutos, a tentativa de aproximação com os fiéis, a preocupação com assistência e promoção social; entretanto, mostra-se extremamente criteriosa e excludente no que diz respeito à ocupação dos cargos, exigindo diploma de Bacharel em Direito e Contador para as funções de Procurador e Tesoureiro, respectivamente. É predominantemente uma devoção masculina, ocupada por engenheiros, jornalistas, professores da faculdade de medicina, deputados federais e advogados.



Irmãos da Devoção do Senhor do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

# A Lavagem do Bonfim no século XIX

## 1. ORIGEM

Não se sabe, exatamente, quando aconteceu a primeira Lavagem. Existem algumas possíveis origens, mas tudo leva a crer que o ritual teve início no início do século XIX.

Um dos mitos fundadores diz que a tradição nasceu de uma promessa de um soldado português que lutou na Guerra do Paraguai (1865-1870). Prometera ao Senhor do Bonfim que, se voltasse vivo do campo de batalha, lavaria, em sinal de gratidão, sua igreja. Chegando a Salvador, onde residia, foi cumprir o prometido. Ao subir a colina, em peregrinação, foi explicando àqueles que encontrava o que ia fazer e, pouco a pouco, foi-se formando em sua volta um pequeno grupo. Com isso, despertou um costume que ficou guardado na consciência religiosa de brancos e pretos. Entre as promessas mais comuns da cultura religiosa luso-brasileira, destaca-se esta de lavar, varrer e enfeitar igrejas e altares. Silveira Martins, líder do governo na Câmara dos Deputados, no Segundo Reinado, fazendo o elogio a Princesa Isabel, afirma que, por devoção e promessa, ela “tinha o costume de varrer, de vassoura em punho, a igreja de Petrópolis, como qualquer criada de servir”<sup>37</sup>.

[...] Esta forma de obséquio ou serviço religioso é quase universal. Os romanos e os gregos a praticavam. Ambos lavavam seus templos, ao som de cânticos festivos e religiosos. O mesmo se dava no Egito. Entre os africanos, é fundamental, no seu ritual religioso, o banho dos ídolos, sobretudo com azeite. Em Portugal e na Espanha este ritual chegou, algumas vezes, às raízes do abuso, sendo então proibido em longas e repetidas exortações de bispos e arcebispos, desde o século XVI. Ora, a lavagem do Bonfim é um ressurgimento desta velha tradição em parte reprimida.<sup>38</sup>

Carlos Ott<sup>39</sup> afirma que tudo começou antes desse episódio do pretense soldado que foi à Guerra do Paraguai. Segundo ele, a data mais precisa seria 1804, quando a Devoção do Senhor do Bonfim permitiu às devotas de São Gonçalo levar a imagem do santo para a Igreja do Bonfim. Em períodos de festa, para São Gonçalo ou o Senhor do Bonfim, elas cuidavam dos ornamentos, lavavam a igreja, espalhavam uma fina camada de areia e folhas de laranjeira no chão, costume imitado dos festejos em honra aos orixás nos terreiros.

O culto a São Gonçalo e a lavagem do templo ganharam proporções não imaginadas por seus criadores, a ponto de incomodar a Devoção e autoridades eclesiais. A dança de São Gonçalo era vista pela Igreja Católica como imoral, uma vez que realizada dentro da igreja por mulheres que almejavam a fertilidade e levavam a imagem do santo para o centro da roda. Entretanto, esse não era o único motivo pelo qual os devotos do Senhor do Bonfim desejavam acabar com aquele festejo. O culto ao santo tocador de viola rivalizava diretamente com a novena em honra ao Cristo Crucificado. Dom Romualdo Antônio de Seixas, arcebispo da Bahia no período de 1827 a 1860, fez duras críticas aos festejos de São Gonçalo e editou a seguinte portaria em 14 de fevereiro de 1837:

<sup>37</sup> *Enciclopédia Barsa*. Vol. 3, Rio de Janeiro, p. 188.

<sup>38</sup> *Idem*, p. 189

<sup>39</sup> OTT, *op. cit.*, p. 36-37.



Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

Tendo visto com a maior surpresa e assombro, em alguns dos Registros de São Gonçalo, que no dia 3 do corrente, durante a celebração dos santos mistérios na festividade do mesmo glorioso santo, se distribuiu na capela do Senhor do Bonfim a sacrílega, blasfema, indecente e ridícula legenda ou inscrição, “São Gonçalo das moças”, que derivando-se de absurdos prejuízos ou crenças populares, deslustra a pureza do culto tributado àquele santo, e importa uma verdadeira superstição, que os teólogos chamam de culto indêbito, injurioso aos progressos da civilização, e apenas própria desses desgraçados tempos, em que uma mal entendida piedade misturava nos atos mais santos o sagrado com o profano, a mitologia com o evangelho, e Babilônia com Sião, [...] profanando a efigie de um dos mais insignes heróis de perfeição evangélica, com seu título mal soante, ainda aos ouvidos menos delicados, e que decerto nenhum homem sério consentiria que se ajuntasse ao seu nome, ou se estampasse por baixo de seu retrato.<sup>40</sup>

Apesar do assombro de Dom Romualdo de Seixas, os festejos de São Gonçalo tiveram brilhantismo na colina do Bonfim até o final do século XIX. José Eduardo Carvalho Filho foi observador-participante e cronista

das homenagens ao santo casamenteiro e nos deixou interessante relato dos festejos de 1865. A preparação dava-se durante a festa de Nossa Senhora da Guia, quando o bando anunciador<sup>41</sup>, formado por mascarados levando a bandeira com a imagem do santo e precedido por um tambor, percorria as ruas de Itapagipe ao largo da Penha, fazendo o peditório de esmolas.<sup>42</sup>

As mulheres solteiras eram responsáveis pela procição e festa para São Gonçalo, o santo casamenteiro (Santo Antônio só viria a desempenhar tal função bem mais tarde). Segundo Carlos Ott, elas foram sendo pau-

<sup>40</sup> BMSB - COLEÇÃO de obras de D. Romualdo Antonio de Seixas. Pernambuco, 1839, v. I, p. 331-332.

<sup>41</sup> Sobre bando anunciador nas festas religiosas de Salvador, conferir COUTO, Edilece S. *Tempo de Festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Assis- SP, 2004, p. 173-174.

<sup>42</sup> CARVALHO FILHO, op. cit., nota 31, p. 163-164.



latinamente substituídas pelas mães e filhas de santo dos principais candomblés da cidade. Vestidas de branco, portando a bandeira com a imagem de São Gonçalo e tochas acesas, as senhoritas residentes em Itapagipe ou que ali estivessem veraneando, ao som de banda de música, percorriam as principais ruas até o adro da igreja. As brincadeiras ao longo do percurso eram muitas, e, por vezes, vistas como desonestas, pois os rapazes costumavam tentar apagar as velas e tochas. Ao término da caminhada, erguia-se a bandeira no mastro e soltavam-se girândolas de fogos e foguetes.<sup>43</sup>

Apenas em 1918, a Devoção do Senhor do Bonfim tomou para si a responsabilidade de organizar a festa de São Gonçalo. Aos poucos, a dança foi desaparecendo das igrejas baianas, mas a Lavagem persistiu apesar das inúmeras tentativas de reforma na religiosidade leiga e proibições.

Carlos Ott<sup>44</sup> tem uma explicação interessante para a Lavagem. Seria um ato simbólico de lavar o santo para a festa em comemoração ao seu aniversário. O costume dos descendentes de africanos de lavar o orixá na véspera de sua festa ainda pôde ser observado pelos alunos do professor em Arembepe, praia próxima a Salvador, na segunda metade do século XX, mas pode ter sido substituído pela lavagem da igreja ou da casa do orixá.



Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

## 2. OLHAR ESTRANGEIRO

O que mais nos interessa aqui não é a origem do ritual, difícil de ser comprovada por documentos, e sim tratar o assunto com mais vagar, apoiando-nos em relatos de viajantes, ofícios e portarias emitidos pelos arcebispos. Havia rejeição por parte dos católicos, sobretudo as autoridades eclesiásticas, com relação à lavagem das igrejas. O ritual incomodava porque incluía elementos africanos, música, dança, comida e bebida em abundância. “Louca bacanal”, “blasfêmia” e “resquício de paganismo”, de acordo com Maximiliano de Habsburgo<sup>45</sup> (naturalista austríaco que visitou a Bahia em 1860), mistura de “irreverência e superstição” nas palavras de Dom Romualdo de Seixas, e “abusos” e “espetáculo repugnante”, segundo outro reformador, Dom Antônio Luís dos Santos (arcebispo da Bahia de 1881 a 1890).

Maximiliano de Habsburgo, desejoso por conhecer os trópicos, desembarcou em Salvador no mês de janeiro de 1860, período pleno de festejos religiosos, inclusive da festa do Bonfim. Apesar de católico, nosso visitante foi bastante crítico em relação à vivência do catolicismo baiano, não apenas pelos batuques e festejos dos africanos (escravos e libertos), como tam-

bém dos portugueses. Não os poupou dos comentários ríspidos e reprovadores, nem os padres que viu em atividade.

Habsburgo foi convidado para conhecer a Festa do Bonfim exatamente no dia da Lavagem. O estranhamento do visitante começou no Arsenal da Marinha, em frente à Igreja da Conceição da Praia, na Cidade Baixa, local de partida do cortejo. O austríaco não iria a pé nem de carroça enfeitada, mas, ao olhar para o meio de transporte que o conduziria à Colina do Bonfim, uma “carruagem da moda”, de “luxo extravagante”, recuou e foi preciso que seu compatriota, o cônsul da Áustria, Lohmann, que o acompanhava nas visitas pela cidade, o persuadissem a entrar no veículo. E não era uma carroça qualquer,

<sup>43</sup> Idem, nota 31, p. 163-164.

<sup>44</sup> OTT, op. cit., p. 37-38.

<sup>45</sup> HABSBRUGO, Maximiliano de. **Bahia, 1860**: esboços de viagem. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.



Cortejo do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

puxada por jegues, como era comum à época. Puxada por quatro cavalos brancos, a carruagem era conduzida por dois negros vestidos de sobrecasacas verdes e calções de veludo ornamentados de prata, polainas, gravatas e luvas.<sup>46</sup>

Ao chegar à Colina, Maximiliano de Habsburgo ficou admirado com tanta movimentação de fiéis e, ao mesmo tempo, dos vendedores. Ora, ainda hoje é grande o número de pessoas vendendo fitinhas, crucifixos, pequenas imagens de santos, chaveiros e até mesmo bijuterias. O nosso visitante oitocentista percebeu o comércio na praça e no adro da igreja como um “movimento confuso de feira”, onde “caixas de vidro cheias de comestíveis pairavam, ousadamente, sobre a multidão. Pequenos grupos de fornecedores de cachaça formavam as ilhas, no mar de pessoas”<sup>47</sup>. Porém, para seu espanto, “barulho e gritos estridentes de alegria” também estavam presentes dentro da igreja:

Pelo vestibulo emanava uma atmosfera alegre e festiva. Em longa fila, estavam sentadas, junto a uma das paredes, moças negras, alegres – sua graça bronzeada não estava escondida, mas envolta em gazes transparentes e lenços de cores berrantes – em meio a um falatório estridente, nas posições mais confortáveis, sensuais e des-

leixadas, vendendo, parte em cestos, parte em caixas de vidro, toda espécie de bugigangas religiosas, amuletos, velas e comestíveis. Para um católico respeitável, todo esse alvoroço deve parecer blasfêmia, pois nessa festa popular dos negros, misturavam-se, mais do que o permitido, resquícios do paganismo na assim chamada romaria.<sup>48</sup>

Tudo leva a crer que Habsburgo, na condição de “católico respeitável”, ainda esperava encontrar um ambiente de respeito e contrição dentro da igreja, mas sua esperança terminou ao se deparar com o padre na sacristia. Relatou haver encontrado um “padreco amarelo”, próximo aos paramentos e ao cálice, que conversava “comodamente e da maneira mais solícita” com algumas senhoras. Fez uma crítica acirrada ao clero brasileiro ao afirmar que, com exceção do Núncio Apostólico, não havia, no Brasil, sacerdote que pudesse ostentar esse título. Ao presenciar o mesmo padre diante do altar, nosso informante teve “um arrepio de indignação”, pois o que observava não podia ser cha-

<sup>46</sup> Idem, p. 123-124.

<sup>47</sup> Idem, p. 128.

<sup>48</sup> Idem, p. 129.



Saída da Procissão – Foto: Marcelo Reis, 2010.

mado de missa, e sim, “o sabá negro das feiticeiras”, e ainda comparou a nave da igreja a uma “sala de dança, grande, alegre e animada”.<sup>49</sup>

Habsburgo reduziu a Lavagem, momento de devoção dos baianos, a uma romaria de mulheres munidas de vassouras “a fim de obter fertilidade”. Quando resolveu sair da “louca bacanal”, o visitante ainda se deparou com o “povo ignorante”, em pleno meio-dia, a soltar foguetes, “segundo costume luso-brasileiro”.<sup>50</sup>

Por conta do ambiente descontraído no qual se desenrolava a cerimônia, do entrelaçamento entre o profano e o sagrado, o visitante não conseguia distinguir o culto cristão da festa popular, supondo que o sentimento religioso não era a principal motivação dos fiéis. Era difícil para os visitantes observarem festas católicas sob o aspecto religioso, pois não compreendiam o sincretismo das comemorações. Os viajantes estrangeiros criticavam a organização e a estrutura dos rituais, influenciados por uma perspectiva mais ortodoxa do catolicismo romano e, por vezes, uma visão protestante. Nesse sentido, os eventos estariam perdendo sua função religiosa e passavam a ser contemplados como um espetáculo, uma curiosidade local.

### 3. A PROIBIÇÃO

Se um viajante estrangeiro, católico e leigo ficou horrorizado com a forma como os devotos do Jesus Crucificado expressavam a fé na Bahia do século XIX, o que dizer das autoridades eclesiásticas imbuídas dos ideais de reforma do catolicismo? Para o arcebispo e bispos, era preciso modificar a vida dos religiosos, principalmente dando-lhes uma formação mais consistente nos seminários e fazendo com que os novos sacerdotes tivessem moral inquestionável para promover a reforma na religiosidade leiga.

Dom Romualdo Antônio de Seixas foi o principal arcebispo reformador a atuar na Bahia. Seus sucessores deram continuidade ao trabalho de evangelização e tentativas de mudanças nos costumes. Porém, de todos os arcebispos reformadores, o que mais teve sucesso na empreitada de reformar os costumes religiosos dos baianos foi Dom Antônio Luís dos Santos.

<sup>49</sup> Idem, p. 129-130.

<sup>50</sup> Idem, p. 131-132.



Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Muitos tentaram extinguir a Lavagem do Bonfim, mas foi esse arcebispo quem conseguiu, com o apoio da polícia, proibir tal ato. Suas normas expressas em ofícios e portarias deveriam ser respeitadas em todos os templos da capital, porém a Igreja do Bonfim é citada em função da importância da festa para os baianos e do enorme “ajuntamento” de pessoas pelas ruas da cidade. Segundo o próprio arcebispo, “pela multidão de pessoas de ínfima classe que para ali afluem nesse dia”<sup>51</sup> Ou seja, pela quantidade de praticantes do Candomblé, africanos e descendentes em sua maioria.

Em 1889, Dom Antônio Luís dos Santos publicou uma portaria proibindo as lavagens das igrejas em dia de festa em homenagem aos santos e pedindo o respaldo da autoridade civil. A portaria, endereçada aos párocos e administradores das igrejas e capelas, afirmava que as exortações contra tais atos, “graves abusos”<sup>52</sup>, foram feitas por seus antecessores e por ele mesmo, mas não surtiram efeito. Dessa forma, justificava a sua atitude.

As determinações da portaria deveriam ser obedecidas em todas as igrejas. Porém, havia uma preocupação especial com a Lavagem da Igreja do Bonfim. Outros documentos relacionados à mesma ordem

revelam esse aspecto da proibição das lavagens. Em carta enviada ao Pe. Pedro dos Santos, responsável pela freguesia de Nossa Senhora da Penha, o arcebispo determinava que a Igreja do Bonfim deveria ficar fechada durante todo o dia de quinta-feira, só sendo permitida a abertura da porta à noite, para a realização da novena. E ainda foi enfático ao tratar da limpeza do santuário:

Quanto ao asseio do templo para a festa, que seja feito muito particularmente, em outro qualquer dia, de portas fechadas, sem o menor sinal de festa ou cantoria, e com toda a decência compatível com a casa de Deus.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> APEB - Setor Colonial - Seção de arquivos coloniais e provinciais. Inventário dos documentos do Governo da Província – II Parte. Dom Antônio Luís dos Santos. **Portaria**. Salvador, 9 de dezembro de 1889, maço 5209, caderno 1866.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> APEB - Setor Colonial - Seção de arquivos coloniais e provinciais. Inventário dos documentos do Governo da Província – II Parte. Dom Antônio Luís dos Santos. **Carta para Pe. Pedro José Teixeira dos santos, pároco colado da freguesia de Nossa Senhora da Penha**. Salvador, 21 de dezembro de 1889, maço 5209, caderno 1866.

Para fazer valer a portaria, Dom Antônio dos Santos publicou-a nos jornais e, no mesmo dia 9 de dezembro de 1889, enviou ofício<sup>54</sup> ao governador do Estado, Manoel Vitorino, pedindo proteção, pois tinha receio de que houvesse “movimento de desobediência por ocasião da lavagem da igreja do Senhor do Bonfim” pelo ajuntamento de “pessoas da ínfima classe” e também por interesses comerciais.

A proibição, no entanto, não cumpriu totalmente sua finalidade. As mulheres deixaram de lavar o interior da Igreja do Bonfim na quinta-feira, mas continuaram a realizar o cortejo, munidas de vassouras, flores e vasos com água de cheiro, para lavar o adro e a escada. Vitória dos fiéis e sua devoção.

Para os irmãos da Devoção, a Lavagem também se constituiu num ato incômodo, pois, segundo Carvalho Filho, “Esta prática foi ocasionando taes abusos, que a bem da religião e da moral mister foi extinguil-a”<sup>55</sup>. No livro escrito por esse membro da irmandade, há apenas um pequeno comentário sobre a celebração, que, para muitos baianos significa a própria festa, como se fosse mais prudente não evidenciá-la. A descrição só aparece na nota 23:

Desde os tempos primitivos da Devoção do Senhor do Bom-Fim, se costumava, na quinta-feira anterior ao domingo da sua festa proceder à lavagem da Cappella; a princípio feita por mui poucas pessoas da vizinhança, foi depois tornando-se mais concorrida essa prática, de forma a ser mui grande o número de romeiros que desde a véspera começavam a affluir, muitos vindo de logares ainda os mais longínquos, para tomarem parte na já chamada *Lavagem do Bom-Fim* (grifo do autor).<sup>56</sup>

José Eduardo de Carvalho Filho, nos anos 1920, assim como Maximiliano de Habsburgo no século anterior, também considerou a lavagem da Igreja do Bonfim uma “bacanal”. Segundo ele, a “espécie de devoção e conveniente decência” deu lugar a “uma verdadeira bacanal” que deveria ser extinta “a bem da religião e da moral”. Nossos dois informantes não foram contemporâneos, mas faziam parte da elite branca e letrada, baiana e austríaca, respectivamente, e, por isso, da mesma forma, se incomodavam com a presença da população negra nos festejos do Bonfim, apesar de reconhecerem que da Lavagem também faziam parte “muitas pessoas da melhor sociedade”<sup>57</sup>, como ressaltou Carvalho Filho. Porém, ele deixou clara a sua posição no trecho retirado da nota 23 do seu livro:

Nessa época condenável de desmandos a que me referi, grande era a concorrência de gente de cor, mestiços e africanos de ambos os sexos que tomavam parte na *Lavagem*.

Não raro viam-se no interior da Capella mulheres lamentavelmente descompostas pelo arregaçado das saias e decote das camisas. Homens e mulheres derramavam água e com as vassouras esfregavam o lagedo em uma vozzeria pelos cânticos de bemditos e outras rezas descontraídas e diversas, ao mesmo tempo em que eram erguidos estrepitosos vivas ao Senhor do Bom-Fim e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Guia. Difícil era conter essa gente que assim o fazia, por entender, creio eu, que desse modo não desrespeitava a Deus e bem servia ao Senhor.<sup>58</sup>

As proibições e críticas à Lavagem do Bonfim, durante o século XIX, não foram suficientes para que os fiéis deixassem de realizar esse ato de fé, para eles, absolutamente sagrado. As portarias e normas eclesiásticas foram apenas em parte obedecidas. Na quinta-feira, os devotos não podiam mais entrar no templo, que, a partir da proibição de Dom Luís Antônio dos Santos, teve as portas fechadas. No entanto, a interdição não foi capaz de apagar o brilho, a alegria e a emoção de se homenagear o Senhor do Bonfim e Oxalá na porta, no adro e no largo em frente ao templo. E o principal dia de festa continuou em plena expansão durante o século XX.

<sup>54</sup> APEB - Setor Colonial - Seção de arquivos coloniais e provinciais. Inventário dos documentos do Governo da Província – II Parte. Dom Antônio Luís dos Santos. **Ofício ao Exmo. Sr. Dr. Manoel Vitorino, Governador deste Estado**. Salvador, 9 de dezembro de 1889, maço 5209, caderno 1866.

<sup>55</sup> CARVALHO FILHO, op. cit., p. 31.

<sup>56</sup> Idem, nota 23, p. 152.

<sup>57</sup> Idem, nota 23, p. 155.

<sup>58</sup> Idem, nota 23, p. 154.

# A Festa do Bonfim na contemporaneidade

Para chegarmos a falar da Festa do Bonfim nas últimas décadas, convém ressaltar que, se a Lavagem do interior da igreja foi proibida pelas autoridades eclesiais e deplorada por ilustres visitantes, não deixou de se consolidar como costume lúdico e religioso entre diversos setores da sociedade baiana.

Este capítulo se refere à Festa do Bonfim como acontecimento no passado recente e será completado com os seguintes, que tratam respectivamente do próprio sentido da festa capturado junto aos participantes, bem como de questões relacionadas à gestão da Festa no presente. Para tanto, será necessário distinguir alguns traços como dimensões importantes da Festa, para, no final, recuperar a visão do seu conjunto.<sup>59</sup>

Para a reconstituição da história recente da festa, foram utilizados tanto o material disponível da imprensa soteropolitana quanto a memória oral de participantes de mais de 50 anos. Antes, porém, parece relevante resgatar alguns testemunhos notáveis. Vamos a eles.

## 1. ALGUNS TESTEMUNHOS NOTÁVEIS

A equipe que elaborou este dossiê houve por bem destacar alguns testemunhos da Festa do Bonfim na primeira metade do século XX, considerando sua singularidade e relevância. Levando em conta ainda o valor literário e artístico, ao se reportar a esses registros singulares, a equipe optou por transcrever alguns trechos, ainda que um pouco extensos. Nas seções seguintes, esses documentos serão retomados, construindo-se uma conexão entre os testemunhos aí configurados com as

cenas da Festa do Bonfim da segunda metade do século XX e dos nossos dias aí descritas e analisadas.

A documentação jornalística nem sempre é tão rica quanto o testemunho ensaístico e artístico de autores como estes. A imprensa escrita costuma se referir com frequência a “uma multidão incalculável”, “milhares de pessoas” ou “levas e mais levas de fiéis”. Outra constante no noticiário comum é a presença de artistas famosos e políticos na Festa, ocupando o primeiro plano. Nos anos em que o governo estadual e o municipal eram ocupados por partidos diferentes, as manchetes costumavam girar em torno das vaias e aplausos que cada um recebia, procurando legitimar ou deslegitimar o ocupante do cargo em função desse acontecimento. Isto vem reforçar a importância do recurso, neste Dossiê, aos testemunhos destes cronistas destacados.

O primeiro desses relatos notáveis vem de João da Silva Campos, que inicia o capítulo VI de um artigo nos *Anais do Arquivo Público da Bahia* com uma afirmação radical:

Oxalá aqui na Bahia é o Senhor do Bonfim. As *filhas de santo* [em itálico no original] trajam sempre de branco. Alimentavam-se no tempo dos africanos de milho branco, de açaçá branco e de aberém branco. Nas sextas-feiras não comiam carne.<sup>60</sup>

Logo em seguida, passa a narrar a cena, destacando um acontecimento muito significativo aos efeitos da composição deste dossiê, como se verá páginas adiante.

<sup>59</sup> Estes itens não estão dispostos por ordem de importância.

<sup>60</sup> *Anais do Arquivo Público da Bahia sob a direção de Alfredo Vieira Pimentel*. Volume XXIX (1943). Bahia, Imprensa Oficial, 1946, p. 301.



Chegada do Cortejo ao Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.



Baianas na Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Eis o que vi na primeira sexta feira de agosto de 1929, na basílica do Bonfim. Chegaram ao templo umas vinte creoulas e mulatas, novas, bem novas algumas talvez impúberes, quase meninas, de saia, torso e pano da Costa brancos. Entraram num bolo, cabisbaixas, e num bolo sentaram-se no chão, defronte do altar do Coração de Jesus, onde um frade franciscano celebrava missa. Viera guiando-as, com ar triunfante de comando, fronte erguida [sic] mulata clara, de boa estatura, esbelta, moça simpática, ou mesmo bonita, ostentando muitas voltas de contas coloridas ao pescoço e nos pulsos. Algumas creoulas de saia que se achavam na igreja apontavam-na e cochichavam entre si. Cheguei-me a uma que se me afigurou acessível, perguntando-lhe: “Minha negra, quem é aquela?” – “É u’a *mãe de santo* [em itálico no original]. É a Joana”<sup>61</sup>.

O testemunho de João da Silva Campos alcança então uma acuidade comovente, tanto do ponto de vista literário quanto da precisão etnográfica. No trecho seguinte, o repórter como que dá lugar ao etnólogo mais acurado. Sem pretender-se cientista, como ele próprio confessa no início do seu artigo, o cronista nos legou trechos de rara precisão etnográfica.

Vinha trazida pelo grupo uma criancinha de peito, envolvida em panos brancos que andava de braço em braço. As mulheres de branco não mudaram de posição durante a missa, conservando-se sentadas, as cabeças pendidas, como se cochilassem.

Uma das mais novas ressonava com a fronte repousada no seio da parceira. Finda a missa, a *mãe-de-santo* [em itálico no original] aquela mulata alinhada despertou-as e saírem [sic]. Não me foi possível segui-las. Que era aquilo? A creoula que mas dera a primeira informa havia desaparecido<sup>62</sup>.

Não é difícil compreender o que trata o relato de Silva Campos. A *mãe-de-santo*, provavelmente auxiliada por algumas de suas filhas-de-santo, levava à basílica algumas iaôs em processo de iniciação. Durante muitas décadas, os candomblés levavam seus neófitos – mais frequentemente, suas neófitas – ao Bonfim, como um dos elementos da iniciação, segundo refere o próprio Edison Carneiro, costume que ainda hoje se observa, embora em menor frequência. O estado psíquico alterado em que se encontravam as neófitas é característico do período da iniciação, mesmo que não se possa afirmar que seja exclusivo desse período. Enfim, a *mãe-de-santo* levou um *barco* [grupo de iniciandos] para cumprir uma etapa importante na sua formação. Percebe-se que, em que pese a hostilidade que caracterizou, em muitos períodos, a posição de representantes da Igreja, do governo e da polícia com relação ao candomblé não

<sup>61</sup> Idem, p. 301.

<sup>62</sup> Idem, p. 301-302.





Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

impedia que acontecessem, num templo de ampla afluência popular, cenas como estas, que mostram uma profunda interação de duas matrizes religiosas tão distintas entre si.

O trecho seguinte de Silva Campos, imediatamente posterior àquele reportado acima, dá conta da mesma observação:

Cinco dias depois, tive inesperado encontro com outro grupo de estranhas criaturas<sup>63</sup>.

O próprio estranhamento do autor pode ser tomado como uma chave de interpretação, uma vez que o deixou intrigado e cuidadoso com relação à descrição.

Ao meio dia. Estava à esquina de Miramar, na Calçada do Bonfim, um magote de mulheres de saia. Creoulas e cabras, novas, novinhas. Algumas meninotas. Um desoito. Descalças. Mas de roupa branca alvíssima. Tal como as que vira no Bonfim. Como que apalermadas, abestalhadas, estavam. Guiavam-nas alguma creoulas.

Um sujeito que vinha ao meu lado no autoônibus: “Ih! Isso é gente de *Oxalá!* Foram *lavar* conta. “Eu: “Que quer dizer *lavar* conta?” – “É negócio de *santo*”. Fiquei na mesma [em itálico no original].

De volta para a cidade, cerca das quatorze horas, topei-os na

Praça Deodoro [Mercado do Ouro]. Iam a pé, na mesma palermice, assessorados, como já as vira na Calçada, por outras de *santo feito*. Saltei do bonde. Queria ver aquilo.

Quando chegaram na face da praça, entre a ruas do Outro e Nova de Ouro, sob os oitizeiros ali existentes, achava-se no meio dos carregadores das grandes casas comerciais próximas, assentados na borda do passeio, certa mulata de saia, quase branca, nova. Não foi a que vira dias antes na basílica do Bonfim. As criaturas foram-se a ela, guiadas pelas monitoras. Então passou-se o seguinte. Cada uma, chegando-se em frente da mulata que me disseram ser *mãe-de-santo* [em itálico no original], batia palmas por duas ou três vezes, pegava-lhe na dextra e levava-a com a palma voltada para a frente à própria testa ao entresseio, ao seio direito e ao esquerdo – persignando-se, pois – em seguida beijava-lhe. Todas assim procederam. E continuavam a marcha. Cegaram à rua Conselheiro Dantas, enfiaram pela escada do primeiro ou segundo sobrado, à direita. Não tinha tempo para esperá-las que saíssem. Deixei a mó de curiosos que as seguiam e fui-me<sup>64</sup>.

Ou seja, o nosso etnólogo nos convence facilmente de que a cena que se passou cinco dias antes na igreja

<sup>63</sup> Idem, p. 302.

<sup>64</sup> Idem, p. 302.

do Bonfim é muito próxima do que ele próprio viu no Mercado do Ouro, sobretudo no que se refere ao estado psicologicamente diferenciado das iaôs em iniciação.

Outro testemunho daquele período vem da antropóloga judia norte-americana Ruth Landes. *The City of Women* foi publicado em 1947, mas as anotações de que parte a autora na sua admirável reconstituição da vida social tecida em torno do candomblé são de 1938-39. O que colocamos neste dossiê são algumas observações suas que compõem ao livro como elementos do contexto em que se destaca a liderança feminina – sobretudo de Menininha do Gantois, ialorixá que, à época, havia cumprido 16 dos 64 anos que duraria seu prolongado sacerdócio.

Ruth Landes compartilhava a construção de Edison Carneiro correspondente a interseções afetivas e efêmeras entre o catolicismo e a tradição dos orixás.

A filosofia, o misticismo e a emocionalidade do candomblé sempre me intrigaram. Aprendi a conhecê-lo de modo rotineiro, como alguém que aprende uma nova língua na escola, e me tornei um dos seus adeptos; as minhas reações, porém, eram tão distantes como as de uma máquina de calcular para com os números. Tomei-me de simpatia pela gente, admirava a qualidade da sua vida – que tinha a riqueza de um brocado – e desejava saber mais. Estou agora convencida de que Edison tinha razão quando dizia que os seguidores do culto eram realmente bons católicos<sup>65</sup>.

No trecho seguinte, Ruth Landes reporta as palavras do antropólogo baiano, daí as aspas:

“Os sacerdotes católicos ensinam ao povo as mesmas coisas que as mães – ou seja, confiança nos santos e obediência a mandamentos mais do que à própria razão. Deus é uma idéia familiar nesta cidade de catedrais. Os sacerdotes católicos dizem que é importante conhecer a sua vontade, mas que, sob quaisquer circunstâncias, é obrigatório obedecer-lhe! O povo fala de Deus na ‘vida católica’ e em Oxalá “na africana”; e isso significa que acreditam estar praticando uma única religião, embora empreguem duas linguagens ao fazê-lo”<sup>66</sup>.

É importante considerar a perspectiva da autora no que diz respeito às relações entre as duas matrizes religiosas para melhor compreendê-la quando se refere à Festa do Bonfim e ao contexto das festas realizadas entre o Natal e o Carnaval.

Nosso Senhor do Bonfim é o padroeiro da Bahia; é Jesus e Oxalá. A lavagem da igreja, ao mesmo tempo rito católico e



Cortejo do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

africano, se realiza nos começos do Ano Novo e simboliza renovação e esperança. Nos templos, a *água* [em itálico no original] (ou lavagem) de Oxalá tem lugar mais cedo, até mesmo em setembro. Mas todo mundo participa da cerimônia católica. Está entre as primeiras festas das janeiras, ciclo de festas pré-carnavalescas. Durante vários anos, a Bahia não fez a festa da *lavagem* [em itálico no original]; mas, naquele ano, a cidade tencionava fazê-la, malgrado a morte recente do Papa [...] nos primeiros dias de dezembro, os baianos tinham começado a festejar e a frequência às festas aumentara regularmente até que, ao chegar o momento da lavagem, havia festas todo dia. O entusiasmo era muito contagiante [...]”<sup>67</sup>.

Ruth Landes reporta diversos hinos religiosos usados em cerimônias, inclusive no contexto das festas de janeiro. Descreve um passeio dominical na península de Itapagipe em que ficou maravilhada com as barracas da Festa do Bonfim:

O nome de cada barraca estava pintado em letras e cores fantasistas num caixilho acima da porta de entrada – nomes de pessoas como os que se davam aos botes, aos burros, aos atabaques sagrados e aos campeões de capoeira. Eram nomes que me cha-

<sup>65</sup> LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 100.

<sup>66</sup> Idem, p. 101-102.

<sup>67</sup> Idem, p. 260-261.



Barraca na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

mavam a atenção, absurdos, mas evocadores do esplendor, das lendas e das veladas alegrias de um mundo de sonho. Um deles era Flor do Amor; outro era Filho de Deus; um terceiro, Maravilhas da Arábia. Outros eram Novo Mundo, O Conquistador, Os Reis do Oriente, As Três Belas Meninas [...] A fragrância da comida em preparo se exalava no ar aquecido. Não vi ninguém se esforçando por vender, se bem que as barracas estivessem cheias de fregueses. Havia enorme consumo de tapioca e de laranja “americana” que, tenho certeza, fora engarrafada nos Estados Unidos havia muito, pois o seu sabor estava horrivelmente estragado por preservativos. Havia também aruá, que era a bebida da gente do culto, e água de coco, fresca, bebida no próprio coco<sup>68</sup>.

O que costuma surpreender os leitores da antropóloga norte-americana é a proximidade de suas descrições com relação às cenas da Festa do Bonfim nas últimas décadas do século XX.

Em 1944, penúltimo ano da II Guerra Mundial, Jorge Amado escreveu uma crônica singular sobre os festejos do Bonfim, que inclui o registro de um V da Vitória. Trata-se de um capítulo de *Bahia de Todos os Santos*.

*Guia de ruas e mistérios*, editado por primeiro em 1945. Naquele janeiro de 1944, havia um número considerável de soldados brasileiros – os *pracinhas* –, inclusive baianos, e a Guerra, assim, parecia muito próxima.

Há um ar de festa nas ruas comerciais e o rosto dos homens se abre em sorrisos. Sim, porque quem nunca a viu, jamais poderá imaginar a surpreendente beleza desta procissão. Primeiro direi que há uma harmoniosa confusão de músicas e cânticos, onde cantos religiosos em estropiado latim se misturam aos cânticos negros das macumbas. Mas, ah! Existem também devotos que vivem na boêmia [sic] e não sabem nem os cânticos ilustres da igreja nem as canções em honra de Oxulofã [sic]. Ainda assim são devotos do Senhor do Bonfim e desejam cantar para o Santo música em sua homenagem. E cantam então sambas e marchas, gemem as violas, as cuicas, os cavaquinhos. Mas é tudo em louvor do santo e nesta quinta-feira o pecado não existe nas ruas da cidade da Bahia. O demônio há muito que está em meio aos exércitos nazistas. Esta afirmação foi feita por um negro capo-

<sup>68</sup> Idem, p. 106.



Sambistas no Cortejo da Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1959.

eirista, profundo entendedor destes mistérios e trouxe a todos os presentes uma agradável convicção. Mesmo porque a *baiana* [em itálico no original] que leva um pequeno pacote cheio de água é um convite ao pecado com seus olhos de dengue e sua boca de beijos. Não há o pecado neste dia felizmente!

Na frente de tudo e de todos vem a vela da Vitória, ao ombro das *baianas* mais lindas. Vela colossal, com as cores da bandeira brasileira, com um grande V de flores, que o povo depositou aos pés do santo, rogando pela vitória dos exércitos aliados. Um dia, ela será acesa e iluminará a Igreja do Bonfim. No dia da Vitória. Atrás as “filhas-de-santo” de diversos candomblés, com suas saias engomadas de muita roda, suas anáguas e seus turbantes, e tudo cheio de flores, e sobre as cabeças, num equilíbrio quase milagroso, os cântaros, as bilhas, os potes e os moringues. Filhas-de-santo de todos

os candomblés da cidade, da Goméia, do Bate-Folha, do Engenho Velho, do Gantois. Vestidas de todas as cores, levam para o santo as coisas mais puras do mundo: as águas e as flores, a alegria também. Vêm logo depois da vela da Vitória, e o seu canto, onde ressoam atabaques e agogôs, lembra os cantos de guerra dos caçadores negros dos desertos da África. Em fila, carregando galhos sagrados de pitangueiras, seguem-se os baleiros, os vendedores de queimados, doces e chocolates na cidade da Bahia. Conduzem ramos de folhas, formam com as *baianas* a guarda de honra da vela da Vitória.

E vêm os aguadeiros, em jumentos e carroças. Dizer jumentos e carroças é dar uma triste e falsa idéia do que é este espetáculo. Os jumentos desaparecem sob papel de seda recordado, coisa tão lírica jamais se viu!, as carroças desaparecem sob as flores, tão variadas e tão numerosas. Não eram carros florais de prima-



Roda de Samba na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

vera, não eram jumentos, eram animais simbólicos e lendários. Nunca se reuniu no mundo tanto colorido, tanta graça e tanta alegria. Todas as cores nos vestidos das *baianas*, nos papéis pintados, nos desenhos dos tabuleiros, nas flores sobre as filhas, os moringues, os potes. Ah! A sedução destas bilhas, destes potes, destes moringues... As frutas da Bahia, mangas, laranjas, sapotis, abacaxis, esplêndidas, saltam dos tabuleiros, são para o santo. Porque Senhor do Bonfim, como os orixás negros, recebe presentes de frutas nos ritos africanos<sup>69</sup>.

O romancista consegue colocar, num breve texto, a tensão da “guerra” nos seus momentos mais dramáticos e a tensão correspondente à interação entre duas religiões tão distintas entre si e compartilhando formidavelmente a realização de um ritual ao mesmo tempo cívico, religioso, lúdico e artístico.

Pouco depois que Jorge Amado escreveu o texto acima citado, o etnólogo Edison Carneiro, comentando em

1945 as comemorações do bicentenário da Festa do Bonfim, pode ser lido ao mesmo tempo como um lamento e uma crítica; aos efeitos deste dossiê, entretanto, sua contribuição pode ser tomada como um testemunho de singular relevância da relação entre a Festa do Bonfim e o conjunto das manifestações culturais praticadas pelo povo de Salvador naqueles meados de século XX.

Centenário do senhor do Bonfim reduziu o povo da Bahia à situação de simples espectador nos festejos do padroeiro da cidade. Houve somente retretas no Largo da Penha e no Adro do Bonfim, com fogos de artifício. O povo foi chamado a participar das comemorações exclusivamente nas procissões de ida e volta da imagem, entre o Bonfim e a Penha.

<sup>69</sup> AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos. Guia de ruas e mistérios*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945, p. 133-134.

A ocasião era, entretanto, excepcional para a realização de festas populares que tornassem inesquecível o dia 18 de abril de 1945. Poder-se-ia preparar uma chegada na Ribeira. Os negros da cidade, tocando os seus atabaques, invocariam os seus orixás no largo do Papagaio, como o faziam outrora. Os negros mais idosos ressuscitariam o festival africano das máscaras nos Dendezeiros. Em qualquer parte da península de Itapagipe, voltariam ao tablado os bailes pastoris. Do Mercado Modelo, partiria a grande e colorida expedição popular para a lavagem da igreja. Ternos e ranchos de Reis saíram à rua, a disputar prêmios nos palanques da Penha e do Bonfim. Organizar-se-iam *rodas* [em itálico no original] de samba e de capoeira. Desfilariam batucadas pela Ribeira. Tendinhas de sarapatel, mocotó, caruru e vatapá coalhariam o Adro do Bonfim e o Largo da Penha. O pequeno Carnaval da Segunda-Feira do Bonfim voltaria a animar a velha cidade...

Esta é a tradição popular das festas do Bonfim – uma tradição que data de depois do término da guerra do Paraguai, segundo Manoel Querino –, desconhecida pelo programa oficial das comemorações. O povo da Bahia foi vítima, assim, de clamorosa injustiça. Como destinar-lhe, no bicentenário do Bonfim, papel tão inexpressivo? Somente a sua participação ativa satisfaria a verdade histórica, tradicional e religiosa da Bahia<sup>70</sup>.

Para Edison Carneiro, a Festa do Bonfim, além de seu significado próprio, era também a culminância das diversas manifestações culturais festivas do verão de Salvador. A quantidade de práticas lúdicas tradicionais a que se refere aparece como que reunida em torno da festividade.

Associados aos testemunhos acima, poderíamos citar artistas de diversas origens que contribuíram para tornar a Festa do Bonfim conhecida nacionalmente.

No âmbito da música, Dorival Caymmi se destacou por diversas referências ao Bonfim. Em 1939, *O que é que a baiana tem?*, possivelmente o maior sucesso de Carmem Miranda, arremata o vestuário da *baiana*, já presente em tantas outras canções, associando-o ao Bonfim. Integra o filme *Banana da Terra*, lançado no Carnaval daquele mesmo ano.

*O que é que a baiana tem?  
O que é que a baiana tem?*

*Tem torço de seda, tem  
Tem brincos de ouro, tem  
Corrente de ouro, tem  
Tem pano da Costa, tem  
Tem saia engomada, tem  
Sandália enfeitada, tem  
E tem graça como ninguém  
Como ela requebra bem*



Devotos à espera do Cortejo – Foto: Marcelo Reis, 2010.

*Quando você se requebrar, caia por cima de mim  
Caia por cima de mim, caia por cima de mim*

*O que é que a baiana tem?  
O que é que a baiana tem?  
Um rosário de ouro, uma bolota assim  
Ô quem não tem balangandã não vai no Bonfim  
Ô não vai no Bonfim, ô não vai no Bonfim*

Em 1941, temos *Você já foi à Bahia?*, em que se fala de saudade, comida e sorte. A música radiofônica, difundida a partir da indústria fonográfica e dos programas de auditório do Rio de Janeiro, consolidava a representação da Bahia como sede da afrodescendência brasileira. Novamente, o Bonfim destacado.

<sup>70</sup> CARNEIRO, Edison. *A sabedoria popular*. Apresentação e notas de Raul Lody. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008, p. 60-61.

Você já foi à Bahia, nega?  
 Não?  
 Então vá!  
 Quem vai ao “Bonfim”, minha nega,  
 Nunca mais quer voltar.  
 Muita sorte teve,  
 Muita sorte tem,  
 Muita sorte terá  
 Você já foi à Bahia, nega?  
 Não?  
 Então vá!  
 Lá tem vatapá  
 Então vá!  
 Lá tem caruru,  
 Então vá!  
 Lá tem mungunzá,  
 Então vá!  
 Se “quiser sambar”  
 Então vá!  
 Nas sacadas dos sobrados  
 Da velha São Salvador  
 Há lembranças de donzelas,  
 Do tempo do Imperador.  
 Tudo, tudo na Bahia  
 Faz a gente querer bem  
 A Bahia tem um jeito,  
 Que nenhuma terra tem!  
 Lá tem vatapá,  
 Então vá!  
 Lá tem caruru,  
 Então vá!  
 Lá tem mungunzá,  
 Então vá!  
 Se “quiser sambar”  
 Então vá!

Em 1946, 365 igrejas, Caymmi associa o Bonfim à ancestralidade, numa recriação estetizada desse valor em que os descendentes – no caso, os filhos do compositor e intérprete – são confirmados na sua origem mediante o batismo nessa igreja.

365 igrejas a Bahia tem  
 Numa eu me batizei  
 Na segunda eu me crismei  
 Na terceira vou casar com uma mulher que  
 eu quero bem

Se depois que eu me casar  
 Me nascer um bacuri  
 Vou me embora prá Bahia, vou  
 Vou batizar no Bonfim  
 Mas se for me parecendo  
 Que os meninos vão nascendo  
 Por cada uma igreja que tem lá  
 Sou obrigado a comprar minha passagem prá voltar  
 prá cá, não é...

Em 1947, *Lá vem a baiana* é uma torrente de sensualidade e paixão, sendo que a moça age em cumplicidade com o próprio Senhor do Bonfim e o autor, diante de dupla tão poderosa, prefere se confessar em desvantagem...

Lá vem a baiana  
 De saia rodada,  
 sandália bordada  
 Vem me convidar para dançar  
 Mas eu não vou

Lá vem a baiana  
 Coberta de contas,  
 pisando nas pontas  
 Achando que eu sou o seu Ioiô  
 Mas eu não vou

Lá vem a baiana  
 Mostrando os encantos,  
 falando dos santos  
 Dizendo que é filha do  
 Senhor do Bonfim  
 Mas... pra cima de mim?

Pode jogar seu quebranto que eu não vou  
 Pode invocar o seu santo que eu não vou  
 Pode esperar sentada, baiana, que eu não vou  
 Não vou porque não posso resistir à tentação  
 Se ela sambar eu vou sofrer  
 Esse diabo sambando é mais mulher  
 E se eu deixar, ela faz o que bem quer  
 Não vou, não vou, não vou  
 Não vou, não vou, não vou nem amarrado  
 Porque eu sei  
 Se ela sambar  
 Hum hum hum hum hum hum hum hum hum



Baiana na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

Inúmeros outros compositores e intérpretes contribuíram para construir a lenda do nome da Bahia no cancionário nacional. Aos efeitos deste dossiê, trata-se de sublinhar a presença da menção ao Bonfim neste contexto.

Como contrapartida das composições de Dorival Caymmi acima transcritas, podemos lembrar algumas contribuições de Ary Barroso, mineiro que não economizou referências ao Bonfim. Esteve pela primeira vez na Bahia em 1929, como pianista de orquestra. Décadas depois, em 1962, numa entrevista à revista *Manchete*, confessaria que se deixou seduzir pelos encantos que a cidade lhe oferecia. É provável que sua peça mais conhecida, neste sentido, seja *No Tabuleiro da Baiana*, de 1936. Surge já o nome do Senhor do Bonfim.

*No tabuleiro da Baiana tem  
Vatapá, caruru, mungunzá, tem umbu prá Ioiô  
Se eu pedir você me dá?  
O seu coração, seu amor de Iaiá  
No coração da Baiana também tem  
Sedução, canjerê, ilusão, candomblé  
Pra você  
Juro por Deus, pelo Senhor do Bonfim  
Quero você Baianinha inteirinha pra mim  
E depois? o que será de nós dois?  
Seu amor é tão fugaz, enganador  
Tudo já fiz, fui até no canjerê  
Prá ser feliz, meus trapinhos juntar com você  
E depois vai ser mais uma ilusão  
no amor que governa o coração*





Festa do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

Dois anos depois, em 1938, faria sucesso *Na Baixa do Sapateiro*, também pela voz da *pequena notável*. O Senhor do Bonfim é o fiador de um amor inesquecível e pode fazer voltar a sorrir alguém que perdeu de vista sua amada.

*Na Baixa do Sapateiro eu encontrei um dia  
A morena mais frajola da Bahia  
Pedi um beijo, não deu  
Um abraço, sorriu  
Pedi a mão, não quis dar, fugiu  
Bahia, terra da felicidade  
Morena, eu ando louco de saudade  
Meu Senhor do Bonfim  
Arranje uma morena igualzinha prá mim  
Ai, amor, ai, ai  
Amor, bobagem que a gente não explica  
Prova um bocadinho, ô  
Fica envenenado, ô  
E pro resto da vida é um tal de sofrer  
Olará, olerê  
Ô Bahia  
Bahia que não me sai do pensamento  
Faço o meu lamento, ô  
Na desesperança, ô*

*De encontrar nesse mundo  
Um amor que eu perdi na Bahia, vou contar...*

Em 1952, Elizeth Cardoso gravaria *Faixa de Cetim*, composição menos conhecida de Ary Barroso, mas nem por isso menos emblemática da maneira como a cidade do Salvador era representava no panteão da brasilidade. Novamente, aparece a remissão ao Senhor do Bonfim como oráculo, referência de fé e garantia de felicidade, tudo isto associado à afirmação poética de que a Bahia é o lugar de nascimento de “Nosso Senhor”.

*Bahia  
Terra de luz e amor  
Foi lá onde nasceu Nosso Senhor  
Bahia, de Iaiá e de Ioiô  
Da mãe preta carinhosa  
Que no colo me embalou*

*Quando eu nasci  
Na Cidade Baixa  
Me enrolaram numa faixa  
Cor de rosa de cetim*

*Quando eu cresci dei a faixa de presente  
Pra pagar uma promessa  
Ao meu Senhor do Bonfim  
Pedi que me abrisse o caminho  
Da felicidade  
Pedi que me desse um carinho  
Prá minha mocidade  
Sou feliz, ninguém mais feliz que eu*

*Bahia  
Senhor do Bonfim me atendeu  
Pedi que me abrisse o caminho  
Da felicidade  
Pedi que me desse um carinho  
Prá minha mocidade  
Sou feliz, ninguém mais feliz que eu  
Bahia  
Senhor do Bonfim me atendeu*

Vale destacar que as escolas de samba do Rio de Janeiro, sobretudo entre os anos 40 e 80, insistiram na referência à igreja do Bonfim. Luís Américo Lisboa Júnior afirma que, entre os lugares mencionados de Salvador no repertório que alcançou sucesso nacional, o Bonfim sobressai, juntamente com a Baixa dos Sapateiros, o Cais Dourado, a Praça da Sé e a Praia de Itapuã<sup>71</sup>. Entre os ícones religiosos da Bahia mencionados no mesmo repertório, o mais referido é, de longe, o Bonfim. Observe-se como o Bonfim aparece destacado no samba-enredo *Bahia de todos os deuses*, composto por Bala e Manuel Rosa, com que a Escola de Samba do Salgueiro sagrou-se campeã carioca em 1969. Este samba alcançou muito sucesso na voz de Jair Rodrigues:

*Bahia  
Os meus olhos tão brilhando  
Meu coração palpitando de tanta felicidade  
És a rainha da beleza universal  
Minha querida Bahia  
Muito antes do Império foi a primeira capital*

*Preto velho Benedito já dizia  
Felicidade também mora na Bahia  
Tua história, tua glória  
Teu nome é tradição  
Bahia do velho mercado  
Subida da Conceição  
És tão rica em minerais  
Tens cacau, tens carnaúba*

*Famoso jacarandá  
Terra abençoada pelos deuses  
E o petróleo a jorrar*

*Nega baiana  
Tabuleiro de quindim  
Todo dia ela está  
Na Igreja do Bonfim*

*Na ladeira tem  
Tem capoeira  
Zum zum zum zum zum zum  
Capoeira mata um  
Zum zum zum zum zum zum  
Capoeira mata um*

O que importa destacar, a partir das composições acima referidas, é que o Bonfim, no cancionário radiofônico a partir dos anos 30, torna-se um ícone da cultura brasileira. É um ícone localizado, mas não apenas local, pois a maneira como comparece no repertório da brasilidade permite compreender sua importância como nacional.

No âmbito da fotografia, o francês Pierre Verger se destaca com um acervo de cenas da Festa do Bonfim no álbum *Retratos da Bahia*. Algumas das fotografias dessa obra se tornaram registros paradigmáticos da sociabilidade experimentada na Festa do Bonfim em meados do século XX<sup>72</sup>.

No campo das artes plásticas, o argentino Hector Julio Bernabó, conhecido como Carybé, se destaca com ilustrações de rara captura de movimentos sobre a festa. Segundo diversos coetâneos desses artistas, coube ao romancista Jorge Amado a tarefa de reuni-los e cultivar, conjuntamente, o projeto de registrar esteticamente tradições como a Festa do Bonfim. Com efeito, a recente publicação *Carybé e Verger – gente da Bahia*<sup>73</sup> apresenta desenhos do primeiro baseados em fotografias do segundo.

Vamos, então, ao tratamento da Festa do Bonfim no presente.

<sup>71</sup> LISBOA JÚNIOR, Luís Américo. **A Presença da Bahia na Música Popular Brasileira**. Brasília: Musimed/Sobrindes, 1990.

<sup>72</sup> VERGER, Pierre. **Retratos da Bahia**: 1946 a 1952. 3 ed. Salvador: Corrupio, 2002.

<sup>73</sup> GUERRA, Enéas (org.) **Carybé & Verger - Gente da Bahia**. Salvador: Fundação Pierre Verger e São Paulo: Solisluna Design e Editora, 2008.



Saída das baianas da Igreja da Conceição da Praia – Foto: Marcelo Reis, 2010.

## 2. O FLUXO DO CORTEJO

A partir da memória de todos os idosos entrevistados, como também das fontes do século XX e das notícias encontradas nos jornais locais, a o dia da Lavagem do Bonfim, para muitos baianos, a Festa, tem início na Conceição e desfecho no Bonfim. Isto corresponde ao senso comum e faz sentido, pois o cortejo é trajeto e caminho e pressupõe as duas balizas topográficas até mesmo para ser pensado. Neste dossiê, estamos usando o termo *cortejo* para diferenciar a Festa do Bonfim de *procissão*, visto que uma procissão costuma se caracterizar pelo porte de uma imagem de santo ou de um ícone equivalente, como no caso do dia de Corpus Christi. Na Festa do Bonfim, a imagem do santo fica no interior do templo. Sabe-se que a imagem está lá, abençoando os fiéis de cima da colina.

Entretanto, veremos que o cortejo não se configura de forma tão simples, pois não acontece da mesma forma para todos os que dele participam.

Até os nossos dias, a saída do cortejo é encabeçada por um conjunto de dezenas de baianas vestidas de branco, com uma *quartinha*<sup>74</sup> à cabeça e flores. O costume de vestir branco na Festa do Bonfim parece vir dos anos 50, pois os relatos até os anos 40 destacam justamente a profusão de cores na indumentária

das baianas. Estas costumam se esmerar no figurino e nos adereços, esbanjando anéis, colares, brincos e toda espécie de enfeite, cada uma delas convicta de aportar uma contribuição relevante para dotar a festa de brilho, alegria e elegância. A própria *quartinha* contém água ritualmente preparada para a lavagem da escadaria, o que pode variar conforme a maior ou menor proximidade de cada uma com relação aos procedimentos tradicionais no mundo do candomblé. Logo cedo, concentram-se em frente à Basílica da Conceição da Praia, onde um número expressivo de baianos e turistas – brasileiros e estrangeiros – aguarda a saída do cortejo.

Nas festas de 2009 e 2010, filhos e filhas de santo de muitos terreiros participavam do cortejo, ainda que não estivessem dispostos entre os pequenos grupos de baianas vestidas com esmero para a Lavagem. O importante é que levassem suas contas e suas *quartinhas*. Este ponto merece atenção e cuidado especial.

Muitos terreiros de candomblé e umbanda mantêm um cuidado especial para a participação na Lavagem

<sup>74</sup> Pote de cerâmica usado até meados do século XX para guardar água de beber nas residências. No Candomblé, é utilizada em diversas cerimônias. Costuma-se depositar *quartinhas* com conteúdos sagrados nas casas dos orixás.



Cortejo das baianas – Foto: Marcelo Reis, 2010.

do Bonfim. O item mais importante desse processo é a preparação da água para a lavagem. Lava-se a quartinha no *amaci* – a água que contém a mistura de ervas, como arruda, macacá e manjericão, lentamente maceadas e misturadas até que passem a exalar um perfume muito agradável. Logo após, a mistura é posta na quartinha, que despejará seu líquido precioso sobre o adro e as escadarias da igreja. Essas ervas são adquiridas na Feira de São Joaquim, no Mercado das Sete Portas e em diversas barracas dispersas pela cidade, com antecedência, pois nem sempre se lhes encontra facilmente. Às vezes, acrescenta-se água de cheiro à mistura de ervas. Providenciam-se também as vassouras virgens a serem utilizadas no ato da lavagem.

Ialorixás, babalorixás, iaôs, ekedes e ogãs, além de abiãs e outros acompanhantes, como vizinhos dos terreiros e curiosos, dirigem-se à Conceição para o início do cortejo ou aguardam sua passagem em pontos como a Calçada, o Largo dos Mares e o Largo de Roma. A maioria dos que participam do cortejo a partir da Conceição chega aí de ônibus. Anos atrás, o governo estadual provia o transporte desde alguns pontos da cidade, para facilitar o acesso das baianas, sobretudo as mais idosas, ao Comércio.

No depoimento de alguns membros de terreiro, é como se o cortejo tivesse início na véspera, nas suas casas de santo, com a reunião daqueles que iriam juntos, no dia seguinte, ao Bonfim.

Em algumas casas, observa-se que algumas iaôs, sobretudo aquelas com pouco tempo de iniciação, entram em transe durante o cortejo, e mais frequentemente quando este chega às escadarias do Bonfim. Há uma diversidade considerável nas formas como as casas de candomblé participam da Lavagem. Em alguns casos, o envolvimento na Lavagem do Bonfim chega a integrar o processo de iniciação. Em outros casos, uma visita ao Bonfim é necessária em algum dos dias fortes do novenário.

Os membros de terreiro que seguem o cortejo ritualmente não consomem bebidas alcoólicas durante o percurso. Somente ao chegar à Colina é que, tendo cumprido sua obrigação, podem se entregar ao prazer da bebida. Esse preceito parece generalizado entre os candomblés associados à Lavagem, sendo considerada falta de respeito a ingestão de cerveja ou outra bebida enquanto a água ritualmente preparada ainda estiver no interior da quartinha, pronta para ser despejada sobre o adro e as escadarias da igreja. Nessa ocasião, os fiéis retiram as contas que levam ao pescoço, pois se considera que o momento sagrado propriamente



Chegada das baianas ao Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

dito cede, então, ao momento profano. Esta adjetivação é comum nos depoimentos colhidos.

Alguns desses membros de terreiro entrevistados para a realização da pesquisa consideram a participação conjunta no cortejo e na Lavagem um fator de união entre as diferentes casas de santo. “Tem pessoas que a gente não vê faz tempo. E aí, quando todo mundo se encontra na direção do Bonfim, parece que ficou junto o ano todo, porque todo mundo está junto naquele sentido mesmo de adorar a Oxalá e ao Senhor do Bonfim”.

Vamos, então, a outros aspectos do fluxo da festa.

Em seguida ao grupo das baianas, vêm os Filhos de Gandhi, afoxé fundado em 1949, a partir tanto de tradições de origem africana, como da inspiração orientalista que marca a história do Carnaval desse período. Traz uma orquestra poderosa puxando musicalmente o cortejo, com o ritmo ijexá. Os instrumentos usados são o atabaque, o xequerê e o agogô. Por estarem vestidos também de branco, como que continuam a cena das baianas. A coreografia delas se completa com a



Filhos de Gandhi no Cortejo – Foto: Marcelo Reis, 2010.

música deles, a mesma cor que remete ao Senhor do Bonfim e Oxalá, tudo isto conferindo ao cortejo uma grandiosidade admirável.

Depois dos Filhos de Gandhi, na última década do século XX, passaram a vir os comandados de Carlinhos Brown, fundador do bloco Timbalada, que apresentava, em ocasiões como as festas do Bonfim e de Iemanjá, a versão do bloco chamado Zárabe, criado pelo músico em 1995. Com instrumentos de origem oriental produzindo uma sonoridade fantástica e exótica, não chegava a descontinuar o clima desencadeado pelos dois grupos à frente. Antes, completava o cortejo com um tom especial.

Até os anos 90, as baianas e os Filhos de Gandhi eram sucedidos por dezenas de carroças puxadas por cavalos, burros e jegues. Várias dessas carroças eram utilizadas, décadas atrás, para as mudanças e o transporte de carga. Em alguns pontos, aglomeravam-se à espera de fregueses, como o Mercado do Ouro. Com certa antecedência, as turmas de amigos, parentes, colegas e conhecidos podiam fretar uma carroça para o cortejo do Bonfim, ficando a ornamentação a cargo do grupo ou do próprio carroceiro.

As carroças puxadas por animais, bem como as carrocerias dos caminhões, eram cercadas com palmas de dendzeiro e levavam tonéis com cerveja conservada em gelo com pó de serra. Na década de 90, os tonéis já perdiam

para os recipientes de isopor, mais práticos para encher, mais leves e mais fáceis de encontrar. As mulheres muito arrumadas, a maioria delas de branco; os homens de bermuda branca e camisa branca ou colorida, como era costume nas festas do verão e no próprio Carnaval, bonés e chapéus de palha completavam a cena.

Os animais eram enfeitados com papel celofane colorido, peças de cetim, penachos e, às vezes, restos de fantasia reconfigurados. Na maioria das vezes, eram ornados de flores arrancadas dos jardins no próprio curso do cortejo. Daí surgiu o costume de, quando alguém se vestia de modo extravagante ou mesmo espalhafatoso, dizer-se, em forma de pilhéria: “parece um jegue na Lavagem do Bonfim”.

De onde vinham tantos cavalos, mulas e jegues? Ora, a cidade de Salvador, na sua formidável descontinuidade urbana, abrigava centenas de sítios, chácaras e pequenas fazendas, não sendo difícil preparar, dias antes, aqueles animais a serem levados para a Lavagem. Onde hoje se erguem os bairros da Suburbana, de Valéria, de Brotas e da Chapada do Rio Vermelho, por exemplo, havia muitos sítios em que não era difícil contratar uma alimária. Mesmo nos interstícios de bairros próximos ao centro da cidade, como Garcia, Engelho Velho e Tororó, encontravam-se boas montarias.



Carroças no Cortejo do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

Escolhiam-se os animais de saúde comprovada, capazes de trotar quilômetros afora a caminho de algum ponto da rota do cortejo, evitando-se aqueles conhecidos como agressivos e perigosos. Os arreios, as selas e ferraduras eram cuidadosamente verificados, assim como o pêlo passava por um banho esmerado. Alguns cavaleiros iam apenas com sua montaria; outros, em duplas e trios; outros ainda combinavam entre si de modo a formar grupos maiores, passando a integrar garbosamente o cortejo. Um costume que se guardava, até então, era “derrubar alguém do cavalo” durante o cortejo, consistindo em puxar suas mãos até que perdesse o equilíbrio e tivesse que apear. Grupos inteiros de familiares, vizinhos e colegas de trabalho acorriam ao local do cortejo também para ver passarem os conhecidos montados.

Além de carroças, caminhões também passavam, conduzindo um número maior de pessoas, com menos enfeites e a mesma alegria. Uma prática que ligava os participantes que iam de carroça e caminhão e aqueles que estavam no chão, seja andando, seja parados assistindo ao cortejo, era procurar conhecidos para saudá-los.

Até os anos 60, os caminhões levavam também grupos de baianas que não participavam do cortejo desde a Con-

ceição. Eram veículos de porte modesto, em cuja carroceria seguiam as baianas com suas quartinhas enfeitadas. Esses caminhões eram fretados por grupos de amigos, parentes e vizinhos, ligados ou não a uma casa de candomblé. O mais



Aguadeiro na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.



Cortejo do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

famoso parece ter sido o grupo *É com esse que eu vou*, que saía da Lapinha, bairro vizinho à Liberdade, em direção ao Bonfim, lá chegando aproximadamente na mesma hora em que aí despontava o cortejo que vinha da Conceição.

Outro costume que ligava os participantes fixos e móveis era a chuva de papel picado que os funcionários dos bancos e demais empresas lançavam dos prédios, na rua Miguel Calmon, antigo centro comercial e financeiro da cidade, quando da passagem das baianas, dos Filhos de Gandhi, das carroças e dos caminhões.

Além das carroças e caminhões, havia também pelotões de bicicletas, enfeitadas com serpentinas ou restos de arranjos de Natal. À frente, junto aos espelhos, ostentavam uma palma que durante décadas esteve em moda como ornamentação de casas populares, chamada rabo-de-raposa. Uma atração aguardada a cada ano era a “bicicleta de sete selins”, construída pelo líder do bloco carnavalesco Mercadores de Bagdá, Nelson Maleiro.

Muitos participantes, de braços abertos, olhavam para cima agradecendo a homenagem, com um sorriso permanente. A Festa do Bonfim realizava, décadas passadas, o tipo de confraternização que a mídia identifica, hoje,

com a passagem de ano. O que hoje se chama Réveillon era uma “festa de bacanas”; para a maioria dos soteropolitanos, havia, no entanto, no máximo, uma rápida comemoração no final da última noite do ano. Na manhã do primeiro dia do ano seguinte, os filhos cumprimentavam os pais pedindo-lhe a bênção. A comemoração do Ano Novo era, na verdade, a Festa da Boa Viagem, no dia primeiro de janeiro, seguida pela Festa da Lapinha, no dia 6 de janeiro, e da Festa do Bonfim, na segunda quinta feira após a Festa da Lapinha. Enquanto o Natal era uma festa mais intimista, privilegiando-se os valores da família nuclear ampliada, essas festas eram a comemoração ruidosa e muito participada de muitos milhares de pessoas, sobretudo da população pobre, negra e mestiça de Salvador.

Anos atrás, nos momentos que precediam o início do cortejo da Festa do Bonfim, alguns milhares de participantes da festa já se reuniam nas imediações da Conceição da Praia, Elevador Lacerda e Mercado Modelo, pontos muito conhecidos pelos turistas que acorriam a Salvador e, até pouco tempo atrás, por toda a sua população.

Do final dos anos 1970 até 1997, um número variável de trios elétricos – podendo passar de dez e che-





Saída do Cortejo – Foto: Marcelo Reis, 2010.

gar a trinta, de diversos tamanhos e correspondendo a diversos tipos de repertório – aguardavam a passagem desses elementos. O primeiro trio só começava a se deslocar próximo da Igreja da Conceição da Praia, quando as baianas já tivessem se distanciado, nas imediações da Feira de São Joaquim. Cabe observar, também, que nem todos esses trios ultrapassavam o Largo de Roma e que, em boa parte dos casos, só no final da tarde deixa-

vam o ponto de origem, deslocando-se até o Mercado do Ouro. Muitos participantes que trabalhavam até o final da tarde participavam assim da festa, pois esta era a maneira de não ficar de fora do grande festejo do mês de janeiro. E a nenhum desses devotos e foliões ocorreria dizer que não participou da Festa do Bonfim só porque chegou ao Mercado Modelo às 16 h.

Os trios elétricos foram retirados do cortejo da Festa do Bonfim em 1998, com a alegação, pela polícia, de seu poder de desencadear brigas e dificultar a manutenção da ordem. Não há informação de que tenham estorvado o cortejo das baianas, das carroças e dos caminhões. Quando se tecem críticas à sua participação, é no sentido de que sua presença comprometia o clima religioso considerado próprio da Festa do Bonfim, transformando-a numa prévia do Carnaval e, o que parece indesejável a quase todos os entrevistados, estimulando e multiplicando cenas de violência<sup>75</sup>.

Para compreender o fluxo da Festa do Bonfim na sua extensão geográfica, é preciso atentar para uma complexa rede de caminhos que vêm ter à rota principal, qual seja, ligando a Conceição da Praia ao Largo do Bonfim.

<sup>75</sup> Não foram encontrados documentos oficiais da proibição dos trios elétricos na Lavagem do Bonfim. Esta informação consta de praticamente todos os policiais que guardam lembranças desse período e consta nos periódicos locais.



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.



Cortejo do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.



Cortejo do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.



Cortejo do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Desde a saída, o cortejo da lavagem é um desagudouro de muitos pequenos cortejos que vão confluindo desde muitos e diferentes locais de origem. Desde cedo, descem alguns pequenos grupos da Ladeira da Conceição e mesmo da Avenida Contorno, sendo que algumas pessoas ainda se arrumam, seja nos trajés, seja nos apetrechos que nessas horas se reconfiguram em adereços: chapéus, bonés, viseiras, bandanas, toalhinhas, colares, cataventos. Gente dos Barris, da Barra e de diversos bairros que têm linhas de ônibus até o ponto mais próximo do Elevador Lacerda, qual seja, hoje, a rua do Pau da Bandeira.

Alguns desses participantes, baianos ou adventícios, saem do Elevador em forma de bandos curiosos, inclusive de turistas, querendo ver que deslocamento seria mesmo aquele que, para eles, se descortina subitamente. Sem referência outra que o próprio rumo, essesromeiros seguem. A referência é prosseguir. Aos participantes que já estão em Salvador, vêm-se juntar os que descem das lanchas do cais da Companhia Baiana de Navegação, atravessando rapidamente a Avenida da França.

Essas lanchas trazem moradores da porção meridional da Ilha de Itaparica, bem como de localidades do Recôncavo – Nazaré das Farinhas, Salinas da Margarida, Santo Antônio de Jesus.

Da Praça Riachuelo, pode-se ver outros grupos, estes vindo do Taboão, trazendo gente de Nazaré, do Centro Histórico, do Carmo, da Saúde. Mais adiante, no Mercado do Ouro, descem moradores vindos do Santo Antônio Além do Carmo. Do Barbalho, vêm outros grupos pela Ladeira da Água Brusca. Um pouco depois, descem outros romeiros da Lapinha e de boa parte da Caixa D'água, Liberdade, Tamarineiro e IAPI, pela Ladeira São Francisco de Paula, que leva da Lapinha à Jequitaiá. Da Ladeira da Soledade, descem os grupos que vêm ter à Cidade Baixa desde a Baixa de Quintas, os Dois Leões e adjacências. Esses bairros constituem a maior aglomeração demográfica do traçado tradicional de Salvador.

A corrente volta a engrossar na altura de São Joaquim, com a chegada do ferry-boat, com gente da porção setentrional da Ilha de Itaparica, bem como de diversos pontos do Recôncavo e do Baixo Sul – Jaguaripe, Valença, Taperoá, Nilo Peçanha, Morro de São Paulo, etc. Um pouco adiante, chega mais gente do Plano Inclinado da Liberdade, na Calçada. Aí, chegam levas e

mais levas de gente da Suburbana, do Lobato a Paripe, o que corresponde a uma extensão de quilômetros de subúrbios. Até os anos 80, os ônibus se misturavam aos cavalos, caminhões e caminhonetes que vinham sobretudo desta parte da cidade.

Outras levas de participantes chegam do eixo da Avenida Suburbana através do terminal marítimo da Ribeira, a extremidade norte da península de Itapagipe, e vão se somar diretamente à Festa do Bonfim, através da Avenida Beira Mar.

Gente do Bairro Guarani, parte da Liberdade, desce diretamente pelas ruelas que vão dar ao que um dia foi chamado Bom Gosto da Calçada. Nos Mares, esta multidão engrossa com o pessoal que vem do Uruguai e parte do Jardim Cruzeiro e da Massaranduba.

Chegando ao Largo de Roma, é a Península de Itapagipe que se faz o centro da cidade. O que se destaca do mapa na direção do centro da baía realiza o milagre de caberem todos que chegam, entre o Largo de Roma e a Baixa do Bonfim. Chega à Baixa do Bonfim e às imediações da igreja, incluindo a colina da Sagrada Família, a



Cortejo das baianas – Foto: Voltaire Fraga, 1950.



Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.



Lavagem do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Ladeira da Lenha e a Praça Divina, já no início da Avenida Beira Mar, a rua do Céu e a rua Guilherme Marbach. As carroças sobem a colina empurradas pelos seus passageiros, que apeiam para ajudar os animais a completar o cortejo. De certa forma, como que se verifica a cena de 1944 descrita por Jorge Amado.

A multidão espalha-se já sem a característica própria da romaria em termos de percurso – não é mais preciso ansiar pela chegada, já se encontra no lugar sagrado da festa. São pequenos grupos que se procuram, turmas com camisa uniformizada, círculos de familiares, colegas, vizinhos e amigos que costumam se encontrar no mesmo ponto há muitos anos. A cada componente que chega, é uma festa. O grupo ganha novos contornos, a Festa do Bonfim se recompõe, tudo parece mais completo, numa atmosfera de muita alegria.

### 3. A FESTA CHEGA AO BONFIM

O espetáculo da Lavagem acontece antes que a grande maioria dos participantes tenha chegado ao Bonfim. As baianas tomam conta do trecho que corresponde ao adro, às escadarias e à rua entre o passeio e a praça. Até os anos 1970, as autoridades civis, sobretudo o Prefeito e o Governador, as aguardavam ali.

Num revolteio de saias brancas, num movimento mágico das quartinhas que despejam água tratada



Lavagem do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.



Lavagem do adro da Igreja do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.



Lavagem no interior da Igreja do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.



Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

para a festa, em inúmeras casas de candomblé, as escadas são lavadas. Algumas dessas mulheres entram em transe, ao que acodem outras para que a quartinha não se quebre contra o chão. Não dura muito a Lavagem propriamente dita, qual seja, a varrição e lavagem das escadarias e do adro da igreja do Bonfim.

Centenas de pessoas pagam promessas, algumas delas carregando ex-votos. Muitos fiéis sobem a colina do Bonfim de joelhos, alguns deles contando com uma proteção para não se ferirem, outros deles sem este cuidado. Décadas atrás, viam-se pessoas carregando pesos às costas, e a quem perguntava pela promessa, contava-se o drama vivido e superado.

O espetáculo de alta densidade se desfaz aos poucos. As baianas mais idosas procuram um lugar para descansar e se esconder do sol. Algumas delas se deixam fotografar, quase sempre gratuitamente. Turistas e nativos disputam a pose junto daquelas mais enfeitadas. Rapidamente, a Lavagem cumpre seu papel e o centro da festa se distribui por todos os cantos.



Barraca na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

caminho, foram ficando pessoas que não aguentaram perfazer todo o trajeto, ou que não podem se demorar até tarde da noite. Pequenos grupos foram-se nuclearizando na subida da Água Brusca, em alguma casa de amigos próxima ao Largo de Roma, em um bar do Dendezeiros. As carroças e caminhões vão-se recolhendo.

O cortejo das baianas há muito chegou ao Bonfim. Os membros do afoxé Filhos de Gandhi estão pelas barracas, sendo que diversos já podem ter retornado. Entretanto, ainda a Festa do Bonfim não se esgotou no seu nascedouro. Às 5 horas da tarde, pequenos e médios grupos, alguns com carro de som, outros apenas com um pandeiro ou marcando o ritmo com as palmas das mãos e efeitos vocais, ainda iniciam sua marcha rumo à Colina Sagrada, ao pé da Falha Geológica do Salvador, fazendo uma inflexão à esquerda, na direção do centro da Baía de Todos os Santos, à altura da Calça-

da. Muita gente, a maior parte usando pelo menos uma peça de roupa branca. Gente com roupa de trabalho, inclusive uniformes, após o expediente, contrastando com os shorts e camisetas. Para quem não teve tempo de trocar a roupa de trabalho pela roupa branca da Festa do Bonfim, o importante é ir, mesmo assim. No tempo dos trios elétricos, boa parte desse pessoal marcava o encontro próximo de um trio conhecido. E não se poderia afirmar que muitos desses retardatários estavam menos animados que os participantes que estavam no Bonfim desde a manhã.

Anos atrás, duas atrações polarizavam os frequentadores da Festa do Bonfim. Trata-se das barracas e dos parques.

Tão característico como visitar a casa de amigos, parentes e conhecidos durante a Festa do Bonfim era frequentar as barracas. São essas barracas que constam na etnografia de Ruth Landes, da qual selecionamos

alguns textos acima. Estas eram ricamente decoradas com cortinas de renda. Seus banquinhos coloridos, com grafismos especialmente escolhidos por cada comerciante, já mereceram registros fotográficos. Era considerado um ponto alto de cada barraca ter seus banquinhos limpos e arrumados, formando desenhos geométricos quando empilhados. As mesinhas eram recobertas por toalhas de renda branca. O recinto interior de cada barraca era protegido por mais um cortinado, seja de renda, seja de chita florida. Cada barraca tinha, ao fundo, um nicho com uma imagem de santo, algumas flores e uma lâmpada colorida, de acordo com a cor do patrono, o que normalmente correspondia ao orixá a ele associado. Se a homenageada fosse Santa Bárbara, a vela seria vermelha, pois o vermelho é a cor de Iansã e Xangô. Se a devoção fosse a Santo Antônio, vela azul, de Ogum e Iemanjá. Se a vela era para São Jorge, verde, como a de Oxóssi. Para homenagear Jesus, vela branca, assim como a de Oxalá e assim por diante.

Algumas barracas eram menores, servindo apenas bebidas ou, no máximo, alguns tira-gostos ou confeitos. Entre estas, algumas barracas se especializavam em servir alguns tipos de batida. Outras, maiores, serviam também comidas.

Nos anos 90, as barracas passaram a ser padronizadas em termos de tamanho e decoração, limitando a margem de singularidade de que dispunha cada barraqueiro para arrumar seu estabelecimento.

Outra atração eram os parques de diversão, de todo tamanho, seja na Conceição, seja no Bonfim. Em todas as festas de largo se encontravam desses parques. As crianças se deliciavam com a roda de gigante com gaiola, enquanto os jovens já dispensavam as gaiolas. As gangorras de barquinhos também eram muito apreciadas.

Atrações especiais eram tendas em que o público assistia a breves espetáculos como “a mulher que vira macaco” e “a passagem pelo vale da morte”. Em uma dessas tendas, esteve por cerca de vinte anos o famoso “candomblé elétrico”. Tratava-se de um caixa sobre um balcão quadrado, de pouco menos de dois metros. No seu interior, pequenos bonecos eletrizados dramatizavam as coreografias dos orixás. Dez pessoas podiam assistir ao espetáculo simultaneamente, através de buracos. Quando o artesão ligava o som, os bonecos começavam a se movimentar, cabendo-lhe explicar a identidade dos orixás a partir da sua dança.

Após estas notas sobre o cortejo e a Lavagem, faz-se necessário observar que, se todo aquele pessoal ia

ao Bonfim e se o Bonfim certamente não cabe todo aquele pessoal, é porque a Festa do Bonfim está para além do que acontece entre a Sagrada Família, a Ladeira da Lenha, a rua do Céu e a confluência da rua Nova da Imperatriz com a Avenida Dendezeiros. Ou seja, a Festa do Bonfim abrange muito mais que o bairro em que se dá a Lavagem. Sua compreensão demanda a consideração de todas as práticas que caracterizam o caminho da Conceição da Praia até a Sagrada Colina. Esta abrangência da Festa do Bonfim encontra-se exaltada no trecho anteriormente citado de Edison Carneiro.

#### 4. A COMPOSIÇÃO

##### Quem participa da Festa do Bonfim?

Podemos observar a diversidade da festa prestando atenção, inclusive, às diferentes categorias de profissionais que aí se fazem presentes e que correspondem, aproximadamente, às nossas categorias de entrevistados.

- Vendedores de comida, água, refrigerantes e bebidas alcoólicas; de chapéus de palha, viseiras e bonés; de fitinhas e camisas brancas estampadas com motivos da festa; de protetor solar e outros artigos menos contraditórios.



Vendedor de mingau – Foto: Marcelo Reis, 2010.





Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

- Policiais, homens e mulheres, que interagem com a coordenação do trânsito.
- Profissionais da saúde – médicos, enfermeiros e auxiliares, nos postos em alguns locais do percurso e do Bonfim.
- Jornalistas, tanto da imprensa local como enviados de outros centros.
- Baianas, sejam aquelas que participam do cortejo, sejam aquelas outras que estão ali apenas para a lavagem da escadaria da Basílica, sejam ainda aquelas que vendem comida.
- Além desses profissionais, um grande número de turistas. Pode-se perceber o sacrifício de alguns desses turistas acostumados ao clima frio, ao ter que caminhar cerca de 8 quilômetros sob sol escaldante. Enfim, não pode deixar de fazer parte da romaria algum tipo de sacrifício...
- Nas imediações da igreja do Bonfim, um número expressivo de sacerdotes e sacerdotisas da tradição dos orixás, que além de participar da festa, também ofere-

cem serviços religiosos, como banhos de pipoca, sacudimentos e bênçãos.

- Sacerdotes católicos e membros da Irmandade do Bonfim, além de fiéis da liturgia católica que, em diversos casos, participam do novenário completo.
- Os militantes políticos, com suas faixas e charangas, também participam da Festa. Nos anos eleitorais, sua presença é mais numerosa e vibrante.

Junto a estas categorias especiais, temos uma multidão de milhares de pessoas, moradoras de Salvador e de cidades próximas. Nossas entrevistas encontraram moradores do próprio bairro que não participam da festa. Na mesma família, acontece um irmão participar e outro, não. A participação, por sua vez, é muito variada. Desde um “rolé” – passeio rápido pelos arredores – até a imersão completa no clima da Festa, podem-se distinguir diversas formas de envolvimento. Há quem não sai de casa porque aguarda os visitantes – amigos, parentes, colegas, compadres –, assim como há quem sai de casa justamente para não precisar receber uma quantidade de visitantes considerada excessiva.

## 5. A INDUMENTÁRIA

### O que se veste na Festa do Bonfim?

Alguns tipos humanos já foram descritos acima com seus trajes costumeiros. Seja as baianas e os Filhos de Gandhi, à frente do cortejo, seja os participantes que trajam camisas de malha com a marca do grupo ao qual fazem parte, sejam homens e mulheres comuns, a cor branca chama a atenção.

No contexto das festas de largo do verão, em Salvador, o branco é associado à limpeza, à paz, à comunhão consigo mesmo e com os outros, à felicidade, à leveza. Na tradição dos orixás, é a cor ritual por excelência, a única cor que serve para todas as ocasiões. No caso da Festa do Bonfim, o branco é especialmente bem-vindo, pois trata-se da cor associada a Oxalá, o orixá identificado com o Senhor do Bonfim por boa parte da população soteropolitana. Este, por sua vez, é representado apenas com um simples pano branco. Essa informação acerca da roupa branca já é de domínio público ampliado, pois, no dia da Lavagem, os turistas costumam se dirigir à Colina do Bonfim vestidos de branco, mesmo aqueles que não conhecem moradores de Salvador. Isto



Vendedores – Foto: Marcelo Reis, 2010.

se deve, provavelmente, à recorrência das imagens da festa, oportunizadas pela mídia, a cada ano.

O próprio fato de estar de branco, como a maioria da multidão, realiza uma imersão no espírito da multidão. É participar da alegria geral, perder-se naquele cortejo de grandes proporções, realizar um ideal de unidade e comunhão. Alguns depoimentos de antigos participantes da Festa do Bonfim revelam que é uma alegria especial rever velhos amigos, parentes e conhecidos quando estão todos de branco, durante a Festa do Bonfim.

O branco é matizado de diversas formas, principalmente pelas mulheres. Brincos, pulseiras, colares e outros adereços podem realçar o branco das peças de roupa. Outro elemento que completa o branco, são o boné e o chapéu de palha. Não é mal visto usar outra cor, a não ser o preto; ora, não é de bom tom ir à festa de roupa preta, afinal não seria uma boa forma de homenagear Oxalá, que não admite o preto. Essa atitude causaria estranheza aos circunstantes e anfitriões, principalmente, ao entrar numa casa para comer e beber estando de roupa escura, pois, provavelmente, a recepção não seria totalmente calorosa.

Pode-se afirmar, assim, que o próprio uso do branco realiza a comunhão na Festa do Bonfim. Nas outras festas de largo, o branco também é usado, embora em menor concentração e destaque, como, por exemplo, na Festa da Boa Viagem, no primeiro dia do ano, na Festa de Iemanjá, no dia 2 de fevereiro, e na Lavagem de Itapuã, em uma das últimas quintas

feiras anteriores ao Carnaval. A única festa que se coloca como exceção a esta regra é a de 4 de dezembro, em que predomina o vermelho, cor associada a Santa Bárbara e Iansã.

No caso da Festa do Bonfim, o traje especialmente branco era um costume tão arraigado, até os anos 70, que as famílias que dispunham de algum recurso, mesmo aquelas de pequena classe média, ao fazerem as compras de final de ano, adquiriam, sobretudo para as crianças, a roupa nova do Natal juntamente com a roupa nova do Bonfim. A primeira poderia ser colorida; a segunda, de preferência, era branca ou de cor clara.

Décadas atrás, usavam-se também fantasias individuais, como “oficial da marinha”, “odalisca”, “vaqueiro” e “cowboy”. Entretanto, não se viam as fantasias emblemáticas do Carnaval, como o pierrot e a colombina.

## 6. A CULINÁRIA

### O que se come na Festa do Bonfim?

Ora, não existem comidas especificamente associadas à festividade. Consome-se todo tipo de alimento que se vê à rua por ocasião do Carnaval e nas outras festas do verão:

- Iguarias suculentas e muito calóricas, seja à base de vísceras e músculos, como sarapatel, xinxim e mocotó, seja em combinação com algumas espécies de feijão, como a dobradinha e a feijoada, esta quase sempre com o feijão mulatinho ou carioquinha. Mesmo a maniçoba, comida comum em algumas cidades do Recôncavo, sobretudo Cachoeira e Santo Amaro, mas não encontrada comumente em Salvador, pode ser consumida em uma ou outra barraca da Festa do Bonfim. Alguns barraqueiros trazem os ingredientes da maniçoba de Cachoeira, Santo Amaro ou Maragogipe, para prepará-la na própria barraca.
- As moquecas também são encontradas, embora algumas pessoas não as prefiram, considerando que o azeite de dendê, sendo interdito aos filhos de Oxalá, deve ser evitado na quinta-feira da Lavagem. Contudo, não chega a ser mal vista a presença de comidas preparadas à base de dendê.
- Acarajé, abará, passarinha e cocada são vendidas pelas baianas. A partir dos anos 80, difundiu-se o costume de acrescentar o caruru ao vatapá, como complemento do acarajé e do abará. Um pequeno número

de vendedores são homens, vestidos ou não de forma correspondente ao ofício.

- Churrasquinhos, churros, algodão doce, maçã do amor, pipoca (doce e salgada) e rolete de cana.
- Milho cozido e assado e seus derivados, como pamonha e lelé.
- Cachorro quente com inúmeros molhos e recheios, como salsicha, carne passada, vegetais enlatados e temperos industriais, como mostarda, maionese e molhos de tomate.

No que diz respeito à culinária, um costume característico da Lavagem do Bonfim é a reunião de grupos em casas de parentes e conhecidos, desde o início da manhã, e principalmente à tarde, para a feijoada. Isto reforça diversos graus de familiaridade, considerando que não somente parentes consanguíneos, como amigos, compadres, vizinhos e conhecidos ali se dão a conhecer, aproveitando a hospitalidade daqueles que abrem suas casas. Cadeiras, mesas e tamboretas são colocados sobre as calçadas, relativizando a distinção entre a casa e a rua. Nos últimos anos, diversas famílias passaram a vender a comida, franqueando-a gratuitamente apenas para os mais íntimos. A insegurança contribuiu para fazer arrefecer este costume, tornando-se um pouco temerário deixar a casa aberta.

#### O que se bebe na Festa do Bonfim?

- Água filtrada em saquinhos, água de coco, água mineral.
- Refrigerantes.
- Cerveja.
- Bebidas quentes. Normalmente, seu consumo se verifica a partir do anoitecer, sendo que o rum e a vodka costumam ser consumidos com coca-cola.

Até os anos 1970, era costume consumir as frutas da época na Festa do Bonfim. Isto consta, inclusive, na obra de fotógrafos famosos como Pierre Verger. Laranja, tangerina, serigüela, umbu, pinha, caju, manga e, principalmente, melancia e abacaxi. As frutas eram desejadas pelo seu poder de hidratação e também pelo poder de atenuar os efeitos do álcool. Este costume se remete à própria proximidade dos locais das festas de largo – como Bonfim, Conceição, Boa Viagem, Rio Vermelho e Itapuã – com

relação aos pontos em que os saveiros desembarcavam a produção do Recôncavo e das ilhas. Tanto no Cais da Companhia de Navegação Baiana, contíguo ao famoso Cais do Mercado Modelo – mais conhecido como Cais da Baiana, como na Feira de São Joaquim, na Avenida Beira Mar e na Ribeira, chegavam saveiros cheios de frutas e iguarias como beiju de tapioca, trazendo também participantes da Lavagem de todos os cantos da Baía de Todos os Santos. Com o refluxo dessa forma de comércio entre Salvador, as ilhas e o Recôncavo, esse costume se arrefeceu. Este é mais um item no qual se verifica a profunda integração entre os festejos do Bonfim e a Baía de Todos os Santos como um todo, na sua história.

Entre as bebidas, as batidas de fruta já foram mais consumidas. Nos anos 1980 e 1990, esteve na moda o ligante, um tipo de batida que podia usar como base outras bebidas destiladas além da aguardente. Essas modalidades estão em refluxo.

#### 7. A MÚSICA

O tipo de música mais praticado na Festa do Bonfim sempre foi o samba. Tanto se fazia o samba de roda em círculos animados que aguardavam a saída do cortejo ao pé da Basílica da Conceição, como ao longo do cortejo. Também em cima das carroças e caminhões faziam-se rodas de samba.



Banda de música no Cortejo – Foto: Marcelo Reis, 2010.



Roda de Capoeira na Festa do Bonfim – Foto: Horst Wolf, 2009.

Outro elemento que vem caracterizando a musicalidade da Lavagem do Bonfim nas últimas décadas são os grupos de capoeira, desde a saída do cortejo, na Conceição, abrindo rodas em alguns pontos do cortejo. Independentemente de integrar ou não as academias de capoeira, esses grupos levam berimbaus, atabaques e agogôs, surdos, pandeiros e repeniques. Quando se abre a roda de samba, muitos passantes se aproximam e dançam um ponto. São momentos de muita alegria e efusão.

Nas décadas anteriores, alguns grupos de cavaleiros levavam violeiros que entoavam o samba de viola tradicional em muitas localidades próximas à capital.

Pequenos blocos de Carnaval e times de futebol também se faziam presentes na Lavagem do Bonfim. De diversos bairros, grupos de amigos, parentes, vizinhos e conhecidos se juntavam em torno de um estandarte, engrossando a corrente do cortejo.

A Banda de Música do Corpo de Bombeiros era presença obrigatória até os anos 70. Quando o Corpo de Bombeiros foi absorvido pela Polícia Militar, a banda passou a ser a da Polícia Militar, a quem cabia executar o Hino do Senhor do Bonfim. Nos outros dias de festividades, dava concertos no coreto da Praça em frente à Igreja.

Atualmente, pode-se distinguir nitidamente duas tendências no que diz respeito ao repertório praticado na Festa do Bonfim.

Hoje, entre as barracas, predominam o reggae, o pagode e o arrocha. Estes são os ritmos mais apreciados pela maioria da população de Salvador e do Recôncavo

e, nesse sentido, os festejos do Bonfim são contínuos às outras muitas festas que se realizam aí no verão. Entretanto, durante o cortejo propriamente dito, ou seja, entre os participantes da Lavagem que se deslocam rumo ao Bonfim, impera o samba. Durante a observação participante, realizada na quinta-feira da Lavagem nos anos de 2009 e 2010, a equipe de pesquisa pôde constatar que quase todos os grupos que se deslocavam tocavam samba. Batucadas de todos os tipos, alguns com certa influência da batida do Grupo Cultural Olodum, outros com uma pegada mais antiga, todos sambavam.

Um carro do Ilê Aiyê puxava uma multidão com os hinos do bloco, sem a cadência marcial que o caracteriza nos momentos solenes como o Carnaval. Eram os hinos do Ilê e do Olodum, tocados como se faz na praia, na garagem, na varanda, no quintal.

Em um desses grupos, um rapaz tocava um pandeiro como se contivesse nas mãos toda uma bateria. Eram cenas assim que Verger sabia captar com sua Roleyflex. Os grupos reúnem de três a doze componentes, sendo mais comum a composição de cinco a sete instrumentistas. Timbau, tamborim, bongô, reco-reco, agogô e cavaquinho são os instrumentos mais encontrados. O violão é menos frequente.

Algumas vezes, os grupos se deslocam sobre um automóvel – normalmente, uma caminhonete – e usam amplificadores. Mesmo nesse caso, o repertório é o samba. Este ano, foi possível observar que, mais de 4 da tarde, um grupo ainda se arrumava ao pé da Água

Brusca para sair, a alguns quilômetros do Bonfim. Todos cantando e dançando o samba. E não se diga que, por estarem “atrasados”, eram menos animados.

O samba é a música da Lavagem do Bonfim. O próprio caráter de percurso da festa, a sua extensão móvel, o seu destino de serpente impedem que se imponha a força dos aparelhos sonoros das barracas. A música que se ouve aí não é própria para um cortejo, ainda que não seja imprópria para uma festa de largo.

Uma das canções mais ouvidas na Lavagem do Bonfim é *Ilha de Maré*, de Walmir Lima e Lupa, que fez sucesso na voz da intérprete Alcione desde os anos 70. Pode ser ouvida na interpretação de dezenas de pequenos grupos de participantes da romaria, desde o início da manhã, seja na Conceição, seja nos diversos pontos do cortejo, até a tarde, no próprio Bonfim.

*Ah, eu vim de Ilha de Maré, minha senhora  
Prá fazer samba na Lavagem do Bonfim  
Saltei na rampa do Mercado e segui na direção  
Cortejo armado na igreja da Conceição  
Aí de carroça andei, compadre  
Aí de carroça andei, compadre*

*Ah, quando eu cheguei lá no Bonfim, minha senhora  
Da carroça enfeitada eu saltei  
Com água, flores e perfume  
A escada da colina eu lavei  
Aí foi que eu sambei, compadre  
Aí foi que eu sambei, comadre*

## 8. A FÉ

A Festa do Bonfim é o entrelaçamento de duas matrizes religiosas tradicionais e vigorosas em Salvador, quais sejam, o catolicismo e o candomblé. A própria entidade festejada, o Senhor do Bonfim, apresenta diversos pontos em comum com Oxalá. Este traço é sublinhado tanto nos textos de Edison Carneiro como nos de Jorge Amado e Ruth Landes. Ambas as divindades sofreram e se purificaram; são emblemáticos da bondade, da misericórdia, da complacência, da magnanimidade. Como se disse, associam-se à cor branca. Suas festas costumam ser celebradas em janeiro na maioria dos lugares. Enfim, essa interseção de traços religiosos faz da Festa do Bonfim uma encruzilhada mística, festiva e social.

O candomblé alcançou o status do que se pode chamar de segunda religião oficial do Estado da Bahia nos



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

anos 1980, mediante uma visibilização positiva, na mídia, associada ao grupo político que se manteve no poder por quase 30 anos. Até então, a associação estreita entre alguns rituais da tradição dos orixás e do catolicismo está fortemente documentada. A partir daquela década, o imbricamento entre práticas e convicções religiosas das duas matrizes tradicionais tem sido posta em questão, sobretudo nos círculos em que jovens afro-descendentes mantêm uma militância racionalista pela purificação dessas práticas. Uma dessas práticas era justamente a visita ao Bonfim das filhas de santo em sua iniciação. Isto acontecia em diversas casas, inclusive no Gantois, tal como se encontra documentado por Ruth Landes (1994). Esse costume está inequivocamente registrado na crônica de João da Silva Campos. Mesmo diante da crítica de alguns setores mais intelectualizados do candomblé, milhares de adeptos dessa religião continuam participando da Festa do Bonfim como uma festa também sua.

Durante os trabalhos da equipe que preparou este dossiê, foi possível ver, numa das noites do novenário e no dia da missa do domingo da festa de 2010, um grupo



Devotos fazem pedidos – Foto: Marcelo Reis, 2010.

de filhos de santo que adentrou o santuário com roupas rituais. Em ambas as ocasiões, uma dessas pessoas encontrava-se em estado psíquico alterado, ainda que não propriamente manifestada, de cabeça coberta, cuidadosamente arrodada pelos irmãos de santo. Uma cena assim vem confirmar o que se afirmou sobre a interseção entre as duas matrizes religiosas.

Entretanto, é preciso cuidado ao interpretar este aspecto. A Festa do Bonfim não está tão essencial e diretamente ligada às matrizes institucionais comumente a ela associadas, quais sejam, o catolicismo e a tradição dos Orixás. A imprensa costuma tratar disto em formato equivocado, como se houvesse uma simbiose momentânea de convicções, crenças e procedimentos em torno do culto ao Senhor do Bonfim e Oxalá. Dá-se o mesmo com o binômio sagrado x profano. Isto vem integrar uma narrativa com ares de oficialidade, que se coloca como consenso e adquiriu, nos anos 1980 e 1990, sobretudo, o nome de baianidade: a festa seria um momento em que Jesus e Oxalá entrariam em identificação. Isto é uma facilitação aos efeitos de compreender uma interação tão complexa. Jesus e Oxalá são expressões e construções da divindade reconhecida por milhares e milhares de participantes da Festa do Bonfim, e diante da qual se reconhecem como fiéis.

O ponto alto da festa em 2009 não foi a lavagem do adro, mas a presença da imagem do Senhor do Bonfim

na janela do seu templo. Como foi demonstrado, desde a proibição da lavagem da igreja por Dom Antônio Luiz dos Santos, em 1890, as portas foram fechadas às baianas e aos adeptos dos cultos afrobrasileiros. Podemos observar o momento como significativo do respeito pela diversidade religiosa em Salvador. Afinal, o culto ao Senhor do Bonfim é de uma vertente religiosa – o catolicismo – como também de outra – o candomblé e a umbanda. A exposição da imagem foi repetida em 2010.

Seria este um ato ecumênico ou inter-religioso? Apesar de sua relevância, o acontecimento foi mais uma vez organizado pela hierarquia eclesiástica – o Reitor da basílica, Pe. Edson Menezes da Silva, teve a iniciativa e o Arcebispo, Dom Geraldo Magella, autorizou. Os leigos, membros da Devoção ao Senhor do Bonfim, acompanharam as negociações e aceitaram a decisão. Os devotos comuns não estão preocupados com essas discussões em torno das diferenças entre as religiões, e poucos parecem entender os termos dessa discussão; por outro lado, suas expressões eram de alegria e emoção pela presença do Crucificado, o canto do seu hino, as bolas brancas e a chuva de papel prateado e picado que subiam aos céus.

É evidente que a Igreja Católica procura reforçar a fé católica nesse período de festividade. Foi possível observar, a partir da festa de 2009, duas mudanças significativas. A primeira foi a exposição da imagem do Senhor do Bonfim na janela do templo no dia da

Lavagem. A segunda aconteceu no domingo, último dia da programação religiosa católica. A tradicional procissão, composta por andores do Senhor do Bonfim, Nossa Senhora da Guia e santos trazidos de outras paróquias, tem início a partir da saída das imagens da capela do Hospital Irmã Dulce. Passou a ser chamada Procissão dos Três Pedidos, uma clara referência ao costume dos fiéis de fazerem três pedidos no momento de amarrar a fita do Bonfim no pulso ou na grade da igreja. Ao chegar à Colina do Bonfim, o cortejo dá três voltas em torno da praça, antes da celebração da missa campal, realizada em frente ao santuário. É uma forma de reforçar a necessidade da caminhada de fé, dar visibilidade aos irmãos da Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, vestidos com suas capas cor de vinho, e, ao mesmo tempo, atrair a participação de jovens e membros de outras comunidades.

O Bonfim é uma referência muito importante para a maioria dos católicos – sobretudo os mais tradicionais – e do povo de santo de Salvador. Quando alguém se dirige ao Bonfim, não vai necessariamente em busca da consolação distinta de uma ou outra entidade religiosa. Vai em busca da consolação divina, do prazer de conviver de perto com a divindade e a humanidade aí tão proximamente colocadas. Não é um problema, para a maioria dos católicos e do povo de santo, a distinção e separação entre as duas entidades. Antes, percorre-se um trajeto longo para encontrá-las juntas.

### 9. Os Ternos de Reis

Os ternos de Reis se apresentam, em um palco montado em frente a igreja, na noite de sábado, penúltimo dia da Festa do Bonfim. Integram o conjunto de festas populares tradicionais da cidade do Salvador e até hoje mantêm uma interseção nada desprezível com as outras formas de festejo. Nesse sentido é que comparecem a este dossiê, considerando sua relevância como patrimônio intangível e a possibilidade de apoio e reconhecimento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Nos anos 1940, chegaram a somar 17 os ternos de Reis que se apresentavam nas festas de janeiro, em Salvador. Eram atração muito apreciada nas festas da Lapinha (4 a 6 de janeiro), além das festas do Bonfim, Itapuã, Pituba e Rio Vermelho (no sábado imediatamente posterior à Lavagem).

Segundo seus organizadores, hoje, não se trata de uma festa “da Igreja” – no sentido de instituições



Ternos de Reis – Fotos: Edilece Couto, 2009.



Ternos de Reis - Fotos: Edilece Couto, 2009.

eclesiásticas –, mas isto não significa que não seja uma festa católica. “É uma coisa do católico, pois no centro está o louvor ao Menino Jesus”. O fundamento da festa corresponde às narrativas bíblicas sobre a infância de Jesus, nos Evangelhos de Lucas e Mateus. Todas as alegorias são criadas a partir de reinterpretações desta tradição. Também participam dos ternos pessoas que seguem o catolicismo e o candomblé, não sendo considerado problemática essa interseção pelos dirigentes dos ternos, “contanto que, na hora do terno, seja uma coisa do Menino Jesus, porque são religiões diferentes”.

Um traço peculiar à organização dos ternos de Reis, em Salvador, é a presença de três alas em que se dividem as dançarinas: as baianinhas, as ciganinhas e as pastorinhas. Não faltam os Reis Magos e as canções que cada terno apresenta, anualmente, são próprias de cada um. Costuma haver certa integração entre os ternos, o que foi viabilizado e potencializado pela criação de uma Associação Municipal. Isto se percebe na forma – muito delicada – como os componentes mais antigos de cada terno conhecem o repertório musical dos outros ternos. Ocasões como aniversários, funerais e comemorações têm sido propícias à manutenção desses laços.

Ultimamente, os ternos de Reis vêm enfrentando dificuldades para manter a tradição de se apresentar em janeiro. A cidade cresceu e muitos componentes residem em locais consideravelmente distantes, o que dificulta o transporte. Décadas atrás, os membros dos Ternos eram vizinhos e, em boa parte, parentes. Com a modernização da sociabilidade soteropolitana, isto se reconfigurou, sendo necessário encontrar estratégias novas para garantir a continuidade dos Ternos.

Atualmente, são 5 os ternos que se apresentam no Bonfim: Terno da Luz, de Santa Rita; Terno Estrela de Ouro, da Liberdade; Terno da Rosa Menina, de Pernambuco; Terno dos Astros, de Mussurunga; Terno das Ciganinhas, de Coutos. Outros dois Ternos não vêm se apresentando, mas ainda conservam sua identidade institucional e podem voltar a se apresentar: o Terno da Eterna Juventude, do Caminho de Areia, e o Terno das Ciganinhas, da Massaranduba.

## 10. O sentido da Festa do Bonfim

A Festa do Bonfim pode ser vista como uma estratégia pela qual a cidade se vê, se reúne consigo mesma, se dimensiona, entra em euforia com suas dimensões e sua própria vibração, regozija-se com sua extensão crescente. Afinal, a cidade do Salvador tem um Bom Fim. Os rostos estão alegres, iluminados. Alguns também estão cansados, mas isto não impede de ver a alegria, a euforia, a exaltação e exultação daqueles que vinham, às 3, 4, 5 horas da tarde, juntar-se à multidão.

Para a equipe que trabalhou neste dossiê, a manifestação mais impressionante da experiência de sentido da Festa do Bonfim vem das baianas que a frequentam como uma missão familiar. Muitas baianas recebem como herança o hábito de participar do cortejo e da Lavagem. É comum ouvir frases como: “Quanto eu era pequena, vi-



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

nha com minha avó. Hoje, trago minha neta e, um dia, ela vai trazer a neta dela. Faço qualquer sacrifício para estar aqui todo ano. E o Senhor do Bonfim abençoe a nós todos”. Mesmo considerando que o ofício de baiana de acarajé vem passando por transformações, inclusive por causa do crescimento do número de vendedoras de acarajé evangélicas, testemunhamos que persiste uma ligação profunda e comovente entre este ofício e a participação anual nos festejos, na maioria dos casos.

A festa ocupa, no seu decurso, cerca de 8 quilômetros, e mais ainda se considerarmos as ruas vizinhas por onde se espalha a multidão, no Bonfim. O tamanho da multidão é manifestação festiva da extensão da cidade. E a dinâmica da festa não pode deixar de estar, inclusive, em função dessas dimensões.

Podemos nos perguntar, próximos do final deste Dossiê: o que faz, historicamente, com que um templo, diversas entidades a ele relacionadas e sua festa tenham se tornado tão centrais no janeiro dos baianos? O próprio percurso – o sentido de romaria, de trajeto, de itinerário – poderia ser uma gramática fecunda para compreendermos elementos fundamentais da Festa do Bonfim.





Baianas na Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

O que parece mais interessante é ver como a Lavagem do Bonfim vem-se tornando, cada vez mais, uma festa de massas. Arrefeceu-se o caráter comunitário, diminuiu consideravelmente o número das pessoas com as cadeiras às portas, as famílias recebendo uma porção de amigos, parentes, conhecidos para comer feijoadada, os passeios das famílias pelas barracas. A Bahia de Jorge Amado, Dorival Caymmi, Carybé e Pierre Verger, em que a convivialidade baseada na proximidade e na interação constante pela conversa e pelo contato direto, deu lugar a uma cidade de três milhões de habitantes em que o conhecimento é muito mais mediatizado, inclusive os contatos humanos. O que temos agora é uma cidade que faz festas de massas. Nessas festas, os indivíduos e grupos descobrem ou inventam estratégias de se identificar, de não se perder.

Em meio a todas essas transformações, permaneceu a força do cortejo, que continua fazendo sentido para o conjunto da história desta festa. A Festa do Bonfim é uma festa popular de massas de grande magnitude. Neste tipo de festejo, o roteiro é a referência fundamental. O que surge e se consolida aos olhos da equipe

como eminentemente espiritual é que, seja para quem está lá na Colina ou para quem está ao pé da ladeira da Água Brusca, a festa é do Bonfim. A não ser na hora precisa da Lavagem, a Festa do Bonfim não tem propriamente um centro que seja um lugar; seu centro é o próprio percurso, o trajeto, o caminho. Consideramos este ponto central aos efeitos de compreender essa festividade possível nos nossos dias.

Uma contraprova singular do sentido que essa Festa faz para a cidade do Salvador como um todo é o depoimento de diversos evangélicos, como policiais, baianas de acarajé, comerciantes, residentes e outros, no sentido de que os festejos do Bonfim são importantes como “uma tradição cultural da Bahia”. Mesmo entre aqueles evangélicos mais reservados com relação ao consumo de bebida e aos trajes usados no dia da Lavagem, não se percebe restrição quanto ao valor dessa festa enquanto afirmação de um traço característico da sociedade baiana.

Outra dimensão importante da Festa do Bonfim é o significado que tem para os visitantes e turistas que aí vêm ter. Nenhum deles se referiu à festa como algo



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

curioso e desconhecido. Pelo contrário, todos os entrevistados mostraram já conhecer os festejos seja através da imprensa, seja do relato de amigos e parentes, seja ainda da literatura, da música ou da internet. A Festa do Bonfim, assim, integra o conjunto de referências da cultura brasileira que os visitantes e turistas já trazem consigo quando querem conhecê-la diretamente. Alguns depoimentos neste sentido: “Sempre desejei conhecer, porque ouvia muito falar. Faltava essa oportunidade”. “Desde que ouvia falar, nas músicas, na televisão, eu tinha vontade de vir aqui e fazer minha oração. Só hoje estou podendo realizar esse sonho”. “Acho que todo brasileiro devia vir aqui e ver que aquilo que a gente ouve no rádio, na televisão, acontece de verdade. É uma emoção muito grande, espero poder voltar e trazer meus filhos. A Festa do Bonfim é uma das coisas mais marcantes que já vi no Brasil”.

Foi possível constatar, também, que alguns frequentadores de outros estados brasileiros e baianos residentes em outros lugares vêm mais de uma vez, sendo que alguns mostram já ter vindo diversas vezes. “Sempre que posso, dou um jeito de vir. O ano passado, não pude vir, mas este ano, graças ao Senhor do Bonfim, estou aqui”. “Sou baiana, moro em Curitiba e todo ano que posso calculo minhas férias para estar aqui. É muito

importante para mim. Saio daqui emocionada como se fosse a primeira vez. Já estou pensando no ano que vem”.

Alguns desses visitantes criticam aspectos funcionais da Festa, sobretudo o transporte entre o Bonfim e o restante da cidade, como veremos no capítulo seguinte.

Enfim, pode-se afirmar que a experiência de participar da Festa recapitula informações, sensações, desejos, expectativas e significados que integram o acervo de ícones da cultura brasileira familiar a, pelo menos, boa parte dos adventícios que a frequentam.

## 11. A MODERNIZAÇÃO DA CIDADE E OS DESAFIOS DE GESTÃO DA FESTA DO BONFIM

Quem observa a Salvador contemporânea pode perceber diversos problemas que dizem respeito às festas de largo em geral, e não apenas à Festa do Bonfim. Alguns elementos podem ajudar a situar a festa no seu momento crítico:

Salvador não é mais uma cidade de 600 mil habitantes, como nos anos 1960. Cresceu e diversificou-se. Não se reconhece mais tanto, como outrora acontecia, nas suas referências comunitárias. Suas representações da sociabilidade não se baseiam, tanto quanto antes, nos valores como a familiaridade, a amizade, o compadrio,

a convivência prazerosa a que se dedicava tempo, que azeitavam a convivialidade descontraída e feliz. Esta, por sua vez, é a base da narrativa da baianidade, que se estendeu com tanto vigor até os anos 1990.

Para se formar uma idéia – ainda que simplificada – das implicações dessas modificações, basta ter em mente a incompatibilidade entre o tipo de festa que acontecia até os anos 1970 e o uso de equipamentos de som com volume elevado. Durante alguns anos, seja a Polícia, seja parte da imprensa, sejam ainda os representantes de uma postura mais tradicionalista e conservadora, acusavam os trios elétricos de “desvirtuar” a festa, referindo-se, sobretudo, à altura do som. Ora, mesmo depois de proibidos os trios, outros veículos continuaram a participar do cortejo com volumes de som elevadíssimos. Eram peruas e vans que faziam publicidade de sindicatos, associações, grupos de militância como ambientalistas, blocos de Carnaval, etc., que preenchiam o espaço sonoro tanto quanto os grandes trios elétricos. As próprias barracas, em alguns lugares, usam o som muito alto, chegando a inviabilizar a audição dos Ternos de Reis a 200 metros de distância, tal como acontece no Dia de Reis na Lapinha.

Um problema desafiante diz respeito à própria informação sobre os costumes tradicionais numa cidade do tamanho de Salvador. Por exemplo, nem todos os jovens e adolescentes sabem onde fica o Montserrat e parte deles jamais foi ao Bonfim. Não é difícil encontrar alunos de cursos universitários que desconhecem a situação de pontos como o Bonfim. A informação sobre as festas de largo, hoje, inclusive sobre o Bonfim, parece bem menor que vinte anos atrás. Em contrapartida, a população é informada, várias vezes por dia, acerca de empreendimentos privados, como o Bonfim Light, o Conceição Light, o Festival de Verão e outros eventos que acontecem no mesmo período. O Festival de Verão, organizado por entidades privadas na área de expansão urbana moderna de Salvador, chegou a coincidir com a festa do Rio Vermelho, roubando desta última o espaço na mídia, parte do policiamento e o sistema especial de transportes... Enfim, são outros tempos.

O transporte é um dos itens mais problemáticos da Festa do Bonfim. Findo o cortejo das baianas, seria possível manter o trânsito de coletivos que permitissem aos participantes ir e vir de diversos pontos da cidade, mas isto não acontece. Este item é um dos mais comentados pelos turistas, que precisam ficar horas à espera de uma condução para o local de hospedagem.

Poder-se-ia perguntar: como os gestores da Festa do Bonfim a apresentam à população, sobretudo



Baiana na Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

pela televisão, que hoje é o veículo mais importante de informação de massa? Através de entrevistas com participantes antigos, foi possível constatar que uma modificação radical por que passou a festividade foi o deslocamento progressivo de seu centro de referência. Em contraponto à presença massiva da população negro-mestiça da cidade do Salvador e do Recôncavo, passou-se a enfatizar, a partir dos anos 1970, a presença dos artistas, políticos, blocos carnavalescos, etc. Somente um estudo mais aprofundado da publicidade dos festejos do Bonfim poderia dar conta de esclarecer as modificações verificadas nesse campo das representações. O que se pode verificar é que, cada vez mais, as notícias passaram a enfatizar os itens especiais da composição da festa, em detrimento de seu componente mais nuclear, qual seja, o povo da Bahia e sua crença no Bom Fim de sua sociedade.

Outro problema não menos desafiante é a violência. Todos os policiais entrevistados dizem o Bonfim, especialmente no dia da Lavagem, é a mais difícil de administrar entre as festas populares de Salvador. Segundo eles, a associação entre os fatores álcool, drogas, som alto, sol intenso e longo percurso contribui para

desencadear agressões e dificultar o policiamento. Isto desencoraja a frequência da população mais idosa à Lavagem, assim como estorva a própria fruição da festa pelos que aí estão.

Outro item que vem tornar mais complexa a compreensão dos problemas relacionados à Festa do Bonfim é que a sociedade soteropolitana não pode ser retratada, simplesmente, com base no binômio catolicismo/candomblé. O crescimento dos evangélicos nos últimos vinte anos é notável. Entre as baianas entrevistadas, boa parte não somente jamais foi ao Bonfim, como tem uma imagem estereotipada da festa, como “uma procissão em que as pessoas carregam um santo”. E são baianas de acarajé, exercem sua profissão e, como tal, são reconhecidas pela população, ainda que com críticas por parte de alguns setores da população católica e/ou seguidora da tradição dos orixás.

Enfim, a Festa do Bonfim pode ser pensada, também, como um problema de gestão. Os encarregados parecem encontrar dificuldades em gerir o grande acontecimento de janeiro dos baianos. O que foi observado na última festa mostra isto. Vejamos.

Oficialmente, a Festa teria começado às 8 da manhã, mas isto não ocorreu antes das 9 e meia. Com efeito, a maioria das pessoas presentes na Conceição da Praia eram membros de partidos, ONGs, sindicatos, associações, etc. Boa parte dos membros desses grupos identificava-se pelas camisas e pelos adereços. Seu número era maior que aquele das baianas perfiladas para o cortejo.

À saída do cortejo, houve um culto ecumênico que não chegou a polarizar as atenções dos presentes. Este ano, não havia aquela classe média feérica, vestida de branco, com bandanas, bonés, em pequenos grupos vibrantes, com camisas de seus blocos, que aos poucos foram sendo chamadas abadás. Tampouco havia a multidão de populares que aguardava, ansiosa, a saída do cortejo das baianas. Tudo isto engrossava o caldo da saída do cortejo. Havia um clima de maravilhamento porque, afinal, tratava-se de mais um início feliz de uma festa de largo tão especial. Entretanto, esse maravilhamento não assumia as dimensões do êxtase de anos atrás, quando o cortejo saía unificado da frente da Conceição.

Há anos, os trios não saem mais no dia da Lavagem, e aqueles que querem se distrair no mês de janeiro têm outras ocasiões, como o Bonfim Light e a festa de Carlinhos Brown (que antes formava logo após o Gandhi), no mesmo dia, e dezenas de shows em que quase só se vêem pessoas mais claras, escolarizadas e com os bolsos cheios de fichas e cartões eletrônicos.



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Em 2009, o início da romaria aconteceu sem aparato institucional. Os organizadores desse momento podiam ter puxado o Hino do Senhor do Bonfim, de que quase todo mundo sabe cantar pelo menos o refrão... Já umas 9 horas, fiéis partidários de algumas siglas já estavam em seus postos para tomar seu lugar na cena. Um grupo numeroso – mais numeroso do que o das baianas – de jovens uniformizados, portando estandartes, fazia a propaganda do governo estadual.

Quanto às baianas, não se aglomeraram nas escadarias da Basílica da Conceição, como acontecia até anos atrás. Viam-se baianas sozinhas ou em grupos de duas, cinco, sete, dez... no meio da multidão, meio perdidas, meio achadas. Os Filhos de Gandhi não estavam logo atrás das baianas, ou estavam em número tão reduzido que não chamaram tanto a atenção. Não se viam carroças, nem jegues, nem cavalos que não fossem os da polícia. Algumas carroças despontavam mais tarde, na Av. Fernandes da Cunha, perdidas da ordem tradicional do cortejo. Poucas carroças, simples, comoventes, meio perdidas no meio das galeras. Junto a uma comitiva de Maragogipe, com algumas



Benção no dia da Lavagem – Foto: Marcelo Reis, 2010.

poucas caretas emblemáticas do seu Carnaval, no Largo de Roma.

Não aconteceu a saída do cortejo; não houve propriamente cortejo, assim como não houve propriamente lavagem. As baianas foram chegando à Igreja do Bonfim e lavando as escadarias em pequenos grupos, enquanto o alto-falante repetia, centenas de vezes, um CD de músicas natalinas da cantora Simone. Não era samba, não era o hino próprio da festa; eram canções de Natal que não se referiam ao tipo de comemoração ali realizado, nem à cidade do Salvador.

Seria equivocado considerar ruim a inovação enquanto tal. Este ano, uma novidade, comentada anteriormente, foi considerada altamente positiva: a bênção com a réplica do crucifixo na janela frontal da Basílica do Bonfim. Isto mostra o quanto a Lavagem do Bonfim é capaz de surpreender e manter sua tradição.

Como nos outros anos, a imensa maioria dos presentes não viu a Lavagem nem rezou diante da Basílica, nem foi abençoada pelo crucifixo. Essas cenas recapitulam e referenciam a festa, que está para muito além destas cenas. Nossa equipe pôde observar que, até o fi-

nal da tarde, havia grupos muito animados seguindo rumo ao Bonfim. Era uma romaria, enfim, numa cidade que hoje se caracteriza, como todas do seu tamanho, por uma cultura de massas.

A Festa do Bonfim é um desafio em termos de gestão. As multidões de soteropolitanos e visitantes maduros que continuam a participar da Festa, bem como os jovens e adolescentes que começam a dela fazer parte, acreditam no seu sentido. Isto deveria merecer, dos responsáveis pela administração da festa, um olhar mais atento e um planejamento cuidadoso. Conversando longamente com participantes da Festa e com diversos tipos de profissionais envolvidos na sua realização, constatamos que este desafio é proporcional ao tamanho da festa.

## 12. A FESTA DO BONFIM EM OUTROS LUGARES DO BRASIL E DO MUNDO

Além de Salvador, a devoção ao Senhor do Bonfim está presente em diversas outras cidades da Bahia, como Mata de São João, Macaúbas, Feira de Santana, Muritiba, Chorrochó, Nilo Peçanha, Senhor do Bonfim, Xique-Xique, Piatã, Jequiriçá, Barra do Choça, Jussari, Rio do Pires e Canavieiras<sup>76</sup>. Em Piritiba, o Senhor do Bonfim é o padroeiro. No Nordeste brasileiro, há celebrações para o Crucificado nos estados da Bahia, Sergipe (nas cidades de Salgado e Laranjeiras), Pernambuco (Olinda), Alagoas (Marechal Deodoro), Paraíba (Serra da Raiz) e Ceará (Fortaleza e Crateús).

Também encontramos a devoção ao Senhor do Bonfim em outras regiões. No Sudeste, há igrejas e festas nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Em Minas Gerais, concentra-se o maior número de cidades com igrejas dedicadas ao Crucificado. A devoção teve início no século XVIII nas seguintes cidades: Bocaiúva, Catas Altas, São João del Rey, Ouro Preto, Diamantina, Aracitaba e Bonfinópolis. No Rio de Janeiro o culto está presente na capital, Rio de Janeiro, em Magé e Angra dos Reis. Já no Estado de São Paulo, cultua-se Jesus na Cruz nas cidades de Sorocaba e Aparecida. No centro-oeste há festejos nos estados de Mato Grosso do Sul, especialmente na capital Campo Grande, e Goiás, onde o culto levou à construção de igrejas em Pirinópolis, Grajaú e Silvânia. Na região Norte, há festividade em

<sup>76</sup> Jornal *Monitor do Sul*. (Canavieiras-Ba). 24 de janeiro de 1904.

honra do Senhor do Bonfim em Conceição do Araguaia, no Pará.<sup>77</sup>

Não se pode afirmar que a festa se expandiu mecanicamente de Salvador para o conjunto do país. Por outro lado, as dimensões que ela alcançou, em Salvador desde o início até os nossos dias, dão suporte à suposição de que, tendo-se tornado conhecida em diversos pontos do Brasil, estimulou e favoreceu a consolidação de festas com o mesmo nome e com o mesmo alvo de devoção.



Antes de concluir este dossiê, é preciso ressaltar um item que não corresponde precisamente ao nosso objeto. Trata-se da comemoração também chamada Festa do Bonfim, que acontece em alguns pontos da África Ocidental como desdobramento do retromigração de africanos e baianos, sejam traficantes, sejam ex-escravos, com o fim do cativo.

Os *retornados* – ou *agudás* – praticam a festa do Senhor do Bonfim no Benin e na Nigéria, bem como em outros portos da África que se desenvolveram em função do tráfico. A Festa do Bonfim e outras, como a do *burian* (nome adaptado de *burrinha*), semelhante ao bumba-meu-boi, são manifestações culturais que identificam os *agudás* no contexto mais amplo das sociedades em que se encontram inseridos.

No atual Benin, a festa do Bonfim é realizada até os nossos dias nas cidades de Porto Novo, a capital, e Uidá, o maior porto de escravos daquela área nos séculos XVIII e XIX. Na primeira, a organização fica a cargo do conjunto dos *brasileiros*; na segunda, a cargo da família de Souza, cujo patriarca fundador é Francisco Félix de Souza, nascido na Bahia em 1754 e morto no Daomé em 1849, provavelmente o mais próspero traficante de escravos da história do Atlântico, que ocupou cargos de destaque na corte de Abomey e reuniu imensa fortuna.

Segundo Christine Henry, em Porto Novo, a festa do Senhor do Bonfim é celebrada no terceiro domingo após a Epifania. Na véspera, há o cortejo das famílias brasileiras que seguem uma banda executando samba, com a participação de muitos *agudás*. O cortejo faz pequenas paradas diante das casas dos brasileiros mais notáveis da cidade, que então ofertam bebidas aos participantes. No domingo pela manhã, celebra-se na catedral uma missa da qual participam muitos brasileiros que portam a bandeira da antiga Irmandade do Senhor do Bonfim, confeccionada em veludo recoberto de ouro, entronizado ao lado do altar. Segue-se uma grande recepção em praça pública, em que são servidas

comidas reconhecidas como *agudá* – o *cucido*, a *fejoade* e o *riz gras* (espécie de caldo muito condimentado e calórico), além da galinha, como se costuma fazer nas festas do litoral do Benin.

A interpretação mais conhecida da presença singular dos *agudás* no contexto da África Ocidental é de Pierre Verger:

Esses africanos que tinham vivido no Brasil retornavam para a África não mais africanos tais como tinham chegado à Bahia, mas “brasileiros”, que dizer, africanos abraçados pelo contato com a natureza, o meio e a cultura já vigorosamente mestiça desta parte da América.... Esses africanos e descendentes de africanos, tendo vivido no Brasil, principalmente na Bahia, voltaram para a África com costumes, hábitos, modos de vida que tinham adquirido em terra estrangeira aos quais se tinha ligado para sempre. Eles retornavam à África abraçados, abaianados, aporuguesados nos seus diversos hábitos, gostos, costumes, e até mesmo nos vícios... perpetuaram na África devoções como a do Senhor do Bonfim e festas, com danças, cantos, muito brasileiros<sup>78</sup>.

Referindo-se à documentação deixada pelo Pe. Pierre Bouche em 1868, Verger destaca a importância da presença de tradições brasileiras na África Ocidental.

A descrição do Pe. Bouche mostra a fidelidade dos “brasileiros” aos costumes da Bahia, fidelidade que conservaram até hoje. Não se trata do boi e do burro a assistir ao nascimento de Cristo, mas de costumes que existem ainda hoje na Bahia e em Pernambuco e, na África, em Porto Novo, Uidá e Lagos: são diversões chamadas Bumba-meu-boi ou Burrinha. Ainda existem sociedades de brasileiros naquelas cidades africanas. A de Porto Novo, cujo presidente, Casimiro de Almeida, é neto de Joaquim d’Almeida, celebra a Festa do Bonfim todos os anos, no terceiro domingo seguinte ao dia de Reis, exatamente como na Bahia. Depois da missa, à qual assistem todos os membros da confraria do Senhor do Bonfim, cada um dos membros trazendo sobre o peito, em diagonal, uma faixa verde e amarela, organizam um pique-nique, durante o qual as diversas famílias de “brasileiros” fazem refeição composta de pratos com receitas trazidas por seus avós: feijão de leite, moqueca de peixe, pirão, feijoada... O almoço é seguido de samba dançado como na Bahia, ao som de pandeiros e com palmas ritmadas<sup>79</sup>.

<sup>77</sup> Cf. FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

<sup>78</sup> VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XII a XIX*. São Paulo: Corrupio, 1987, p. 600.

<sup>79</sup> Idem, p. 618-619.

Segundo ainda Verger, celebrava-se na véspera a festa da burrinha. A interpretação do etnólogo é categórica:

Esse fenômeno de fidelidade é comparável ao dos descendentes de africanos que, na Bahia, continuam a celebrar o culto dos deuses levados pelos seus ancestrais do golfo de Benin e cantam em iorubá os mesmos cânticos da África <sup>80</sup>.

Os antigos escravos que retornaram à África tinham diferentes origens étnicas e só estavam unidos pelo passado comum vivido no Brasil. O que os unia era a memória comum de uma experiência social vivida. Essa memória se traduzia e tomava corpo através de práticas culturais, que configuravam toda uma maneira de ser<sup>81</sup>.

A inserção dos ex-escravos na sociedade global, enquanto cidadãos, ocorre por meio da sua identificação com os membros da colônia brasileira, reconhecida por todos os atores sociais envolvidos, que costumam chamar indistintamente tanto uns quanto outros de *agudás*. Antigos traficantes e os ex-escravos superaram socialmente a contradição entre as suas condições sociais iniciais para constituir juntos um grupo social suficientemente forte para poder consolidar as vantagens econômicas e sociais já adquiridas pelos primeiros brasileiros estabelecidos na região<sup>82</sup>.

Enfim, os *agudás* tiveram que inventar um lugar para si na velha e nova sociedade. Eram ao mesmo tempo aqueles que já tinham sido expulsos – vendidos como escravos – e estrangeiros, já que, ainda por cima, voltaram completamente diferentes, com “maneiras de branco”. A construção de uma nova identidade social a partir da memória do tempo vivido no Brasil foi para eles o meio de se inserir nessa sociedade.

A bricolagem de uma nova identidade étnica permitiu a inserção social dos antigos escravos retornados na qualidade de cidadãos de plenos direitos. Vale destacar, de acordo com Manuela Carneiro da Cunha, que a identidade étnica se constrói a partir da diferença, ou seja, em relação ao outro. Como enfatiza a autora, ao tratar dos *agudás*:

O que se ganhou com os estudos sobre a etnicidade foi a noção precisa de que a identidade é construída de maneira situacional e por contraste, ou seja, que ela constitui uma resposta política a uma determinada conjuntura, uma resposta articulada com as outras identidades envolvidas, com as quais forma um sistema <sup>83</sup>.

O que Verger afirma peremptoriamente, a partir das fontes que consultou e das manifestações culturais que

teve oportunidade de ver e fotografar, é a recriação da Festa do Bonfim no Golfo de Benin. O que fica ainda por pesquisar, entretanto, é até que ponto aquilo que hoje se chama de festa do Bonfim no Benin e na Nigéria corresponde mesmo a uma transplantação/recriação da Festa do Bonfim ou se é a criação de outra festa no mesmo calendário. O que o etnólogo afirma, referindo-se à relação entre a tradição dos orixás no Golfo de Benin e na Bahia, pode-se afirmar, com o mesmo tom categórico, quando se trata da permanência de costumes brasileiros no outro lado do oceano?

O aprofundamento do estudo sobre esses laços intercontinentais poderia permitir uma compreensão melhor do sentido da Festa do Bonfim tal como hoje se experimenta na própria Salvador, bem como qual o seu sentido como patrimônio histórico e cultural brasileiro.

### 13. RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

Durante a realização da pesquisa para a formulação do dossiê, evidenciamos transformações na Festa do Bonfim, empreendidas pelas instituições responsáveis pela organização do evento – como a Devoção, por meio dos Estatutos, e da Igreja, das portarias episcopais – ou pela própria dinâmica sócio-histórico-cultural da sociedade baiana.

Sabemos que não há imobilidade nas manifestações culturais e religiosas. Elas têm uma estrutura durável, ou seja, estruturas formais permanentes, e elementos fluidos, que podem desaparecer. Outros novos podem ser incorporados, podendo acontecer ainda o ressurgimento daqueles que foram abandonados ou esquecidos. Portanto, as festas – religiosas, cívicas ou carnavalescas – acompanham as transformações da sociedade na qual se realizam, sem que as mudanças se convertam em descaracterização. Não podemos perder de vista as continuidades, e tampouco as rupturas e mutações.

A Devoção e as autoridades eclesásticas têm buscado ações no sentido de aumentar a participação dos fiéis nos atos litúrgicos – novena, missas e procissão – e possibilitar o maior contato dos baianos, que vão à

<sup>80</sup> Idem, p. 619.

<sup>81</sup> Ver GURAN, Milton. **Agudás: os brasileiros do Benin**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1.

<sup>82</sup> Idem, p. 6.

<sup>83</sup> CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros estrangeiros: os escravos libertos e sua volta a África**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 206.

colina sagrada no dia da Lavagem, com o Crucificado.

A festa não corre risco de desaparecimento, mas os próprios organizadores reconhecem a necessidade de ações de preservação, seja no aspecto religioso ou cultural. Duas inovações, a partir de 2009, contribuíram para uma maior aproximação entre os fiéis e o Senhor do Bonfim. A primeira foi a realização da Procissão dos Três Pedidos no domingo de encerramento das homenagens. Após a caminhada pelas principais ruas que ligam a Fundação Irmã Dulce à Igreja do Bonfim, o préstito deu três voltas na praça da colina. É uma referência aos três pedidos que as pessoas fazem ao amarrar a fitinha do Bonfim no pulso ou nas grades da igreja.

A segunda inovação é ainda mais significativa. Aconteceu na quinta-feira, dia da Lavagem, durante um século, considerada por autoridades civis e religiosas e imprensa local como momento profano. Os baianos, proibidos de terem acesso ao interior da igreja desde 1890, tiveram a oportunidade de contemplar a imagem do Senhor do Bonfim, apresentada na janela do templo, com a bênção do Pe. Edson Menezes da Silva. Para muitos fiéis e estudiosos, o ato significou respeito e reconhecimento de que há nas festas do catolicismo baiano uma imbricação entre os cultos de entidades diferentes – nesse caso, Cristo e Oxalá – presentes em duas religiões – Cristianismo e Candomblé. Ressaltamos que as práticas sincréticas jamais se constituíram em um problema para os fiéis, e sim para parte do clero e alguns pais e mães de santo de Salvador. Assim, acreditamos que levar a bênção do Senhor do Bonfim aos participantes da Lavagem contribuiu para o fortalecimento da festa.

Demonstramos, dessa forma, as tentativas dos irmãos da Devoção e das autoridades eclesiásticas no sentido de inovar, recriar a Festa do Bonfim. Entretanto, essa pesquisa visa ao registro da festa como um bem de natureza imaterial, patrimônio cultural brasileiro. Assim, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, representante da União, ao outorgar esse título, deve assumir o compromisso de divulgar, preservar e recomendar ações de salvaguarda para a festa. Essas serão atribuições também dos órgãos municipais e estaduais e entidades envolvidas na organização dos festejos.

Algumas medidas deveriam ser adotadas para garantir a continuidade da Festa do Bonfim, com a preservação dos elementos mais significativos das suas programações religiosas e culturais.

Uma festa que atrai milhares de pessoas num único dia, o da Lavagem, que tem um percurso oficial com



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

cerca de 8 quilômetros, além das áreas adjacentes – porto, praças, ruas e ladeiras – que são pontos de chegada de grupos vindos de cidades do Recôncavo e de toda a cidade do Salvador, merece atenção especial no que diz respeito ao trânsito e à segurança. Observamos que, nesse dia, há o deslocamento para a Cidade Baixa do mesmo efetivo policial do Carnaval. Ou seja, a Lavagem do Bonfim é a segunda maior festa de rua de Salvador. É imprescindível, portanto, garantir a segurança dos participantes.

Torna-se necessário o incentivo e o apoio financeiro aos grupos de baianas, músicos e Ternos de Reis, elementos essenciais no desenrolar da festa.

As baianas abrem o cortejo da Lavagem na quinta-feira. O grupo dita o ritmo e a animação do percurso. E a lavagem do adro da Igreja do Bonfim, por elas realizada com Axé e água de amaci, é o ponto alto da festa. Entretanto, é preciso preparação e organização para esse momento. As roupas brancas, bordadas, rendadas e engomadas, bijuterias, adereços, flores e vasos têm um alto custo. Muitas mulheres, por maior devoção que tenham a Cristo e Oxalá, não dispõem de





Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

condições financeiras para arcar com essas despesas. Torna-se necessário, então, que os órgãos competentes identifiquem as baianas mais assíduas e forneça ajuda de custo e transporte. Além disso, muitas vezes o trajeto desde suas casas, localizadas nas ilhas, cidades do Recôncavo ou na periferia de Salvador, até a concentração em frente à Igreja da Conceição da Praia, é muito maior que aquele percorrido por todos os participantes. É fundamental garantir também água e alimento a essas mulheres.

É preciso também cuidar dos animais – dos jegues principalmente – que desde o século XIX estão presentes no cortejo. No início, eles acompanhavam os aguadeiros que recolhiam água nas diversas fontes da Cidade Baixa e transportavam os tonéis cheios para lavar a igreja. Logo surgiram as carroças enfeitadas para levar os devotos até a colina do Bonfim. Às vésperas da Lavagem de 2010, membros de organizações não governamentais – ONGs e sociedades protetoras dos animais tentaram proibir a participação de equinos na Lavagem. Alegaram, por meio de petição ao poder judiciário e ampla divulgação na imprensa, que o percurso era muito longo e extenuante para os animais, submetidos ao calor intenso, desidratação, má alimentação e estresse em função do barulho e da quantidade de pessoas nas ruas. Ora, somos favoráveis à fiscalização das condições de saúde e alimentação dos animais durante o cortejo, mas não à sua proibição. Seria retirar, de forma radical e desnecessária, um dos principais elementos do tradicional cortejo.

Como foi evidenciado no dossiê, a Festa do Bonfim tem na música uma das suas principais referências. A novena, cantada em latim e executada por orquestra e coral, foi registrada em CD, assim como os dois hinos. Entretanto, é preciso cuidar do samba, patrimônio cultural, música e dança que caracterizam os festejos. Inúmeros são os grupos que acompanham o cortejo. Além disso, essa festa, como foi amplamente demonstrado no dossiê, inspirou muitos artistas a comporem canções para essa ocasião, inclusive sambas-enredo de Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Durante a observação participante nos dois últimos anos, percebemos o descaso com a música executada no alto-falante da igreja antes da chegada do cortejo. Eram, em sua grande maioria, canções do ciclo natalino que nada têm a ver com a festividade. Torna-se urgente intervir nessas execuções a fim de valorizar o hino popular e o repertório de sambas em homenagem ao Bonfim.

Outra expressão cultural que tradicionalmente marca presença na Festa do Bonfim e exige ação de salvaguarda são os Ternos de Reis. Atualmente, são poucos grupos que se apresentam na noite de sábado. A diminuição dessa frequência pode ser explicada por alguns fatores: 1. A modernização tirou do centro da cidade os concursos de reisados que aconteciam nessa área até as primeiras décadas do século passado, fazendo com que as apresentações ficassem restritas às periferias e em âmbito quase exclusivamente familiar; 2. Os Ternos são formados e mantidos por familiares, amigos e vizinhos. Há grande



Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1959.

dificuldade na passagem da liderança. Com a morte do Reiseiro, o grupo tende a se desfazer ou passar longo período sem realizar a brincadeira; 3. Por último, o maior dos problemas: a falta de financiamento para confeccionar a indumentária e os adereços, bem como para alimentar e transportar os integrantes até os locais das apresentações.

Para que os grupos culturais continuem se apresentando na Festa do Bonfim e para garantir a própria continuidade da maior manifestação religiosa e cultu-

ral dos baianos, é importante, além do financiamento, promover ações de educação patrimonial, tanto na educação formal, por meio das escolas, como também nas comunidades e paróquias envolvidas. Faz-se necessário criar e manter estratégias de incentivo à realização dos festejos para as próximas gerações, assim como a conscientização acerca do significado e valor do patrimônio cultural, e não apenas acentuar o enfoque religioso ou folclórico, como costuma acontecer nos meios educacionais.

# Considerações Finais

A Festa do Bonfim, grandiosa na organização, no número de participantes e fiéis, na importância que tem para a Devoção do Senhor do Bonfim, católicos e adeptos das religiões afro-brasileiras e na representatividade para a cultura baiana, não conheceu períodos de declínio, nunca deixou de ser realizada nesses 265 anos de devoção. Portanto, não parece haver algo que se configure como risco de extinção da festividade.

A maior e mais expressiva manifestação de fé dos baianos também se configura como sua maior expressão cultural. Natural que uma festa que teve início no século XVIII e permanece plena de significados para uma sociedade, se renove. E foram muitas as transformações ao longo dos séculos. Porém, a pesquisa revelou que as homenagens ao Senhor do Bonfim não se desfizeram de suas características essenciais, pelo contrário, incorporaram novos elementos, diferentes segmentos sociais na organização e participação e diversas manifestações culturais.

Em sua origem, a Festa do Bonfim era um evento católico, organizado por uma associação leiga, a Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, formada em 1745 por portugueses, especialmente navegantes e comerciantes, para render homenagens ao Jesus Crucificado pelas graças alcançadas, seja uma viagem marítima bem sucedida ou uma transação comercial favorável. A irmandade foi a responsável pela implantação do culto, construção da igreja e da casa dos romeiros, pavimentação de ruas e ladeiras de acesso à Colina do Bonfim.

Cerca de 50 anos depois, no início do século XIX, a Festa do Bonfim já não era mais exclusiva de um grupo específico, os irmãos brancos portugueses e seus descendentes, membros da elite social e política de

Salvador. As mulheres da irmandade de São Gonçalo, com altar lateral na Igreja do Bonfim, passaram a lavar o templo com água perfumada com flores e plantas utilizadas no culto afro-brasileiro, música e dança. Dessa forma, a festividade ganhou um bem cultural, a Lavagem, que a distinguiria das expressões religiosas de outros lugares do Brasil, e se tornaria significativa para outro grupo religioso, formado pelos adeptos do Candomblé, que fariam da quinta-feira um dia dentro da programação dos festejos do Senhor do Bonfim para cultuar também Oxalá.

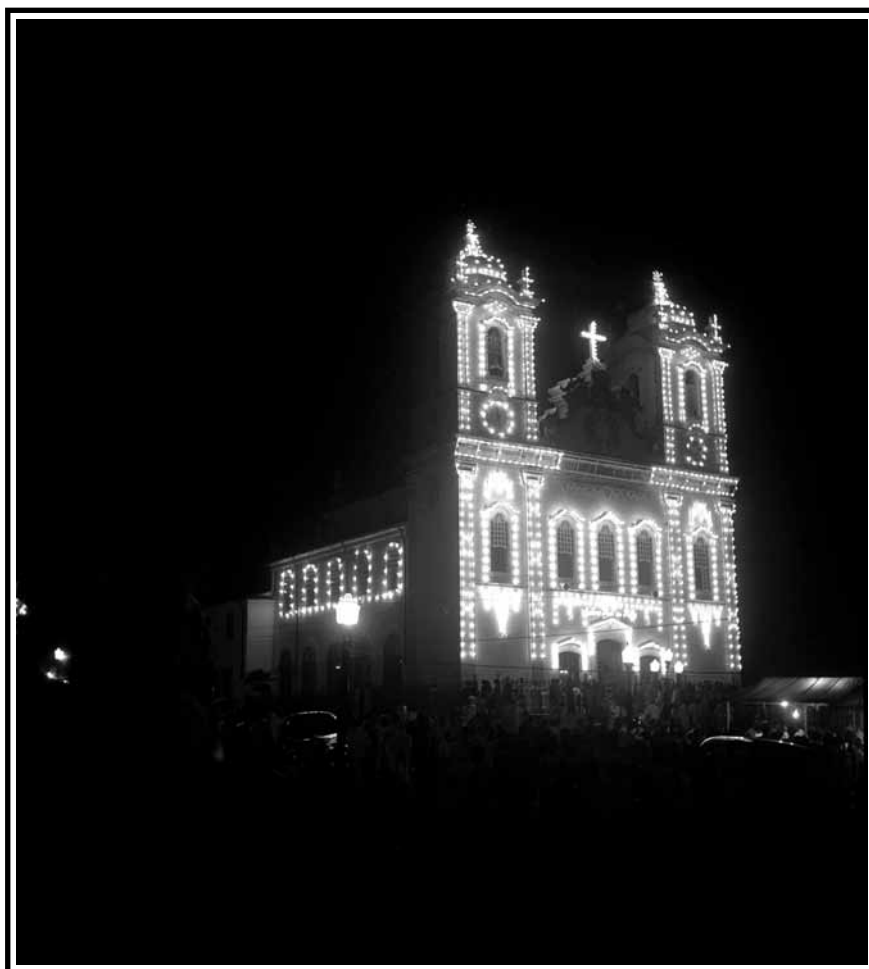
O clero católico, insatisfeito com essa mistura de crenças, tentou, por diversas vezes, proibir a realização das lavagens das igrejas durante as festas dos seus padroeiros. Em 1889, o arcebispo dom Luís Antônio dos Santos proibiu, por meio de Portaria, as lavagens nas igrejas da capital. As portas da Igreja do Bonfim foram fechadas, mas as baianas continuaram lavando o adro e a escada do templo e fazendo do cortejo, que sai da Igreja da Conceição da Praia, uma importante romaria de devotos de diferentes lugares de moradia, classes sociais e crenças religiosas, unidos para festejar Jesus e Oxalá, render graças a Deus e expressar agradecimento aos seus intermediários.

Quando a pesquisa foi iniciada, em 2009, tivemos a surpresa e o privilégio de acompanhar outra significativa mudança. Na quinta-feira da Lavagem, o Pe. Edson, com o apoio da arquidiocese, o arcebispo Dom Geraldo Magella e os membros da Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, levou a imagem peregrina do Senhor do Bonfim até uma das janelas da igreja para abençoar os fiéis e participantes da festa. Se ainda não foi possível abrir as portas do templo aos devotos nesse

dia, o ato foi uma tentativa de minimizar os efeitos da proibição do final do século XIX. Demonstra a intenção de algumas autoridades eclesiásticas de reconhecer que a vivência religiosa dos baianos é plural e promover a tolerância religiosa.

Todas essas mudanças evidenciam a vitalidade dessa manifestação religiosa e cultural. Elas acompanharam as principais transformações religiosas, sociais e políticas da sociedade baiana. A festa teve início no período colonial brasileiro, fortemente marcado pela união entre a Igreja Católica e o Estado português, época também de efervescência das irmandades religiosas, responsáveis pela organização e difusão do culto aos santos. No final do século XIX, a liberdade dos fiéis na

promoção do catolicismo espetacular, visível especialmente nas festas dos padroeiros, passou a ser tolhida pelas autoridades eclesiásticas e civis. O clero pretendia combater o sincretismo e os senhores escravocratas, políticos, magistrados e a polícia estavam preocupados com a aglomeração de escravos nesses espaços festivos também propícios a realização de revoltas e à africanização cultural no país que se desejava republicano, moderno e civilizado. No século XX, observa-se a festa enquanto elemento formador da identidade, afirmação da baianidade, momento de visibilidade para os diversos grupos políticos e espaço apropriado para o desenvolvimento turístico de Salvador. Esses aspectos estão, em menor ou maior grau, presentes nos festejos atuais.



Igreja do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.



# Fontes

- ◆ Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB)
  1. Setor de arquivos privados - fotografias do Bonfim;
  2. Setor Colonial - Seção de arquivos coloniais e provinciais. Inventário dos documentos do Governo da Província – II Parte.
  
- ◆ Arquivo da Devoção do Senhor do Bonfim – ADSB  
Atas de reuniões da Devoção – séculos XIX e XX;  
Correspondências da Mesa Administrativa da Devoção;  
Programações das festas do Senhor do Bonfim.
  
- ◆ Bahiatursa  
Coleção de fotografias (2006-2009)
  
- ◆ Biblioteca Central do Estado da Bahia (BPEB)  
Setor de jornais e periódicos  
Jornal Correio da Bahia (2000-2009)  
Jornal A Tarde (2000-2009)
  
- ◆ Biblioteca do Mosteiro de São Bento (BMSB) - Salvador-Ba  
**COLEÇÃO de obras de D. Romualdo Antonio de Seixas.** Pernambuco, 1839.
  
- ◆ HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia, 1860:** esboços de viagem. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.
  
- ◆ Laboratório Eugênio Veiga (LEV-UCSAL)
  1. Estatutos da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim de 1944 e 1955.
  2. Documentos sobre eleição da Devoção (décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960-avulso).
  3. Documento sobre a saída da imagem do Senhor do Bonfim à Igreja da Conceição da Praia de 1942.
  4. Termo de Compromisso da irmandade do Senhor Bom Jesus do Bonfim de 1878.
  5. Documentação manuscrita sobre alteração de alguns artigos do Compromisso de 1882.





# Referências

- ANAIIS do Arquivo Publico da Bahia sob a direção de Alfredo Vieira Pimentel. Volume XXIX (1943). Bahia, Imprensa Oficial, 1946.
- ABREU, Martha. **O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- AMADO, Jorge. **Bahia de todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador**. São Paulo: Martins, 1945.
- AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil: aspectos Históricos**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. **A devoção do Senhor J. do Bom-Fim e sua História**. Salvador: Typ. de São Francisco, 1923.
- COUTO, Edilece Souza. **A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA)**. Ilhéus: Universidade Livre do Mar e da Mata, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. Tese de Doutorado em História - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis-SP, 2004.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ESPIRITO SANTO, Moisés. **A religião popular portuguesa**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.
- FESTAS, Ritos, Celebrações. **Revista Projeto História**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP/ Educ, nº28, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.) **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FERREZ, Gilberto. **Bahia: velhas fotografias (1858-1900)**. Rio de Janeiro: Kosmos Ed.1988.
- FRANÇA, Rosa Alice. **As Cores do Bonfim**. Salvador, 2003.
- GROTELEARS, Martien M. **Quem é o Senhor do Bonfim: o significado do Senhor do Bonfim na vida do povo da Bahia**. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GUERRA, Enéas (org.) **Carybé & Verger - Gente da Bahia**. Salvador: Fundação Pierre Verger e São Paulo: Solisluna Design e Editora, 2008.
- GUIMARÃES, Eduardo Alfredo Moraes. **Religião Popular, Festa e o Sagrado: Catolicismo popular e afro-brasilidade na festa do Bonfim**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador: UFBA, 1994.
- JANCSO, István; KANTOR, Íris (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; Edusp; FAPESP; Imprensa Oficial, 2001, 2 v.
- LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LISBOA JÚNIOR, Luís Américo. **A Presença da Bahia na Música Popular Brasileira**. Brasília: Musimed/Sobrindes, 1990.
- MOURA, Milton. **Carnaval e Baianidade**. Arestas e Curvas na Coreografia de Identidades do Carnaval de Salvador. Tese de Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas, UFBA, 2001.
- OTT, Carlos. A transformação do culto da morte da Igreja do Bonfim em santuário de fertilidade. **Revista Afro-Ásia**. Salvador: CEAO, nº 8-9, 1969.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 216-232, 1988.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUERINO, Manoel. **A Bahia de outrora**. Salvador: Progresso, 1946.

PEQUENO **guia das igrejas da Bahia X Igreja do Bonfim**. Salvador. Artes Gráficas, 1951.

RODRIGUES, Jaime. Cultura marítima: marinheiros e escravos no tráfico negreiro para o Brasil (sécs. XVIII E XIX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, nº 38, p. 15-53, 1999.

SANTANA, Mariely Cabral de. O Lugar da Devoção: Materialização da Fé na Colina do Bom-Fim. In: **VIII Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões**. São Luís-MA: ABHR, p.1-10, 2006.

\_\_\_\_\_. **Alma e Festa de uma Cidade: devoção e construção na colina do Bonfim**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SERRA, Ordep. **Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia**. Salvador: Edufba, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. **Parati: a cidade e as festas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Tempo Brasileiro 1994.

TEIXEIRA, Cid. **Bahia em tempos de província**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1985.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos**. Salvador: Ed. Corrupio, 3 ed, 1987.

\_\_\_\_\_. **Retratos da Bahia: 1946 a 1952**. 3 ed. Salvador: Corrupio, 2002.

VIANNA, Antônio. **Quintal de nagô e outras crônicas**. Salvador: UFBA / Centro de Estudos Baianos, 1979.

VIANNA, Hildegardes. **Calendário oficial de festas populares da cidade do Salvador**. Salvador: Prefeitura Municipal, 1983.